A Clarividencia

Colecção "THEOSOPHICA E ESOTERICA"

VOLUMES PUBLICADOS:

I *Compendio de Theosophia*
por C. W. Leadbeater. 1 volume. 400

II *Os Ideaes da Theosophia*
por Annie Besant. 1 volume. 300

III *A Clarividencia*
por C. W. Leadbeater. 1 volume. 400

NO PRELO:

IV *Auxiliares Invisiveis*
por C. W. Leadbeater. 1 volume. . . . . .

COLLECÇÃO "THEOSOPHICA E ESOTERICA"—III

C. W. LEADBEATER

A Clarividencia

Traducção de FERNANDO PESSOA

LISBOA
LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA
17, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 17
1916

Composto e impresso na TYP. SANTOS
62, Rua das Flores, 64 — PORTO

CAPITULO I

O que é a clarividencia

Literalmente, clarividencia quer dizer simplesmente «vêr claro», e é uma palavra que tem sido bastas vezes mal empregada, e mesmo degradada ao ponto de a applicarem para descrever as artimanhas d'um charlatão num theatro de variedades. Mesmo no seu sentido mais restricto, abrange um grande numero de phenomenos, tão divergentes nos seus caracteristicos que não é facil dar uma definição do termo que seja ao mesmo tempo concisa e justa. Tem-se-lhe chamado «visão espiritual», mas não se pode conceber traducção mais erronea, porque na grande maioria dos casos não está ligada a ella faculdade alguma que de longe mereça que a honrem com um nome tão elevado.

Para os fins d'este tratado poderemos, talvez, definil-a como sendo o poder de ver o que está occulto á visão physica normal. Será bom

Constantemente nos é garantido nos livros theosophicos que estas faculdades superiores brevemente terão de ser herança da humanidade em geral — que a capacidade clarividente, por exemplo, existe latentemente em cada individuo, e que aquelles em quem ella já se manifesta apenas estão, nesse sentido, um pouco mais avançados do que os outros homens. Ora esta declaração é verdadeira, e comtudo parece absolutamente vaga e irreal á maioria das pessoas, simplesmente porque consideram tal faculdade como sendo uma cousa absolutamente differente de tudo de quanto teem tido experiencia, e confiadamente crêem que elles, pelo menos, serão inteiramente incapazes de a desenvôlver em si.

Talvez tenda a desvanecer esta impressão de irrealidade se nos esforçarmos por comprehender que a clarividencia, como muitas outras cousas da natureza, é sobretudo uma questão de vibrações, e não passa, de resto, de uma extensão dos poderes que todos os dias empregamos. Vivemos sempre cercados por um vasto mar de ether e de ar, aquelle entrepenetrando este, como, aliás, a toda a materia physica; e é principalmente por vibrações nesse grande mar de materia que nos chegam as impressões do exterior. Isto sabemos todos, mas talvez a muitos de nós nunca tenha occorrido que o nu-

mero d'essas vibrações a que podemos responder é na verdade pequenissimo.

Entre as vibrações excessivamente rapidas que affectam o ether ha uma certa pequena secção — uma secção pequenissima — que pode affectar a retina humana, e este genero de vibrações produz em nós a sensação a que chamamos luz. Isto é, podemos ver só aquelles objectos de onde pode ou sahir ou ser reflectido esse genero de luz.

De modo inteiramente analogo, o tympano do ouvido humano é capaz de responder a um certo numero pequenissimo de vibrações relativamente lentas — sufficientemente lentas para que affectem o ar que nos cerca; e, assim, os unicos sons que podemos ouvir são aquelles que são produzidos por objectos que vibram num grau dentro da gamma d'essas vibrações.

Em ambos os casos, sabe a sciencia perfeitamente que ha grande numero de vibrações tanto acima como abaixo d'estas duas secções, e que portanto ha muita luz que não podemos ver e muitos sons a que os nossos ouvidos são surdos. No caso da luz, a acção d'essas vibrações superiores e inferiores é facil de perceber nos effeitos produzidos pelos raios actinicos numa extremidade do espectro e pelos raios do calor na outra extremidade.

O facto é que existem vibrações de todos os

graus concebiveis de rapidez, enchendo todo o vasto espaço que medeia entre as lentas ondas do som e as rapidas ondas da luz; nem é isso tudo, pois que ha sem-duvida vibrações mais lentas do que as do som e uma infinidade d'ellas mais rapidas do que aquellas que conhecemos sob a forma de luz. E assim começamos a comprehender que as vibrações pelas quaes vemos e ouvimos são apenas como que dois pequenos grupos de poucas cordas numa harpa enorme de extensão practicamente infinita, e quando reflectimos em quanto nos tem sido possivel aprender e deduzir do uso d'esses pequenos fragmentos, entrevemos vagamente que possibilidades podiam revelar-se-nos se pudessemos utilisar o todo vasto e maravilhoso.

Um outro facto, que tem de ser considerado em relação a este, é que differentes individuos variam consideravelmente, se bem que dentro de limites relativamente pequenos, na capacidade, que teem, de responder mesmo ás pouquissimas vibrações que estão ao alcance dos nossos sentidos physicos. Não me refiro á agudeza de vista ou de ouvido que torna possivel a um individuo ver um objecto mais indeciso ou ouvir um som mais tenue do que outro individuo; não se trata, de modo algum, d'uma questão de força de vista, mas sim de extensão de susceptibilidade.

Por exemplo: se se pegar num bom prisma de bisulfito de carbone, e com elle se lançar um espectro nitido sobre uma folha de papel branco, levando depois varias pessoas a marcar no papel os limites extremos do espectro, tal qual o vêem, verificar-se-ha quasi sempre que o poder de visão d'essas pessoas varia consideravelmente de umas para outras. Algumas verão o violeta extender-se muito mais longe do que outras; outras haverá que, vendo muito menos do violeta do que a maioria, terão porém uma visão maior do vermelho. Algumas haverá, talvez que possam ver mais do que as outras a ambas as extremidades, e estas serão quasi infallivelmente aquillo a que chamamos gente sensivel — susceptiveis de um alcance maior de visão do que a maioria da gente hoje-em-dia.

Na audição, a mesma divergencia se poderá demonstrar com qualquer som que, sendo muito tenue, não esteja porém fóra do alcance do ouvido — um som, por assim dizer, na fronteira da audibilidade — e ver quantas pessoas, entre varias, o conseguem ouvir. O guincho d'um morcego é um bom exemplo d'um som d'estes, e a experiencia mostrará que numa noite de verão, quando o ar está cheio dos guinchos agudos, como agulhas, d'estes animaesinhos, muita gente haverá que nenhuma consciencia tenha d'elles, incapaz de todo de os ouvir.

Ora estes exemplos mostram claramente que não ha limite definido ao poder, que o homem tem, de responder ás vibrações etherica ou atmosphericas, mas que já ha alguns de nós que tenham esse poder mais desenvolvido do que outros; e verificar-se-ha, mesmo, que no mesmo individuo essa capacidade varia de umas occasiões para outras. Não é, pois, difficil imaginarmos que um individuo possa desenvolver este poder de modo a vir a poder ver muita cousa que é invisivel aos seus semelhantes, a ouvir muita cousa que elles não podem ouvir, visto que sabemos que existe um numero enorme d'estas vibrações addicionaes, que apenas como que esperam ser conhecidas.

As experiencias feitas com os raios Roentgen dão-nos um exemplo dos resultados espantosos que se produzem quando mesmo poucas d'estas vibrações addicionaes são trazidas para o alcance do conhecimento humano, e a transparencia, a estes raios, de muitas substancias até aqui tidas por opacas, immediatamente nos mostra pelo menos uma maneira em que se pode explicar taes phenomenos de clarividencia elementar, como sejam ler uma carta fechada numa caixa ou descrever as pessoas que estão numa sala contigua. Aprender a ver pelos raios Roentgen, além de pelos vulgarmente empregados, seria bastante para tornar qual-

quer individuo capaz de executar um acto magico d'essa natureza.

Até aqui temos considerado apenas uma extensão maior dos sentidos physicos do homem; e, quando reflectimos que o corpo etherico d'um individuo é na realidade apenas a parte mais tenue do seu corpo physico, e que portanto todos os orgãos dos seus sentidos conteem uma grande parte de materia etherica em varios graus de densidade, a capacidade da qual está ainda apenas latente na maioria de nós, comprehendemos que, mesmo limitando-nos a esta linha de desenvolvimento, ha já enormes possibilidades de todas as especies abrindo-se deante de nós.

Mas além e acima d'isto sabemos que o homem tem um corpo astral e um corpo mental; cada um dos quaes pode, com tempo, ser acordado para a actividade, e por sua vez responder ás vibrações da materia do seu plano, assim abrindo ao Eu, á medida que elle aprende a funccionar atravez d'estes instrumentos, dois mundos inteiramente novos e immensamente maiores de conhecimento e de poder. Ora estes novos mundos, se bem que nos cerquem e uns aos outros se entrepenetrem, não devem ser considerados como distinctos e inteiramente desligados quanto á sua substancia, mas antes como fundindo-se uns nos outros, o astral inferior formando uma série directa

com o physico superior, assim como o mental inferior, por sua vez, forma uma série directa com o astral superior. Não nos é exigido, ao pensarmos nelles, que imaginemos qualquer nova e estranha especie de materia, mas simplesmente que consideremos a vulgar materia physica como tão ténuamente subdividida e vibrando com uma rapidez tão superior que nos revela condições e qualidades que se podem dizer inteiramente novas.

Não nos é, pois, difficil comprehender a possibilidade de um alargamento regular e progressivo dos nossos sentidos, de modo que, tanto pela vista como pelo ouvido, possamos apreciar vibrações muito superiores e muito inferiores áquellas que são vulgarmente conhecidas. Uma grande secção d'estas vibrações addicionaes pertencerá ainda ao plano physico, e apenas nos tornará possivel obter impressões da parte etherica d'esse plano, que actualmente é para nós um livro fechado. Essas impressões serão ainda obtidas pela retina; affectarão, é claro, a sua materia etherica, e não a solida, mas podemos, ainda assim, consideral-as como agindo apenas sobre um orgão especialisado para as receber, e não sobre a superficie total do corpo etherico.

Ha, porém, alguns casos anormaes em que outras partes do corpo etherico respondem a essas vibrações addicionaes tão, ou mesmo

mais, promptamente de que os olhos. Essas anormalidades são explicaveis de diversas maneiras, mas sobretudo como effeitos de qualquer parcial desenvolvimento astral, pois que se verificará que as partes sensiveis do corpo quasi que invariavelmente correspondem a um ou outro dos *chakrams* ou centros de vitalidade no corpo astral. E ainda que, se a consciencia astral não estiver ainda desenvolvida, estes centros não sejam aproveitaveis no proprio plano a que pertencem, teem, comtudo, força sufficiente para estimular para uma actividade maior a materia etherica que penetram.

Quando passamos a considerar os sentidos astraes propriamente ditos, os methodos de trabalho são muito differentes. O corpo astral não tem orgãos de sentidos especialisados, e é este um facto que talvez precise de ser bem esclarecido, visto que muitos estudiosos, que tentam comprehender a sua physiologia, acham que isso é difficil de conciliar com as affirmações que se teem feito, sobre a perfeita entrepenetração do corpo physico pela materia astral, sobre a exacta correspondencia dos dois instrumentos, e sobre o facto de que cada objecto physico tem necessariamente o seu correspondente astral.

Ora todas as affirmações são verdadeiras, e comtudo é perfeitamente possivel que as não comprehendam bem individuos que normal-

mente não teem a visão astral. Cada ordem de materia physica tem a sua ordem correspondente de materia astral em constante communicação com ella, nem d'ella pode ser separada excepto por um exercicio consideravel de força occulta, e, mesmo assim, só está d'ella separada emquanto tal força se exerce para tal fim. Mas, apesar de tudo isso, a entre-relação das particulas astraes é muito mais lassa do que a das suas correspondentes physicas.

Numa barra de ferro, por exemplo, temos uma massa de moleculas physicas na condição solida — isto é, capazes de mudanças relativamente pequenas nas suas posições relativas, ainda que vibrando cada uma com immensa rapidez na sua esphera propria. O correspondente astral d'isto consiste d'aquillo a que muitas vezes chamamos materia astral solida—isto é, materia do mais baixo e mais denso subplano do astral; mas as suas particulas constante e rapidamente estão mudando a sua posição relativa, movendo-se umas entre as outras com a mesma facilidade com que o fariam as de um liquido no plano physico. De modo que não ha associação permanente entre qualquer particula physica e aquella quantidade de materia astral que aconteça estar sendo, em determinado momento, o seu correspondente.

Isto é egualmente verdade com respeito ao corpo astral do homem, que, para os nossos

fins de momento, poderemos considerar como consistindo de duas partes — o aggregado mais denso que occupa exactamente a posição do corpo physico, e a nuvem de mais tenue materia astral que cerca esse aggregado. Em ambas estas partes, e entre as duas, está constantemente dando-se a rapida intercirculação de particulas que se descreveu, de modo que, ao observarmos o movimento das moleculas no corpo astral, constantemente nos occorre a sua semelhança com as de agua em forte ebullição.

Posto isto, facilmente se comprehenderá que, comquanto qualquer orgão do corpo physico terá sempre de ter como seu correspondente uma certa quantidade de materia astral, esse orgão não retem as mesmas particulas durante mais de uns segundos de cada vez, e por conseguinte nada ha que corresponda á especialisação de materia nervosa physica em nervos opticos ou auditivos, etc. De modo que, comquanto o olho ou ouvido physico tenha sempre o seu correspondente de materia astral, esse especial fragmento de materia astral não é mais (nem menos) capaz de responder ás vibrações que produzem a visão ou a audição astral do que qualquer outro fragmento do instrumento.

Nunca se deve esquecer que, comquanto constantemente tenhamos de nos referir a «vi-

são astral» ou «audição astral» para nos fazermos comprehender, o que queremos dizer com essas expressões é a faculdade de responder a vibrações das que levam á consciencia do individuo, quando elle funcciona no seu corpo astral, informação da mesma natureza do que aquella que lhe é dada atravez dos seus olhos e dos seus ouvidos quando elle está no seu corpo physico. Mas nas, inteiramente differentes, condições astraes, não são precisos orgãos especialisados para a obtenção d'este resultado; ha em todas as partes do corpo astral materia capaz de responder a taes vibrações, e porisso o individuo funccionando nesse corpo vê da mesma maneira objectos que estão por detraz d'elle, por cima d'elle, por baixo d'elle, sem precisar para isso mexer a cabeça.

Ha, porém, um outro ponto que não seria justo omittir de todo, e esse é a questão dos *chakrams* a que acima me referi. Os estudantes da Theosophia conhecem bem a idéa da existencia nos corpos astral e etherico do homem de certos centros de força que teem de ser, cada um por sua vez, vivificados pelo *fogo da serpente* á medida que o homem avança na evolução. Ainda que se não possa dizer que estes são orgãos, no sentido vulgar da palavra, pois que não é atravez d'elles que o homem vê ou ouve, como na vida physica atravez de

olhos e de ouvidos, é comtudo, ao que parece, em grande parte da vivificação d'esses centros que o poder de exercer estes sentidos astraes depende; e á medida que cada um d'esses centros é vivificado, elle dá a todo o corpo astral o poder de responder a um novo grupo de vibrações.

Nem teem estes centros, porém, ligada a elles qualquer aggregação permanente de materia astral. Elles são apenas vortices na materia do corpo — vortices atravez dos quaes todas as particulas alternadamente passam — pontos, talvez, nos quaes a força superior de planos mais altos age sobre o corpo astral. Mesmo esta descripção não dá senão uma idéa parcial do seu aspecto, porque, na realidade, elles são vortices de quatro dimensões, de modo que a força que vem atravez d'elles, e é a causa da sua existencia, parece surgir de parte nenhuma. Mas, seja como fôr, visto que todas as particulas, umas após outras, passam por cada vortice d'esses, claro está que é possivel a cada um evocar em todas as particulas do corpo o poder de receptividade para com um certo grupo de vibrações, de modo que todos os sentidos astraes são egualmente activos em todas as partes do corpo.

A visão do plano mental é, por sua vez, inteiramente differente, porque neste caso já não podemos fallar de sentidos separados taes como

a vista e o ouvido, mas temos, antes, que postular um sentido geral que responde tão plenamente ás vibrações que o attingem que qualquer objecto que chegue ao seu conhecimento é immediatamente por elle comprehendido, é, por assim dizer, visto, ouvido, palpado, e inteiramente conhecido numa só operação instantanea. E, comtudo, mesmo esta maravilhosa faculdade não differe senão em grau, e não em especie, d'aquellas que estão ao nosso alcance actualmente; no plano mental, exactamente como no physico, as impressões são dadas por meio de vibrações projectadas do objecto visto sobre o individuo que vê.

No plano buddhico encontramos pela primeira vez uma faculdade inteiramente nova, que nada tem de commum com aquellas de que temos fallado, pois que naquelle plano um individuo toma conhecimento de um objecto por um meio inteiramente differente, no qual as vibrações externas não teem parte nenhuma. O objecto torna-se parte d'elle, individuo, e elle estuda-o de dentro em vez de de fóra. Mas com *este* poder a clarividencia de que aqui tratamos nada tem.

O desenvolvimento, completo ou parcial, de qualquer d'estas faculdades caberia dentro da nossa definição de clarividencia — o poder de vêr aquillo que está occulto á visão physica normal. Mas estas faculdades podem ser desen-

volvidas de varias maneiras, e será bom dizer algumas palavras a esse respeito.

Podemos calcular que se fôsse possivel que, durante a sua evolução, um individuo estivesse isolado de todas, excepto as mais suaves, influencias externas, e se desenvolvesse desde o principio d'uma maneira perfeitamente regular e normal, os seus sentidos se desenvolveriam tambem de maneira e por ordem regular. Tambem verificaria que os seus sentidos physicos pouco a pouco augmentavam de alcance até que respondiam a todas as vibrações physicas, tanto da materia etherica, como da materia mais densa; então, numa sequencia ordenada, viria a sensibilidade á parte mais grosseira do plano astral, e em breve tambem á parte mais elevada, até que, por um decurso natural, a faculdade do plano mental appareceria tambem.

Na vida real, porém, quasi que nunca se conhece um desenvolvimento assim regular, e muitos homens ha que teem vislumbres de consciencia astral sem que nelles haja sequer acordado a visão etherica. E esta irregularidade de desenvolvimento é uma das principaes causas da tendencia extraordinaria do homem para o erro em materia de clarividencia — tendencia á qual só se escapa mediante um longo periodo de *instrucção* dada por um professor qualificado.

Os estudiosos da literatura theosophica sabem bem que é possivel encontrar esses professores — que mesmo neste seculo materialista o velho dito permanece certo, que «quando o alumno está prompto, o Mestre está prompto tambem», e que «quando o alumno se torna capaz de entrar para o vestibulo da sabedoria, alli sempre encontrará o Mestre». Elles sabem tambem que só assim guiado pode um individuo desenvolver com segurança e proveito os seus poderes latentes, visto que sabem quão fatalmente facil é ao clarividente pouco *instruido* enganar-se quanto ao valor e á significação d'aquillo que vê, ou mesmo deformar inteiramente a sua visão ao trazel-a para baixo, para a sua consciencia physica.

Não segue que mesmo o alumno que esteja recebendo instrucção regular no uso dos poderes occultos os veja desenvolver-se em si exactamente pela ordem regular que acima se esboçou como provavelmente apenas ideal. O seu progresso anterior poderá não ter tornado essa estrada a mais facil ou a mais desejavel para elle; mas, ao menos, está entregue a alguem que tem toda a competencia para ser o seu guia no desenvolvimento espiritual, e tem a plena e contente segurança que o caminho pelo qual o levam é aquelle que para elle é o melhor.

Outra grande vantagem que elle ganha é

que as faculdades que adquire ficam definitivamente sob o seu dominio e podem ser constantemente e plenamente usadas quando elle precisar d'ellas para o seu trabalho theosophico; ao passo que, no caso do individuo mal *instruido,* estes poderes muitas vezes se manifestam apenas de modo muito parcial e espasmodico, parecendo ir e vir, por assim dizer, por sua livre vontade.

Pode com certa razão ser objectado que, se a faculdade da clarividencia é, como se disse, parte do desenvolvimento occulto do homem, e, assim, uma indicação de certa quantidade de progresso nessa direcção, parece extranho que muitas vezes seja possuida por povos primitivos, ou pelos ignorantes e incultos da nossa raça — individuos evidentemente sem desenvolvimento algum, de qualquer ponto de vista que os encaremos. Por certo que isto parece extranho á primeira vista; mas o facto é que a sensibilidade do selvagem ou do europeu ignorante e grosseiro não é de modo algum a mesma cousa que a faculdade do seu semelhante propriamente cultivado, nem é obtida de maneira identica.

Uma explicação exacta e detalhada da differença levar-nos-hia a pontos complexamente technicos, mas talvez seja possivel dar uma noção geral da distincção entre as duas por meio de um exemplo tirado do plano infimo da

clarividencia, em contacto proximo com o plano physico mais denso. O duplo etherico no homem está numa relação excessivamente intima com o seu systema nervoso, e qualquer acção sobre uma d'estas cousas rapidamente actúa sobre a outra. Ora no apparecimento esporadico da visão etherica no selvagem, quer da Africa Central, quer da Europa Occidental, tem-se observado que a perturbação nervosa correspondente é quasi toda apenas no systema sympathico, e que toda a questão está realmente fóra do dominio da vontade do individuo — é, de facto, uma especie de sensação *em massa*, pertencendo vagamente a todo o corpo etherico, e não uma percepção exacta e definida dos sentidos communicada atravez d'um orgão especialisado.

Como nas raças posteriores e no meio de um desenvolvimento mais elevado a força do homem mais e mais se acha entregue ao desenvolvimento das faculdades mentaes, esta vaga sensibilidade em geral desapparece; mas, mais tarde, quando o homem espiritual se começa a desenvolver, retoma o seu poder de clarividencia. D'esta vez, porém, a faculdade é exacta e precisa, sob o dominio da vontade do individuo, e exercida atravez d'um orgão sensorial definido; e é de notar que qualquer acção nervosa com que se relacione é agora quasi exclusivamente do systema cerebro-espinal.

Sobre este assumpto escreve Mrs. Besant: «As formas inferiores do *psychismo* são mais frequentes nos animaes e em seres humanos de rudimentar intelligencia do que em homens e mulheres em quem as faculdades intellectuaes estejam bem desenvolvidas. Parecem estar ligadas ao systema sympathico, e não ao cerebro-espinal. As grandes cellulas ganglionares nucleaes neste systema conteem uma grande porção de materia etherica, e são por isso mais facilmente affectadas pelas vibrações astraes mais grosseiras do que as cellulas em que a porção é menor. Á medida que o systema cerebro-espinal se desenvolve e que o cerebro se torna mais perfeito, o systema sympathico cahe para uma situação subordinada, e a sensibilidade ás vibrações psychicas é dominada pelas vibrações mais fortes e mais activas do systema nervoso superior. É certo que, num estádio ulterior da evolução, a sensibilidade psychica reapparece, mas então é desenvolvida em relação com os centros cerebro-espinaes e está sob o dominio da vontade. Mas o *psychismo* hysterico e irregular, de que vemos tantos lamentaveis exemplos, é devido ao pequeno desenvolvimento do cerebro e á predominancia do systema sympathico.»

Vislumbres passageiros de clarividencia acontecem, porém, algumas vezes ao individuo altamente culto e com tendencias espirituaes, ainda

que elle nem mesmo tenha ouvido fallar na possibilidade de se cultivar essa faculdade. No seu caso, esses vislumbres em geral significam que elle se está approximando d'aquelle estádio na sua evolução quando esses poderes começaram naturalmente a manifestar-se, e o seu apparecimento deve servir de estimulo addicional para que elle tente manter aquelle alto nivel de pureza moral e equilibrio mental sem os quaes a clarividencia é um mal e não um bem para quem a possue.

Entre aquelles que são inteiramente incapazes de ser impressionados e aquelles que estão de plena posse do poder de clarividencia ha muitos estádios intermedios. Um d'esses estádios, que convém talvez examinar por alto, é aquelle em que o individuo, ainda que não tenha faculdades de clarividencia na vida normal, comtudo as revela em grau maior ou menor quando sob a influencia do hypnotismo. É este um caso em que a natureza psychica já é sensivel, mas a consciencia ainda incapaz de funccionar nella no meio das multiplas distracções da vida physica. É preciso que ella seja libertada pela suspensão temporaria dos sentidos exteriores no transe hypnotico antes que possa usar as mais divinas faculdades que começam nella a apparecer. Mas, é claro, mesmo no transe hypnotico ha innumeros graus de lucidez, desde o paciente vulgar, que é niti-

damente obtuso, até ao individuo cujo poder de visão está inteiramente sob o dominio do hypnotisador, e pode ser dirigido na direcção que elle quizer, ou até ao estádio ainda mais avançado em que, uma vez libertada, a consciencia escapa inteiramente ao dominio de quem magnetisa e sobe a alturas de visão exaltada onde fica inteiramente fóra do seu alcance.

Um outro passo neste mesmo caminho é aquelle em que não é precisa uma tão perfeita suppressão do physico, como a que se dá no transe hypnotico, mas em que o poder de visão sobrenormal, ainda que inattingível na vigilia, se torna possivel quando o corpo está sob o dominio do somno vulgar. Neste estádio de desenvolvimento estavam muitos dos prophetas e dos videntes dos quaes lemos que «foram avisados por Deus num sonho», ou commungaram com seres muito mais elevados do que elles no alto silencio da noite.

A maioria da gente culta das raças superiores do mundo tem até certo ponto attingido este desenvolvimento: isto é, os sentidos dos seus corpos astraes estão plenamente aptos a funccionar e perfeitamente capazes de receber impressões de objectos e entidades no seu plano. Mas para que isso lhes sirva de qualquer cousa aqui no seu corpo physico, são,

em geral, precisas duas condições: primeiro, que o Eu seja acordado para as realidades do plano astral e levado a sahir da crysalida formada pelos seus pensamentos de vigilia, de modo a olhar em seu redor e aprender; e, depois, que a consciencia seja retida o bastante pelo Eu, ao regressar ao seu corpo physico, para que consiga fixar no seu cerebro physico a memoria do que aprendeu ou viu.

Se a primeira d'estas alterações se produziu, a segunda é de pequena importancia, visto que o Eu, o verdadeiro homem, poderá aproveitar com a informação que se pode obter nesse plano, mesmo que não tenha a satisfacção de trazer qualquer memoria d'isso para aqui, para a sua vida de vigilia.

Os estudantes d'estes assumptos perguntam muitas vezes como é que esta faculdade de clarividencia primeiro se manifestará nelles — como poderão saber que chegaram ao estádio em que os seus primeiros e pallidos vislumbres começam a notar-se. Ha tanta differença entre uns casos e outros, que é impossivel dar a esta pergunta uma resposta que seja applicavel a todos.

Alguns começam, por assim dizer, por um mergulho, e sob qualquer excitação invulgar tornam-se aptos a ver, por uma vez que seja, qualquer visão notavel; e muitas vezes num

caso d'estes, porque a experiencia se não repita, o vidente chega depois a crer que deve ter sido victima de uma allucinação. Outros começam por adquirir uma consciencia intermittente das côres brilhantes e das vibrações da aura humana; outros encontram-se, com uma frequencia crescente, vendo e ouvindo cousas a que são cegos e surdos aquelles que os cercam; outros, ainda, vêem caras, paysagens ou nuvens coloridas pairar-lhes deante dos olhos antes de adormecer; mas talvez a mais vulgar de todas as experiencias é a de aquelles que começam a recordar com uma nitidez cada vez maior o que viram e ouviram em outros planos durante o somno.

Tendo assim, até certo ponto, desempedido o nosso caminho, podemos passar a considerar os varios phenomenos de clarividencia.

Elles differem tanto, quer em genero, quer em grau, que não é muito facil decidir qual a melhor classificação que d'elles se faça. Poderiamos, por exemplo, classifical-os segundo a especie de visão empregada — mental, astral, ou apenas etherica. Poderiamos classifical-os segundo a capacidade do clarividente, considerando se elle é *educado*, ou não, na clarividencia; se a sua visão é regular e sob o dominio da sua vontade, ou espasmodica e independente d'ella; se a pode exercer apenas sob influencia mesmerica, ou se essa influencia lhe

é desnecessaria; se é capaz de empregar esse poder quando em vigilia no seu corpo physico, ou se apenas a pode empregar quando temporariamente afastado d'esse corpo pelo somno ou pelo transe.

Todas estas distincções são importantes, e teremos que as considerar todas á medida que avançarmos no assumpto, mas talvez a classificação mais practica e util seja uma no genero d'aquella adoptada pelo snr. Sinnett no seu livro *Explicação do Mesmerismo* — um livro, aliás, que deve ser lido por todos quantos queiram estudar a clarividencia. Ao tratar d'estes phenomenos, dividil-os-hemos, pois, mais segundo a capacidade da visão empregada do que segundo o plano em que é excitada, de sorte que poderemos agrupar os casos de clarividencia em secções do genero das seguintes:

1.—*Clarividencia simples* — isto é, um mero abrir da visão, tornando o seu possuidor capaz de ver as entidades astraes ou ethericas que aconteça estarem presentes á sua volta, mas não incluindo o poder de observar logares distantes ou scenas pertencentes a um tempo outro que o presente.

2.—*Clarividencia no espaço* — o poder de ver scenas ou acontecimentos afastados do vidente no espaço, quer por estarem muito lon-

ge para a observação normal, quer por estarem occultos por objectos interpostos.

3. — *Clarividencia no tempo* — isto é, o poder de ver objectos ou acontecimentos que estão afastados do vidente no tempo, ou, em outras palavras, o poder de ver o passado e o futuro.

CAPITULO II

Clarividencia simples: Completa

Definimos esta como sendo um mero abrir da visão etherica ou astral, que torna o seu possuidor capaz de ver o que o cérca em niveis correspondentes, mas não é em geral acompanhado pelo poder de ver qualquer cousa a grande distancia ou ler no passado ou no futuro. Não é possivel, decerto, excluir de todo estas ultimas faculdades, porque a visão astral tem necessariamente uma extensão consideravelmente maior do que a physica, e por vezes acontece que quadros fragmentados tanto do passado como do futuro são casualmente visionados mesmo por clarividentes que não teem nenhuma noção de como especialmente procural-os; ha comtudo uma distincção muito real entre esses vislumbres accidentaes e o poder, nitidamente tal, de projectar a vista quer no espaço, quer no tempo.

Entre gente sensivel encontramos todos os graus d'esta especie de clarividencia, desde a

do individuo que obtém uma impressão vaga que mal merece o nome de visão, até á plena posse da visão etherica ou da visão astral. Talvez que o mais simples seja que comecemos por descrever o que seria visivel no caso d'este mais pleno desenvolvimento da faculdade, visto que os casos da sua posse parcial serão, então, devidamente comprehendidos em relação a esse.

Tratemos, primeiro, da visão etherica. Esta consiste simplesmente, como já se disse, na susceptibilidade a uma série muito maior de vibrações physicas do que é normal, mas, ainda assim, a sua posse traz para a vista uma porção de cousas a que a maioria da humanidade ainda é cega. Vejamos que effeitos produz a acquisição d'esta faculdade no aspecto de objectos familiares, animados e inanimados, e notemos depois a que factores inteiramente novos ella nos torna conscientes. Mas deve ter-se presente que o que vou descrever é o resultado da posse plena e perfeitamente dominada da faculdade, e que a maioria dos casos que encontramos pelo mundo fóra serão, com respeito a esse, deficientes num ou noutro ponto.

A alteração mais flagrante que é produzida, no aspecto dos objectos inanimados, pela acquisição d'esta faculdade, é que a maioria d'elles se torna quasi transparente, devido á differença do comprimento de onda em algumas das vi-

brações a que o individuo acaba de se tornar sensivel. Elle verifica que é capaz de realisar com a maior das facilidades o feito tradicional de «ver atravez d'um muro de pedra», porque, para a sua nova visão, o muro de pedra parece não ter maior consistencia do que uma nevoa ligeira. Porisso elle vê o que se passa num quarto ao lado, quasi como se não existisse uma parede intermedia; pode descrever sem errar o conteúdo d'uma caixa fechada, ou ler uma carta que está lacrada dentro do seu envelope; com alguma práctica pode encontrar determinado trecho num livro fechado. Este ultimo feito, ainda que perfeitamente facil para a visão astral, é bastante difficil para quem empregue a visão etherica, porque cada pagina tem de ser vista *atravez* de todas as outras que calhe estarem a ella sobrepostas.

Muitas vezes se pergunta se nestes casos um individuo vê sempre com a sua visão anormal, ou se apenas o faz quando assim deseja. A resposta é que, se a faculdade está perfeitamente desenvolvida, estará inteiramente sob o dominio do individuo, e elle poderá, conforme queira, empregar essa visão, ou apenas a sua visão normal. Elle passa de uma para a outra com a promptidão e a naturalidade com que normalmente mudamos o foco dos nossos olhos ao levantal-os do livro, que estamos lendo, para seguir os movimentos d'um objecto a um

kilometro de distancia. Trata-se, por assim dizer, de focar a consciencia sobre um ou outro aspecto do que se vê; e, ainda que o individuo tenha claramente em vista aquelle aspecto sobre o qual a sua attenção se fixa no momento, sempre terá uma vaga consciencia do outro aspecto tambem, exactamente como quando focamos a vista sobre qualquer objecto que tenhamos na mão, comtudo vagamente vemos a parede fronteira do quarto, como fundo.

Uma outra curiosa alteração, que vem da posse d'esta visão, é que a terra solida, sobre a qual o individuo caminha, se torna até certo ponto transparente a seus olhos, de modo que elle pode vêr até bastante fundo nella, exactamente como normalmente vemos atravez de agua relativamente limpida. Isto o torna capaz de ver qualquer animal construindo um tunel subterraneo, ou distinguir um filão de carvão ou de minerio, se não estiver muito fundo, etc.

Os limites da visão etherica, quando olha atravez de materia solida, parecem ser analogos áquelles que nos são impostos quando vemos atravez de agua ou de nevoeiro. Não podemos ver para além de uma certa distancia, porque o meio, atravez do qual olhamos, não é perfeitamente transparente.

O aspecto dos objectos animados tambem resulta perfeitamente alterado para o individuo que augmentou até este ponto os seus poderes

visuaes. Os corpos dos homens e dos animaes são para elle em grande parte transparentes, de modo que pode ver em operação os varios orgãos internos e, até certo ponto, diagnosticar as doenças d'elles.

Esta visão mais extensa tambem lhe permitte ver, com maior ou menor clareza, varias especies de creaturas, elementaes e outras, cujos corpos não são capazes de reflectir quaesquer dos raios dentro dos limites do espectro como o vemos normalmente. Entre as entidades assim vistas estarão algumas das ordens inferiores dos espiritos-da-natureza — aquelles cujos corpos são compostos da mais densa materia etherica. A esta classe pertencem todas as fadas, gnomos, etc., a respeito dos quaes tantas historias ainda restam nas montanhas da Escossia e da Irlanda e em paizes longinquos em todo o mundo.

O vasto reino dos espiritos-da-natureza é sobretudo um reino astral, mas ha uma grande secção d'elle que pertence á parte etherica do plano physico, e esta secção, é claro, é muito mais natural que entre na esphera do conhecimento de gente normal, do que as outras. Na verdade, ao lermos os vulgares contos de fadas, frequentemente encontramos nitidas indicações de se estar tratando d'esta classe. Qualquer estudioso de contos de fadas deve lembrar-se do grande numero de vezes que nelles se falla

d'um unguento ou droga mysteriosa, a qual, quando applicada aos olhos d'um individuo, o torna apto a ver os membros da republica das fadas, onde quer que os encontre.

A historia d'esta applicação e dos seus resultados é tão repetida e surge-nos de tanta parte do mundo que com certeza deve basear-se numa verdade qualquer, como numa qualquer verdade sempre se baseia qualquer tradição popular realmente universal. Ora não ha mero untar apenas dos olhos de um individuo que seja capaz de lhe abrir a visão astral, mas ha certos unguentos que, esfregados sobre todo o corpo, muito auxiliam o corpo astral a abandonar o physico com plena consciencia — facto este cujo conhecimento parece ter vindo até aos tempos medievaes, como se verá dos testemunhos dados em alguns dos julgamentos por bruxaria. Mas a applicação aos olhos physicos bem poderá de tal modo excitar a sua sensibilidade que os torne accessiveis a algumas das vibrações ethericas.

A historia muitas vezes, continuando, acrescenta como quando o ser humano, que empregou esse unguento mystico, revela de qualquer modo a uma fada a sua visão alargada, ella lhe bate ou lhe espeta os olhos, privando-o assim, não só da vista etherica, mas mesmo d'aquella do mais denso plano physico. (V. *A Sciencia dos Contos de Fadas,* por E. S. Har-

tland, na «Contemporary Science Series» — ou, de resto, qualquer collecção razoavelmente completa de contos de fadas.) Se a vista adquirida tivesse sido astral, tal procedimento da parte da fada teria resultado perfeitamente inutil, pois que nenhum estrago produzido no apparelho physico pode affectar uma faculdade astral; mas se a visão produzida pelo unguento tivesse sido etherica, a destruição dos olhos physicos immediatamente, na maioria dos casos, a extinguiria, visto que é atravez d'elles que essa visão opera.

Qualquer individuo que possuisse esta vista, de que estamos fallando, poderia tambem ver o duplo etherico do homem; mas, visto que este é quasi identico em tamanho ao corpo physico, é pouco provavel que lhe chamasse a attenção, a não ser que estivesse parcialmente projectado em transe ou pela influencia de anesthesicos. Depois da morte, quando se retira inteiramente do corpo denso, ser-lhe-hia claramente visivel, e elle frequentemente o veria pairando por cima de sepulturas recentes ao passar por um cemiterio. Se fosse assistir a uma sessão espirita veria a materia etherica sahindo do lado do médium e observaria as diversas maneiras de que as entidades communicantes se servem d'ella.

Um outro facto que em breve não deixaria de o impressionar seria a extensão da sua per-

cepção da côr. Elle encontrar-se-hia capaz de ver varias cores inteiramente novas, em nada parecidas com aquellas que formam parte do espectro como o conhecemos agora, e portanto inteiramente indescriptiveis em quaesquer palavras de que disponhamos. E não só veria novos objectos inteiramente compostos d'essas cores novas, mas tambem descobriria que se tinham modificado as côres de muitos objectos que elle conhecia, consoante elles tinham ou não algum elemento d'estes novos matizes na sua constituição. De modo que duas superficies coloridas, que aos olhos vulgares pareceriam assemelhar-se perfeitamente, muitas vezes se revelariam de todo differentes em côr á sua vista mais apurada.

Referimo-nos já a algumas das principaes alterações que aconteceriam no mundo de um individuo quando elle adquirisse a visão etherica; e devemo-nos sempre lembrar que, ao mesmo tempo, uma alteração correspondente aconteceria tambem aos seus outros sentidos, de modo que elle se tornaria capaz de ouvir, e talvez mesmo de sentir mais do que a maioria dos que o cercam. Supponhamos, agora, que, além d'isto, elle adquiria tambem a visão do plano astral; que alterações addicionaes de ahi resultariam?

Essas alterações seriam muitas e importantes; de facto, abrir-se-hia deante dos seus olhos

um mundo inteiramente novo. Consideremos resumidamente as suas maravilhas pela mesma ordem do que d'antes, e vejamos primeiro qual a differença que haveria no aspecto dos objectos inanimados. Sobre este ponto começarei por citar uma estranha resposta, recentemente impressa em *The Vahan:*

«Ha uma differença nitida entre a visão etherica e a visão astral, e é esta ultima que parece corresponder á quarta dimensão.

«O modo mais facil de comprehender a differença é por meio de um exemplo. Se olhasseis para um homem com as duas visões, uma após outra, nos dois casos verieis os botões nas costas do seu sobretudo; mas, se usasseis a visão etherica, vel-os-heis *atravez* d'elle, e verieis portanto mais proximo de vós *o lado de traz do botão*, ao passo que, se visseis astralmente, verieis não só assim, mas ao mesmo tempo como se estivesseis collocado por detraz do individuo e olhando-lhe para as costas.

«Ou se estivesseis olhando ethericamente para um cubo com caracteres escriptos em todos os lados, o cubo seria para a vossa vista como se fôsse de vidro, de modo que podieis ver atravez d'elle, vendo o que está escripto do lado opposto de traz para deante, ao passo que o que está escripto dos lados só poderia estar nitido para vós se mudasseis de logar, visto que sem isso apenas o verieis de lado. Mas se

olhasseis para elle astralmente, verieis todos os lados ao mesmo tempo e todos deante de vós a direito como se todo o corpo tivesse sido tornado plano deante dos vossos olhos; e verieis tambem cada particula do interior do cubo, não *atravez* das outras, mas planamente. Estarieis olhando para o cubo *de uma outra direcção, perpendicularmente a todas as direcções que conhecemos.*

«Se olhardes ethericamente para a parte de traz de um relogio, vereis as rodas todas do machinismo *atravez* d'ella, e o mostrador *atravez das rodas*, mas ao contrario; se olhardes para ella astralmente, vereis o mostrador como deve ser e todas as rodas *separadas umas das outras*, mas nenhum d'estes objectos sobreposto a outro.»

Aqui temos nós nitidamente a *nota*, o principal factor da mudança; o individuo está vendo tudo de um ponto de vista inteiramente differente, inteiramente fóra de tudo quanto antes pôde imaginar. Já não tem a menor difficuldade em ler qualquer pagina num livro fechado, porque já não está olhando para ella atravez de todas as outras paginas que estão antes ou depois, mas sim olhando directamente para ella como se fôsse a unica pagina a vêr. A profundidade a que está um filão de minerio ou de carvão já não é um obstaculo á sua visão d'elle, porque elle já não está olhando

para o filão *atravez* da profundidade de terra que medeia. A grossura d'um muro, ou o numero de muros entre o observador e o objecto, fariam uma grande differença para a nitidez da visão etherica; não fariam differença nenhuma para a visão astral, porque no plano astral nada d'isso *estaria entre* o observador e o objecto. Está claro que isto parece paradoxal e inexplicavel, e é na verdade inteiramente inexplicavel a um espirito que não esteja educado a comprehender idéas d'estas; mas nem por isso é menos verdadeiro.

Isto leva-nos naturalmente á questão debatidissima da quarta dimensão — assumpto do maior interesse, mas que não podemos discutir no curto espaço de que dispomos. Quem o quizer estudar, com a attenção que o problema merece, deve lêr, de principio, *Os Romances Scientificos* do sr. C. H. Hinton ou *Outro Mundo* do Dr. A. T. Schofield, passando depois á obra mais extensa do primeiro d'estes auctores, *Uma Nova Era do Pensamento*. O sr. Hinton não só affirma ser pessoalmente capaz de abranger mentalmente algumas das figuras quadri-dimensionaes mais simples, mas tambem diz que o pode fazer quem se dér ao trabalho de seguir attenta e perseverantemente as suas instrucções. Não me parece que isto esteja ao alcance de toda a gente, como crê o auctor, pois se me affigura que para isso é precisa

uma consideravel habilidade mathematica; mas posso testemunhar, pelo menos, que o tesseracto, ou cubo quadri-dimensional, é uma realidade, porque é uma figura muito conhecida no plano astral. O sr. Hinton acaba de aperfeiçoar um novo methodo de representar as varias dimensões por meio de côres em vez de por meio de symbolos escriptos arbitrarios. Affirma que assim o estudo ficará muito simplificado, visto que o leitor será capaz de reconhecer immediatamente, á vista, qualquer parte ou feição do *tesseracto*. Diz-se que uma descripção completa d'este methodo, com illustrações, está a entrar no prélo, devendo apparecer dentro de um anno, de modo que os que pretendem estudar este assumpto fascinador farão bem em aguardar a sua publicação.

Sei que Madame Blavatsky, ao alludir á theoria da quarta dimensão, deu o seu parecer no sentido de que isso é apenas uma maneira grosseira de affirmar a idéa da inteira permeabilidade da materia, e que o sr. W. T. Stead seguiu a mesma orientação, apresentando esse conceito aos seus leitores sob o nome de *throughth* (1). A investigação cuidadosa, detalhada e repetida parece, porém, mostrar concludente-

(1) Esta palavra nova e intraduzivel é um substantivo formado da preposição *through* (=atravez).

mente que essa explicação não abrange todos os factos. É uma descripção perfeita da visão etherica, mas a idéa mais avançada, e inteiramente differente, da quarta dimensão, tal qual a expõe o sr. Hinton, é a unica que dá qualquer explicação plausivel sobre os factos de visão astral constantemente observados neste mundo. Tomarei portanto, e com o devido respeito, a liberdade de suggerir que Madame Blavatsky, quando escreveu como citei, tinha em mente a visão etherica, e não a astral, e que a extrema applicabilidade da phrase a esta outra, e mais elevada, faculdade, na qual ella ao momento não pensava, não lhe occorreu.

A posse d'este poder extraordinario e que mal se pode definir deve, pois, estar sempre presente no espirito do leitor atravez de tudo o que segue. Ella torna patente aos olhos do vidente cada ponto no interior de um solido, exactamente como cada ponto no interior de um circulo esta patente á vista do observador que olha para esse circulo.

Mas mesmo isto não exgotta tudo quanto essa visão dá ao seu possuidor. Elle vê não só o interior, como o exterior, de cada objecto, mas tambem o seu correspondente astral. Cada atomo e molecula da materia physica tem o seu atomo ou molecula astral correspondente, e o volume com estas construido é claramente visivel ao clarividente. Em geral a parte astral

de qualquer objecto é projectada um pouco para além dos limites do seu physico, e assim os metaes, as pedras e outros objectos apparecem cercados por uma aura astral.

Ver-se-ha immediatamente que, mesmo no estudo da materia inorganica, um individuo ganha immenso com a acquisição d'esta visão. Não só vê a parte astral do objecto para que olha, que antes lhe era inteiramente occulta; não só vê muito mais da sua constituição physica do que antes vira; mas mesmo o que antes lhe era visivel é agora visto com uma clareza e uma verdade muito maiores. Um momento de reflexão mostrará que esta nova visão se approxima muito mais da verdadeira percepção do que a vista physica. Por exemplo, se se olhar astralmente para um cubo de vidro, todos os seus lados parecerão eguaes, como com effeito são, ao passo que no plano physico se vê o lado opposto em perspectiva — isto é, parecendo mais pequeno do que o lado que está perto, o que não passa, é claro, d'uma mera illusão devida ás nossas limitações physicas.

Quando passamos a considerar as facilidades addicionaes que ella offerece na observação dos objectos animados, mais claramente vemos as vantagens da visão astral. Ella mostra ao clarividente a aura das plantas e dos animaes; e, no caso d'estes, portanto, os seus desejos e

emoções, como os pensamentos que tenham, estão patentes aos olhos d'elle.

Mas é com referencia aos seres humanos que elle mais appreciará as vantagens d'esta faculdade, porque muitas vezes os poderá auxiliar muito melhor quando se guiar pela informação que ella lhe fornece.

Poderá ver a aura até ao corpo astral, e, ainda que isso deixe ainda invisivel toda a parte superior do homem, ser-lhe-ha possivel, mediante uma observação cuidadosa, aprender, pela parte que lhe é visivel, bastantes cousas a respeito d'essa parte superior. A sua capacidade de examinar o duplo etherico dar-lhe-ha grandes facilidades em localisar e classificar quaesquer doenças ou defeitos do systema nervoso, e do aspecto do corpo astral verá immediatamente as emoções, as paixões, os desejos e as tendencias do individuo que tem em sua frente, e, tambem, grande parte dos seus pensamentos.

Ao olhar para um individuo, vel-o-ha cercado pela nevoa luminosa da aura astral, faiscando em variadissimas côres brilhantes, e constantemente mudando de matiz e de brilho com cada variação dos pensamentos e dos sentimentos do individuo. Verá essa aura cheia do bello côr-de-rosa da affeição pura, do azul brilhante dos sentimentos de devoção, do castanho duro e baço do egoismo, do escarlate

vivo da colera, do horrivel vermelho ardente da sensualidade, do cinzento livido do medo, das nuvens negras do odio e da maldade, ou de qualquer das tantas outras indicações tão facilmente lidas por um olhar experimentado; e assim será impossivel a qualquer pessoa esconder-lhe o estado verdadeiro dos seus sentimentos sobre qualquer assumpto.

Estas variadas indicações da aura são, de per si, um estudo profundamente interessante, mas não me sobra o espaço para aqui me referir a ellas detalhadamente. Um relato muito mais circumstanciado a seu respeito, acompanhado de illustrações coloridas, encontra-se na minha obra sobre *O Homem Visivel e Invisivel.*

A aura astral, porém, não só lhe mostra os resultados temporarios da emoção que a está atravessando no momento, mas tambem lhe revela, pelo arranjo e proporção das suas côres quando num estado de relativo repouso, uma indicação quanto á disposição geral e ao caracter do seu dono. Porque o corpo astral é a expressão de quanto do individuo pode ser expresso naquelle plano, de modo que, do que nelle se vê, se pode, com razoavel segurança, concluir muito mais, de cousas que pertencem a planos mais elevados.

Neste juizo sobre o caracter o clarividente será consideravelmente auxiliado por aquillo

que do pensamento do individuo se exprime no plano astral, e que, por conseguinte, fica dentro do alcance da sua visão. A verdadeira séde do pensamento é no plano mental, e todo o pensamento primeiro se manifesta alli como uma vibração do corpo mental. Mas se o pensamento tivér qualquer elemento egoista, ou se de algum modo estiver ligado a uma emoção ou a um desejo, desce immediatamente ao plano astral e toma uma forma visivel de materia astral.

No caso da maioria dos homens, quasi todos os seus pensamentos entram em uma ou outra d'estas categorias, de modo que se pode dizer que toda a sua personalidade estará patente á visão astral do observador, visto que os seus corpos astraes e as fórmas-de-pensamento que d'ellas constantemente emanam seriam para elle como um livro aberto onde os caracteristicos do observado estariam escriptos claramente, de modo a poder ser lidos por quem quer que seja com o preciso alcance de visão. Quem quizer ter uma idéa de *como* as fórmas-de-pensamento se apresentam á visão clarividente pode até certo ponto satisfazer a sua curiosidade examinando as illustrações que acompanham o valioso artigo sobre o assumpto, que Mrs. Besant escreveu em *Lucifer*, de Setembro de 1896.

Vimos já qualquer cousa com respeito á

alteração no aspecto, tanto dos objectos inanimados como dos animados, quando vistos por quem possue a plena visão clarividente no que se refere ao plano astral; vejamos agora que objectos inteiramente novos elle será capaz de ver. Terá consciencia de uma plenitude muito maior na natureza em muitas direcções, mas a sua attenção será especialmente attrahida pelos habitantes vivos d'este novo mundo. Não podemos, no pouco espaço de que dispomos, sequer tentar um relato detalhado do que elles são; o assumpto pode ser estudado, porém, no quinto dos nossos *Manuaes Theosophicos*. Não podemos aqui senão enumerar rapidamente apenas algumas classes de entre as vastas hostes de habitantes astraes.

Impressional-o-hão as fórmas proteicas da maré incessante de essencia elemental, redemoinhando sempre em seu torno, por vezes ameaçando, mas sempre retirando perante um esforço forte da vontade; maravilhal-o-há o exercito enorme de entidades temporariamente arrancadas d'esse oceano para uma vida separada pelos pensamentos e os desejos dos homens, bons ou maus que sejam. Assistirá ao trabalho ou ao recreio das multiplas tribus de espiritos-da-natureza; poderá por vezes estudar, com deleite crescente, a evolução magnifica de algumas das ordens inferiores do glorioso reino dos devas, que corresponde appro-

ximadamente ás hostes angelicas da terminologia christã.

Mas talvez de maior interesse para elle serão os habitantes humanos do reino astral, e elle encontral-os-ha divididos em duas grandes classes — aquelles a quem chamamos os vivos, e os outros, alguns dos quaes infinitamente mais vivos, a quem absurdamente chamamos os mortos. Entre os primeiros encontrará aqui e alli um ou outro inteiramente desperto e plenamente consciente, mandado, talvez para lhe communicar qualquer cousa ou examinando-o attentamente, para ver que progresso está fazendo; ao passo que a maioria dos seus semelhantes, quando fóra dos seus corpos physicos durante o somno, passará por elle sem nexo ou direcção, tão presos das suas cogitações que pouca ou nenhuma consciencia teem do que os cerca.

Entre a grande multidão dos recem-mortos encontrará todos os graus de consciencia e de intelligencia, e todas as nuances de caracter — porque a morte, que parece á nossa curta visão ser uma mudança tão absoluta, nada altera do homem propriamente tal. No dia depois da morte elle é exactamente o mesmo homem que era no dia antes, com a mesma disposição, as mesmas qualidades, as mesmas virtudes e os mesmos vicios, salvo apenas que abandonou o seu corpo physico; mas a perda d'esse faz-lhe

tanta differença como o tirar um sobretudo. E, assim, entre os mortos o nosso observador encontrará gente intelligente e gente estupida, gente bondosa e gente maligna, gente seria e gente frivola, gente de feitio espiritual e gente de indole sensual, exactamente como entre os vivos.

Visto que pode, não só ver os mortos, mas tambem fallar com elles, pode muitas vezes ser-lhes util e dar-lhes informação e conselhos que lhes sejam de grande utilidade. Muitos d'elles estão num estado de grande surpreza e perplexidade, e, ás vezes, mesmo de grande angustia, por encontrarem os factos do mundo seguinte tão differentes de todas as lendas infantis que é quanto a religião popular do occidente tem a offerecer com respeito a este assumpto transcendentemente importante; e por isso um individuo que comprehenda este novo mundo e possa dar explicações é na verdade um amigo na occasião de o ser.

De muitas outras maneiras pode um individuo que possue esta faculdade ser util tanto aos vivos como aos mortos; mas esta parte do assumpto já por mim foi tratada no meu livro *Auxiliares Invisiveis*. Além de entidades astraes elle encontrará cadaveres astraes — sombras e «cascas» em todos os estados de decomposição; mas aqui basta que estes se mencionem, visto que nos nossos terceiro e quinto ma-

nuaes o leitor, que deseje saber mais a esse respeito, encontrará o que procura.

Um outro resultado maravilhoso que um individuo tira do pleno goso da clarividencia astral, é que deixa de ter quebras ou intervallos na sua vida consciente. Quando de noite adormece, deixa o seu corpo physico ao descanço que elle precisa, e segue tratando da sua vida no seu, bem mais confortavel, instrumento astral. De manhã regressa e retoma posse do seu corpo physico mas sem interrupção de consciencia ou perda de memoria entre os dois estados, podendo assim, por assim dizer, viver uma vida dupla que comtudo é só uma, e empregar utilmente toda ella, em vez de perder a terça parte da sua existencia numa inconsciencia total.

Um outro estranho poder que talvez se encontre possuindo (ainda que a sua completa posse e pleno dominio antes pertença á, mais elevada, faculdade devachanica) é o de augmentar, quando assim quizer, o tamanho da mais pequena particula physica ou astral, até ella ter as dimensões que elle deseja, como se estivesse empregando um microscopio—ainda que nenhum microscopio que existe, ou seja provavel que exista, possua nem a millessima parte d'este poder psychico de augmentar. Por meio d'esta faculdade a molecula e atomo hypotheticos, que a sciencia postúla, tornam-se

realidades visiveis e vivas para o estudioso das cousas occultas, e, ao examinal-as assim de mais perto, elle verifica que a sua estructura é muito mais complexa do que pensa o homem de sciencia. Tambem essa faculdade o torna capaz de seguir com a mais interessada attenção todas as especies de acção electrica, magnetica, e etherica de outras especies; e quando alguns dos especialistas nestes ramos da sciencia conseguirem desenvolver o poder de ver estas cousas de que tão facilmente escrevem, ha a esperar algumas revelações bem maravilhosas e bellas.

É este um dos *siddhis* ou poderes descriptos nos livros orientaes como vindo a ser pertença do individuo que se dedique ao aperfeiçoamento espiritual, ainda que o nome que alli lhe é dado possa não ser immediatamente comprehendido. Alli chama-se-lhe «o poder de nos tornarmos grandes ou pequenos conforme quizermos», e a razão de o facto ser descripto em expressões que parecem exactamente invertel-o é que, na verdade, o methodo pelo qual este feito se consegue é precisamente esse que esses livros antiquissimos indicam. É pelo emprego de um machinismo visual temporario de uma pequenez inconcebivel que o mundo do infinitamente pequeno tão nitidamente se observa; e, do mesmo modo (ou, antes, seguindo o methodo opposto), é por um augmento enorme e temporario do tamanho do machinismo visual

que se torna possivel alargar o alcance da nossa vista — no sentido physico tanto como, esperemol-o, no sentido moral — para além de tudo quanto a sciencia tem concebido como possivel ao homem. De modo que a alteração no tamanho é realmente no instrumento da consciencia do observador, e não em qualquer cousa fóra d'elle; e o velho livro oriental expoz, afinal, a questão com mais justeza do que nós.

A psychometria e a dupla-vista *in excelsis* estariam tambem no numero das faculdades que o nosso observador possuiria; mas d'essas mais propriamente trataremos em outro capitulo, visto que, em quasi todas as suas manifestações, implicam a clarividencia quer no espaço, quer no tempo.

Indiquei, pois, ainda que nas linhas mais geraes, o que é que um observador *instruido*, possuindo a plena visão astral, veria no mundo immensamente mais vasto que essa visão lhe abriria; mas nada disse ainda da espantosa alteração na sua attitude mental que resulta da certeza experimental da existencia da alma, da sua sobrevivencia á morte, da acção da lei do karma, e de outros pontos de enorme importancia. A differença entre mesmo a mais profunda convicção intellectual e o conhecimento exacto adquirido pela experiencia pessoal directa deve ser sentida para poder ser comprehendida.

CAPITULO III

Clarividencia Simples: Parcial

As experiencias do clarividente sem *instrucção* — e não se deve esquecer que a essa classe pertencem quasi todos os clarividentes europeus — ficarão, porém, em geral, muito aquem do que tentei esboçar; ficarão aquem de muitas e differentes maneiras — em grau, em variedade, em permanencia, e, sobretudo em precisão.

Casos ha, por exemplo, em que a clarividencia d'um individuo será permanente, mas muito incompleta, abrangendo apenas uma ou duas classes dos phenomenos observaveis; elle encontrar-se-ha possuindo um qualquer fragmento isolado de visão superior, sem apparentemente possuir outros poderes de visão que deviam normalmente acompanhar, ou mesmo preceder, tal fragmento. Por exemplo: um dos meus mais intimos amigos teve sempre o poder de ver o ether atomico e a materia astral atomica, e de reconhecer a sua estructura,

quer em plena luz, quer ás escuras, como interpenetrando todas as outras cousas; e comtudo rarissimas vezes tem conseguido ver entidades cujos corpos sejam compostos dos etheres inferiores, ou da mais densa materia astral, aliás muito mais *evidentes*, ou, pelo menos, é com certeza incapaz de as vêr permanentemente. Elle encontra-se simplesmente de posse d'esta faculdade especial, sem haver razão alguma que explique essa posse, ou relação recognoscivel entre ella e outra cousa qualquer: e, além de lhe provar a existencia d'estes planos atomicos e de lhe demonstrar a sua estructura, é difficil calcular para que lhe serve actualmente tal faculdade. Seja como fôr, a faculdade ahi está, e é prova de que cousas maiores se lhe seguirão — de poderes maiores que ainda esperam desenvolver-se.

Ha muitos casos semelhantes — semelhantes, quero dizer, não na posse d'aquella fórma especial de visão (que é unica na minha experiencia), mas em revelar o desenvolvimento d'uma pequena parte da plena e nitida visão dos planos astral e etherico. Em nove casos em cada dez, porém, esta clarividencia parcial carecerá, tambem, de precisão — isto é, haverá nella uma grande parte de impressões vagas e de meras deducções, em vez da nitida definição e clara certeza do individuo *educado* na clarividencia. Exemplos d'este typo encontram-se

frequentemente, sobretudo entre aquelles que se rèclamam como «clarividentes demonstrativos e profissionaes».

Ha, tambem, os individuos que são apenas temporariamente clarividentes em certas condições especiaes. Entre estes ha varias subdivisões, porque ha individuos que podem reproduzir, quando querem, o estado de clarividencia mediante a reconstrucção das mesmas condições, ao passo que ha outros em quem ella se dá esporadicamente, sem referencia palpavel ao que os cerca, e ainda outros em quem a faculdade se revela apenas uma ou duas vezes em toda a vida.

Á primeira d'estas subdivisões pertencem aquelles que são clarividentes apenas quando em transe hypnotico, e que, quando não estão em tal transe, são totalmente incapazes de ver ou ouvir qualquer cousa de anormal. Estes podem por vezes attingir grandes alturas de conhecimento, e ser extraordinariamente precisos nas suas indicações, mas quando assim acontece é que, em geral, estão seguindo um curso regular de educação clarividente, ainda que, por uma razão qualquer, não possam por emquanto livrar-se sem auxilio do peso de vida terrena.

Na mesma classe poderemos incluir aquelles — na sua maioria orientaes — que adquirem uma visão temporaria apenas pela influencia

de certas drogas, ou mediante a práctica de certos processos. Ás vezes hypnotisam-se pela repetição do processo e nessa condição tornam-se até certo ponto clarividentes; as mais das vezes, porém, apenas se reduzem a uma condição passiva, na qual qualquer outra entidade os pode obcecar e fallar atravez d'elles. Por vezes, ainda, as ceremonias ou ritos que empregam não visam de modo algum a affectarem-se a si proprios, mas apenas a invocar qualquer entidade astral que lhes dê a desejada informação; mas isso, é claro, não passa de um caso de magia, e não de clarividencia. Tanto as drogas como os ritos são methodos que devem ser rigidamente affastados por quem quizer approximar-se da clarividencia pelo seu lado superior, e usal-a para seu progresso e para auxilio de outrem. Os bruxos da Africa Central e alguns dos shamans tartaros são bons exemplos d'este typo.

Aquelles a quem certa dose de clarividencia aconteceu apenas occasionalmente, e sem relação alguma com os seus desejos, teem muitas vezes sido pessoas hystericas ou altamente nervosas, em quem essa faculdade era apenas, em grande parte, um dos symptomas de uma doença. O seu apparecimento mostrava que o instrumento physico estava a tal ponto enfraquecido que já não constituia sequer um obstaculo a um certo grau de visão astral ou etherica.

Um exemplo extremo d'esta classe é o individuo que se alcoolisa ao ponto de attingir o delirium tremens, e que, na condição de ruina physica absoluta e impura excitação psychica produzida pelos estragos d'essa terrivel doença, se torna temporariamente capaz de ver algumas das hediondas entidades elementaes e outras de que se cercou no longo decurso da sua bestial degradação. Ha, porém, outros casos em que o poder de visão tem apparecido e desapparecido sem relação apparente com o estado da saude physica; mas o mais provavel é que, mesmo nesses casos, se tivessem sido observados bem de perto, não teria sido impossivel notar qualquer alteração na condição do duplo etherico.

Aquelles que em toda a sua vida tiveram apenas um momento de clarividencia são um grupo difficil de classificar cabalmente, por causa da grande diversidade das circumstancias que para isso contribuiram. Ha muitos d'elles em quem essa experiencia se deu nalgum dos momentos culminantes da sua vida, quando se comprehende bem que houvesse uma exaltação temporaria das faculdades que bastasse para explicar esse poder.

No caso de uma outra subdivisão d'estes, a experiencia unica consiste em ver uma apparição, que na maioria dos casos é de um parente ou amigo que está a morrer. Temos aqui que

escolher entre duas possibilidades, e em qualquer d'ellas o desejo forte do moribundo é a força impulsora. Essa força pode tel-o tornado capaz de se materializar por um momento, e nesse caso não seria precisa clarividencia para o ver; ou, com maior probabilidade, pode ter agido hypnoticamente sobre o percipiente, momentaneamente apagando a sua sensibilidade physica e estimulando a sua sensibilidade superior. Em qualquer dos casos a visão é o producto das circumstancias, e não se repete simplesmente porque se não repetem as condições necessarias.

Permanece, porém, um certo numero de casos insoluveis em que se trata de um caso unico de indiscutivel clarividencia, tratando-se comtudo de circumstancias inteiramente triviaes e sem importancia. Acerca d'estes casos só podemos formar hypotheses; as condições que os governam não pertencem evidentemente ao plano physico, e seria preciso que examinassemos separadamente cada caso antes que pudessemos dar qualquer opinião segura sobre as suas causas. Nalguns d'elles resultou que se tratava de uma entidade astral que se estava esforçando por fazer uma communicação, e não conseguia transmittir ao individuo senão um detalhe sem importancia d'essa communicação — porque a parte essencial e util não

conseguia, por qualquer razão, entrar para a consciencia d'esse individuo.

Na investigação dos phenomenos da clarividencia, todos estes typos, e muitos outros, se encontrarão, e não faltarão alguns casos de simples allucinação, que terão de ser rigorosamente excluidos da lista de exemplos. O estudioso d'um assumpto d'estes precisa ter um fundo inexgotavel de paciencia e de perseverança, mas, se continuar com tenacidade, começará vagamente a perceber a ordem que existe por detraz do chaos, e pouco a pouco irá tendo alguma noção das grandes leis pelas quaes toda a evolução se rege.

Muito o auxiliará nesses estudos a adopção da ordem que acabamos de seguir — isto é, se começar por se tornar conhecedor, tanto quanto lhe seja possivel, dos factos verdadeiros com respeito aos planos de que a clarividencia vulgar trata. Se aprender o que se pode realmente ver com a visão astral e etherica, e quaes são as suas respectivas limitações, então terá, por assim dizer, uma bitola pela qual ajuize dos casos que observar. Visto que todos os casos de visão parcial devem necessariamente entrar para qualquer escaninho d'esta classificação, o estudioso, se tiver sempre presente a linha geral do eschema, verá que lhe é relativamente facil, com alguma práctica, classificar os casos que venha a encontrar.

Nada ainda dissemos quanto ás possibilidades ainda mais maravilhosas da clarividencia no plano mental, nem, na verdade, é preciso dizer muito a esse respeito, visto ser extremamente improvavel que o investigador encontre casos d'esses, excepto entre alumnos *educados* em qualquer das mais altas escolas de occultismo. Para elles essa visão abre ainda um outro mundo, inteiramente novo, muito mais vasto do que todos os outros abaixo d'elle — um mundo onde tudo quanto podemos imaginar de gloria e de esplendor supremos é apenas o vulgar e o normal da vida. Alguns detalhes a respeito d'esta maravilhosa faculdade, da felicidade espantosa que dá, das suas magnificas opportunidades para aprender e trabalhar, veem no sexto dos nossos *Manuaes Theosophicos,* que o estudioso deve consultar sobre este assumpto.

Tudo o que esse plano tem a dar — tudo, pelo menos, quanto elle pode assimilar — está ao alcance do alumno *educado,* mas que o clarividente sem *educação* o possa tocar, não passa da mais vaga das possibilidades. Tem-se feito isso em transe mesmerico, mas o caso é de uma raridade extrema, porque exige qualificações quasi sobrehumanas no sentido de alta aspiração espiritual e absoluta pureza do pensamento e de intenção tanto da parte do hypnotisado como do hypnotisador.

A um typo de clarividencia tal como este, e, ainda mais, áquelle que pertence ao plano immediatamente superior, o nome de visão espiritual pode na verdade ser dado; e, visto que todo o mundo celestial, para o qual elle nos abre os olhos, nos cerca aqui e agora, é proprio que a nossa referencia passageira lhe seja feita ao tratarmos da clarividencia simples, ainda que se torne necessario tornar a alludir a esse poder quando tratarmos da clarividencia no espaço, da qual passamos a fallar.

CAPITULO IV

Clarividencia no espaço: Intencional

Definimol-a como sendo a capacidade de ver acontecimentos ou scenas affastadas do vidente no espaço e longe de mais para a observação usual. Os casos d'esta visão são tantos e tão variados que veremos ser precisa uma classificação um pouco mais detalhada d'elles. Não importa muito qual o criterio de que nos servimos para tal classificação, logo que elle seja sufficientemente largo para incluir todos os casos que encontremos; talvez um criterio commodo seja o de os agrupar sob as classes de clarividencia no espaço, intencional e não-intencional, com uma classe intermedia, descriptivel como semi-intencional — um titulo curioso, é certo, mas que adeante explicarei.

Como d'antes, começarei por dizer o que é possivel neste sentido ao vidente inteiramente *instruido,* e tentarei explicar como opera essa faculdade e dentro de que limites se revela. Depois d'isso, estaremos em melhor situação

para tentar comprehender os multiplos exemplos de visão parcial e *não-educada*. Consideremos em primeiro logar a clarividencia intencional.

É evidente, do que antes se disse sobre o poder de visão astral, que qualquer pessoa que a possúa completamente será capaz de, por meio d'ella, ver quasi tudo o que quizer ver neste mundo. Os mais reconditos logares estão patentes á sua vista, e não ha para ella obstaculos intermedios, dada a mudança no seu ponto de vista; de modo que, se lhe concedermos o poder de se deslocar de um lado para o outro com o corpo astral, ella poderá sem difficuldade ir a toda a parte e ver tudo dentro dos limites do planeta. De resto, isto é-lhe, mesmo, em grande parte possivel sem que haja de deslocar o seu corpo astral, como adeante se verá.

Consideremos um pouco mais de perto os methodos pelos quaes esta vista super-physica pode ser empregada para observar acontecimentos que se estão passando a distancia. Quando, por exemplo, um individuo aqui em Inglaterra vê nos seus minimos detalhes qualquer cousa que está acontecendo no momento na India ou na America, como é que isso se dá?

Appareceu uma hypothese engenhosissima para explicar o phenomeno. Suppoz-se que

cada objecto esteja perpetuamente emanando radiações em todas as direcções nalguns respeitos semelhantes (salvo em serem infinitamente mais tenues) aos raios de luz, e que a clarividencia não passa do poder de ver por estas mais tenues radiações. Nesse caso, a distancia não constituiria obstaculo á vista, pois que todos os objectos intermedios seriam penetraveis por estes raios, e estes poderiam entrecruzar-se até ao infinito em todas as direcções sem se embrulharem, exactamente como acontece ás vibrações da luz usual.

Ora, ainda que não seja esta a maneira de operar da clarividencia, a theoria é, ainda assim, perfeitamente verdadeira na maioria dos seus postulados. Não ha duvida que cada objecto constantemente está irradiando em todas as direcções, e é precisamente d'este modo, ainda que num plano superior, que os registros âkâshicos parecem ser formados. D'estes registros será necessario que tratemos na secção seguinte, e por isso basta, por emquanto, que apenas os mencionemos. Os phenomenos de psychometria dependem tambem d'estas emanações, como adeante será explicado.

Ha, porém, certas difficuldades practicas no uso d'estas vibrações ethericas (porque é isso, é claro, o que ellas são) como meio de ver qualquer cousa que esteja acontecendo a distancia. Os objectos interpostos não são inteira-

mente transparentes, e como os actores na scena que o experimentador quizesse observar seriam pelo menos tão transparentes como esses, é evidente que se correria o risco de uma séria confusão.

A dimensão addicional que entraria em jogo se fôssem astraes, em vez de ethericas, as emanações sentidas, affastaria algumas das difficuldades, mas, por seu turno, traria novas complicações, de outro genero; de modo que, para fins practicos, ao tentarmos comprehender a clarividencia, o melhor será que affastemos esta hypothese das radiações e passemos a considerar os methodos de visão a distancia que presentemente estão ao alcance do estudioso d'este assumpto. Veremos que esses methodos são cinco, dos quaes quatro são na verdade propriedades da clarividencia, ao passo que o quinto não entra propriamente nessa classe, visto que pertence ao dominio da magia. Comecemos por este, para que desde já o affastemos.

1. — *Pelo auxilio de um espirito-da-natureza.* — Este methodo não implica necessariamente a posse de qualquer faculdade *psychica* da parte do experimentador; basta que elle saiba como fazer com que qualquer habitante do mundo astral o sirva nas suas investigações. Isto pode ser feito quer por invocação, quer por evocação; isto é, o operador pode, ou

persuadir, por meio de orações e offertas, o seu auxiliar astral a dar-lhe o auxilio de que carece, ou obrigal-o a fazel-o pelo exercicio de uma vontade altamente desenvolvida.

Este methodo tem sido muito empregado no oriente (onde a entidade utilisada é em geral um espirito-da-natureza) e na velha Atlantida, onde os «senhores do rosto negro» empregavam para este fim uma variedade altamente especialisada e requintadamente venenosa de elemental artificial. Por vezes obtem-se informação da mesma maneira nas sessões espiritas hodiernas, mas nesse caso o mensageiro empregado é mais frequentemente um individuo recem-morto funccionando com maior ou menor liberdade no plano astral — ainda que por vezes seja um espirito-da-natureza amavel, que se entretenha fazendo-se passar por um parente morto de qualquer individuo. Em qualquer dos casos, como disse, este methodo não é clarividente, mas sim magico; e se aqui a elle nos referimos, é apenas para que o leitor não caia em confusão ao querer classificar sob qualquer das secções seguintes um ou outro caso do seu emprego.

2. — *Por meio de uma corrente astral.* — É esta uma expressão que frequentes vezes, e sem grande justeza, tem sido empregada em livros theosophicos de modo a abranger uma grande variedade de phenomenos, entre os

quaes aquelles que vou explicar. O que o operador, que adopte este methodo, realmente faz, não é tanto pôr em movimento uma corrente na materia astral, mas erguer uma especie de telephone temporario por meio de tal corrente.

É impossivel dar aqui qualquer explicação detalhada da physica astral, nem eu tenho para isso os conhecimentos necessarios; basta, porém, que eu diga que é possivel fazer na materia astral um nitido fio-de-communicação que sirva de fio telegraphico para transportar vibrações, por meio das quaes se pode ver tudo o que está acontecendo na outra extremidade. Esse fio é estabelecido, entenda-se bem, não por uma projecção directa no espaço de materia astral, mas por uma acção tal sobre uma linha (ou, antes, muitas linhas) de particulas d'essa materia que as torne capazes de formar um fio-conductor para vibrações do genero que se deseja.

Esta acção preliminar pode ser conseguida de duas maneiras — quer pela transmissão de energia de particula a particula, até que a linha ou fio esteja formado, ou pelo emprego de uma força de um plano superior que seja capaz de agir simultaneamente sobre toda a linha. É claro que este ultimo methodo implica um desenvolvimento muito maior, visto implicar o conhecimento de (e o poder de usar) forças de um nivel muito superior; de modo que

o individuo que d'este modo pudesse construir o seu fio não precisaria, para seu uso, de fio nenhum, visto que lhe seria possivel ver de uma maneira muito mais facil e completa empregando uma faculdade muito mais elevada.

Mesmo a operação puramente astral, aliás muito mais simples, é difficil de descrever, ainda que não custe a executar. Pode dizer-se que é mais ou menos do genero da magnetisação d'um varão de aço; porque consiste do que podemos dominar a polarisação, por um esforço da vontade humana, de um numero de linhas parallelas de atomos astraes indo desde o operador á scena que deseja observar. Todos os atomos sobre que assim se age ficam, emquanto a operação dura, com os seus eixos rigidamente parallelos uns aos outros, de sorte que formam uma especie de tubo temporario pelo qual o clarividente pode espreitar. Este methodo tem a desvantagem de que o fio telegraphico é susceptivel de ser desarranjado ou mesmo destruido por qualquer corrente astral bastante forte que aconteça atravessar-se-lhe no caminho; mas se o esforço inicial de vontade foi sufficientemente nitido, é essa uma contingencia que poucas vezes se dará.

A vista de uma scena distante obtida por meio d'esta «corrente astral» tem fortes semelhanças com a visão atravez de um telescopio. As figuras humanas parecem em geral muito

pequenas, como as sobre um palco distante, mas, apesar do seu pequeno tamanho, são tão nitidas como se estivessem perto. Ás vezes é possivel, por este meio, não só ver, mas tambem ouvir, o que se está passando; mas, como na maioria dos casos tal não acontece, devemos considerar esse phenomeno antes como a manifestação de um poder addicional do que como necessariamente um corollario d'esta ordem de clarivisão.

Notar-se-ha que neste caso o vidente, em geral, não abandona o seu corpo physico; não ha especie alguma de projecção do seu corpo astral ou de qualquer parte de si em direcção áquillo para que está olhando; elle simplesmente fabrica para si um telescopio astral temporario. Porisso está, até certo ponto, de posse das suas faculdades physicas mesmo no momento de examinar a scena distante; por exemplo, estará de posse da sua voz, de modo que lhe será possivel descrever o que está vendo, no proprio momento em que o está vendo. A consciencia do individuo está, de facto, ainda do lado de cá do fio.

Este facto, porém, tem as suas limitações, como as suas vantagens, e essas limitações tambem em muito se parecem com as do individuo que emprega um telescopio no plano physico. O experimentador, por exemplo, não pode deslocar esse ponto de vista; o seu teles-

copio tem, por assim dizer, um certo campo de visão que não pode ser augmentado ou alterado; está olhando para a scena de determinado lado, e não pode de repente viral-a e ver como ella é do lado de lá. Se tem sufficiente energia psychica, pode largar esse telescopio e fabricar para si um outro, inteiramente novo, que lhe permitta ver a scena d'um modo já um pouco differente; mas não é este um processo que seja natural que se adopte na practica.

Mas, objectar-se-ha, o mero facto de elle estar empregando a visão astral deve dar-lhe o poder de ver a scena de todos os lados simultaneamente. Assim seria se elle estivesse empregando essa visão do modo normal sobre um objecto que lhe estivesse proximo — dentro do seu alcance astral, por assim dizer; mas a uma distancia de centenas ou de milhares de kilometros o caso toma uma feição muito differente. A vista astral dá-nos a vantagem de uma nova dimensão, mas, ainda assim, ainda ha o facto chamado «posição» nessa dimensão, e elle é, naturalmente, um factor importante em limitar o uso dos poderes do seu plano. A nossa vulgar visão tri-dimensional dá-nos o poder de vermos simultaneamente todos os pontos do interior d'uma figura bi-dimensional, como, por exemplo, um quadrado, mas, para o podermos fazer, esse quadrado tem de estar razoavelmente proximo dos nossos olhos; a

mera dimensão a mais de nada servirá a um individuo em Londres se quizér examinar um quadrado em Calcuttá.

A vista astral, quando é limitada por ser dirigida por o que é, para todos os fins práticos, um tubo, soffre limitações quasi identicas ás da vista physica em circumstancias analogas; ainda que, se fôr perfeitamente possuida, consiga revelar, mesmo a tão grande distancia, as auras, e portanto as emoções e a maioria dos pensamentos, dos individuos observados.

Ha muita gente para quem este typo de clarividencia se torna muito mais facil se tiverem á mão qualquer objecto physico de que se possam servir para ponto de partida do seu tubo astral — um foco conveniente para a sua vontade. Uma esphera de crystal é o mais vulgar e o mais commodo d'esses focos, visto que tem a vantagem addicional de conter qualidades que excitam a actividade psychica; mas outros objectos se empregam, aos quaes teremos occasião de nos referir quando viermos a tratar da clarividencia semi-intencional.

Tratando ainda d'esta forma de clarividencia pela corrente astral, veremos que ha «psychicos» que não são capazes de a empregar salvo quando sob influencia hypnotica. O que ha de peculiar neste caso é que ha duas variedades d'esses «psychicos» — uma em que o

individuo, uma vez assim liberto, consegue, por si, fazer o telescopio, e outra em que é o proprio magnetisador que constróe o telescopio, pelo qual o influenciado simplesmente espreita. Neste ultimo caso, trata-se de um individuo que não tem sufficiente vontade para construir, elle proprio, o tubo, e de um hypnotisador que, ainda que possuindo essa vontade, não é, por sua vez, clarividente, porque, se o fosse, seria capaz de espreitar pelo proprio telescopio sem precisar de auxilio.

Por vezes, ainda que raramente, o tubo possue um outro dos attributos d'um telescopio — o de augmentar o tamanho dos objectos sobre que é dirigido até que elles parecem de tamanho natural. Está claro que os objectos teem sempre de ser augmentados até certo ponto, pois, se o não fôssem, seriam de todo invisiveis, mas, em geral, as dimensões são determinadas pelo tamanho do tubo astral, e toda a scena não passa de uma pequenissima fita cinematographica. Nos poucos casos em que as figuras apparecem de tamanho natural, o mais provavel é que se trate dos primeiros indicios de uma faculdade inteiramente nova; mas quando isto acontece, é preciso uma observação cuidadosa para que se não confundam com os casos da secção que segue.

3.—*Pela projecção de uma forma-de-pensamento.* — A capacidade de usar este methodo

de clarividencia implica um desenvolvimento um pouco mais avançado de que o ultimo de que se tratou, visto para elle ser precisa uma certa dose de dominio no plano mental. Todos os estudiosos da Theosophia sabem que o pensamento toma uma fórma, pelo menos no plano a que pertence, e, na grande maioria dos casos, tambem no plano astral; mas talvez não seja tão conhecido o facto de que, se um individuo pensar fortemente de que está num sitio qualquer, a fórma assumida por esse pensamento será uma semelhança do proprio pensador que apparecerá no sitio de que se trata.

Na sua essencia, essa fórma tem que ser composta de materia do plano mental, mas em muitos casos rodear-se-hia tambem de materia do plano astral, e, assim, muito mais se approximaria da visibilidade. Ha, de facto, muitos casos em que se torna visivel á pessoa de quem se pensou — o que provavelmente acontece pela inconsciente influencia mesmerica emanando do pensador inicial. Esta fôrma-de-pensamento, porém, nada levaria em si da consciencia do pensador. Uma vez emanada de elle, seria normalmente uma entidade inteiramente á parte — não, é certo, sem relação nenhuma com o seu creador, mas áparte d'elle pelo menos no que diz respeito á possibilidade de receber qualquer impressão.

Este terceiro typo de clarividencia consiste,

pois, do poder de manter tanta ligação com, e tanto poder sobre, uma fórma-de-pensamento recem-emittida que seja possivel receber impressões por meio d'ella. As impressões que a fórma receber serão, neste caso, transmittidas ao pensador — não, como antes, por meio do fio telegraphico astral, mas por vibração sympathica. Num caso perfeito d'este genero de clarividencia, é exactamente como se o pensador projectasse uma parte da sua consciencia para dentro da fórma-de-pensamento, e a usasse como uma especie de vedeta, atravez da qual lhe fôsse possivel observar. Vê tão bem como se estivesse elle-proprio no logar onde está a sua fórma-de-pensamento.

As figuras para que estiver olhando parecer-lhe-hão de tamanho natural e proximas, em logar de pequenas e a distancia, como no caso anterior; e verá que lhe é possivel deslocar, querendo, o seu ponto-de-vista. A clariaudição acompanha talvez menos frequentemente este typo de clarividencia, do que o anterior, mas o seu logar é até certo ponto tomado por uma especie de percepção mental dos pensamentos e das intenções d'aquelles que estão sendo vistos.

Visto que a consciencia do individuo está ainda no corpo physico, ser-lhe-ha possivel, mesmo no momento em que estiver exercendo esta faculdade, ouvir e fallar, tanto quanto lhe

seja possivel fazel-o sem quebra da sua attenção. Logo que lhe falhe a concentração do seu pensamento, toda a visão desapparece, e elle terá que construir uma nova fórma-de-pensamento antes que a possa continuar. Os casos em que este genero de visão acontece com sensivel relevo a individuos sem *instrucção* são, como é de suppor, mais raros do que com respeito ao typo anterior, por causa da capacidade de dominio mental que é precisa e a natureza em geral mais subtil das forças que entram em acção.

4.— *Viajando no corpo astral.*—Trata-se agora de uma variedade inteiramente nova de clarividencia, na qual a consciencia do vidente já não permanece no seu corpo physico ou em intima relação com elle, mas se transporta nitidamente à scena que está examinando. Ainda que tenha, sem duvida, maiores perigos para o vidente *não-instruido* do que qualquer dos methodos já descriptos, é, ainda assim, a melhor e mais completa fórma de clarividencia que lhe é possivel, porquanto aquella fórma immensamente superior, de que trataremos em quinto logar, não é possivel senão aos operadores altamente *educados.*

Neste caso o corpo do individuo está ou em somno ou em transe, e os seus orgãos não são portanto utilisaveis emquanto a visão dura, de modo que toda a descripção do que se vê, e

todas as perguntas a proposito de detalhes, teem de ficar para quando o viajante regressa ao plano physico. Mas a visão d'esta ordem é muito mais completa e mais perfeita; o individuo ouve, assim como vê, tudo quanto perante elle se passa e pode mover-se livremente, conforme queira, dentro dos limites larguissimos do plano astral. Pode ver e estudar com vagar todos os outros habitantes d'esse plano, de modo que o grande mundo dos espiritos-da-natureza (do qual o tradicional paiz das fadas não é senão uma parte pequenissima) lhe está patente, assim como aquelle d'alguns dos devas inferiores.

Tem tambem a enorme vantagem de poder, por assim dizer, tomar parte nas scenas que se passam á sua vista, e de conversar livremente com essas varias entidades astraes, com quem tanto, de curioso e de interessante, ha a aprender. Se, além d'isso, pode aprender a materialisar-se (o que não apresenta grande difficuldade, uma vez que elle saiba como isso se faz), poderá tomar parte em acontecimentos physicos ou conversas passadas a grande distancia, e mostrar-se a um amigo ausente, sempre que assim queira.

Tem, além d'isso, a faculdade de poder procurar o que deseja. Por meio das outras variedades de clarividencia, que antes descrevemos, elle realmente só poderia encontrar um logar

ou uma pessoa se já os conhecesse, ou então pondo-se *en rapport* com elles pelo contacto com qualquer cousa physicamente com elles relacionada, como na psychometria. É verdade que no terceiro dos methodos, que descrevemos, é possivel um certo movimento, mas o processo é lento e difficil, excepto para distancias muito pequenas.

Pelo uso do corpo astral, porém, um individuo pode deslocar-se livre e promptamente em qualquer direcção, pode (por exemplo) encontrar sem difficuldade um logar apontado num mappa, mesmo sem prévio conhecimento do logar ou razão especial para estabelecer uma ligação com elle. Pode tambem com facilidade subir ao ar de modo a obter uma vista de conjuncto do paiz que está examinando, de modo a saber a sua extensão, o contorno das suas costas, ou o aspecto geral da sua paysagem. Na verdade, de todas as maneiras o seu poder e a sua liberdade são muito maiores quando emprega este methodo do que em qualquer dos casos anteriores.

Um bom exemplo da plena posse d'esta faculdade é citada, reportando-se ao escriptor allemão Jung Stilling, por Mrs. Crowe no seu livro *O Lado Nocturno da Natureza* (p. 127). A historia diz respeito a um vidente que se diz ter residido nos arrabaldes de Philadelphia, na America. Os seus habitos eram solitarios e re-

servados; era grave, bondoso e de indole religiosa, nada se dizendo contra o seu caracter, salvo que tinha a reputação de estar de posse de alguns segredos que não eram considerados como sendo de todo *licitos*. D'elle se contavam muitas historias extraordinarias, e entre ellas a seguinte:

«A esposa de um commandante de navios (o qual tinha ido em viagem á Europa e á Africa, e de quem ella havia tempos não recebera noticias), apoquentada com esse facto, decidiu dirigir-se a esse individuo. Tendo ouvido o que ella lhe contou, elle pediu-lhe que o desculpasse um momento, ao fim do qual lhe traria a informação que ella desejava. Dito isto, entrou para um quarto interior e ella sentou-se a esperar que elle voltasse; como, porém, se demorasse mais do que ella esperava, ella, na sua impaciencia julgando que elle se esquecera, approximou-se da porta para o outro quarto e espreitou por qualquer greta. Foi grande a sua surpreza quando o viu estendido sobre um sofá, immovel como se estivesse morto. Achando bom não o interromper, sentou-se outra vez e esperou que elle voltasse. Ao voltar, elle disse-lhe que o marido lhe não tinha podido escrever por varias razões, que enumerou, mas que estava ao momento num café em Londres e dentro em pouco regressaria á America.

«O commandante chegou de ahi a pouco, e, como a senhora lhe ouvisse dar para o seu prolongado silencio precisamente as mesmas causas que o individuo tinha indicado, ficou com um grande desejo de averiguar a verdade do resto da informação que lhe havia sido dada. Isto conseguiu, porque o capitão, mal poz a vista em cima do mago, disse que já o tinha visto um certo dia, num café de Londres, onde elle lhe tinha dito que a sua esposa estava muito inquieta a seu respeito, ao que elle (commandante) tinha respondido dando as razões porque não escrevera e acrescentando que em breve embarcaria para a America. Depois perdera de vista o estranho, no meio da multidão, e nada mais sabia a seu respeito.»

Não temos agora, é claro, maneira alguma de saber que razões tinha Jung Stilling para crêr na verdade d'esse caso, ainda que elle se declare plenamente satisfeito com as fontes onde o colheu; mas tanta cousa parecida se tem dado que não ha razão para duvidar da sua authenticidade. O vidente, deve, porém, ter desenvolvido a sua faculdade, ou por si, ou em qualquer outra escola que aquella d'onde se deriva a informação theosophica; porque no nosso caso ha uma regra bem explicita prohibindo expressamente aos alumnos que dêem d'esse poder qualquer manifestação que possa ser nitidamente verificada d'um lado e d'outro,

como o caso citado, e constituir aquillo a que se chama um «phenomeno». Que esta regra é bem prudente, prova-o, perante todos quantos conheçam alguma cousa da historia da nossa Sociedade, o resultado desastroso que produziu uma pequenissima e temporaria quebra d'ella.

Citei alguns casos modernos, quasi parallelos ao que se citou, no meu livrinho sobre *Auxiliares Invisiveis*. O caso de uma senhora que conheço muito bem, e frequentemente assim apparece a amigos ausentes, é citado pelo sr. Stead em *Historias Verdadeiras de Espectros* (p. 27); e o sr. Andrew Lang relata, no seu livro *Sonhos e Espectros* (p. 89), como o sr. Cleave, então em Portsmouth, appareceu intencionalmente duas vezes a uma senhora que estava em Londres, assustando-a bastante. Ha um grande numero de testemunhos sobre o assumpto, como pode verificar quem o quizer estudar a sério.

A realização de visitas astraes intencionaes parece muitas vezes tornar-se possivel, quando os principios se estão desligando com a approximação da morte, a pessoas que seriam incapazes de tal fazer em qualquer outra occasião. Ha ainda mais exemplos d'esta classe do que da outra; resumo aqui um, muito bom, citado pelo sr. Andrew Lang, a p. 100 do livro acima citado — um exemplo de que o autor diz que

«não ha muitas historias que tenham em seu favor um testemunho tão completo».

«Mary, esposa de John Goffe, de Rochester, tendo cahido de cama com uma longa doença, foi transportada para casa de seu pae, em West Malling, a umas nove milhas de distancia da sua propria casa.

«No dia antes de morrer tornou-se impacientemente desejosa de ver os seus dois filhos, que tinha deixado em casa, ao cuidado de uma ama. Mas estava doente de mais para que a pudessem transportar, e entre a uma hora e as duas da madrugada cahiu em transe. Uma viuva de apellido Turner, que estava velando essa noite ao pé do leito, diz que os seus olhos estavam abertos e fixos e o queixo cahido. Mrs. Turner pousou-lhe a mão sobre a bôca, mas não pôde sentir respiração alguma. Julgou-a num ataque, nem tinha a certeza se ella estava viva ou morta.

«Na manhã seguinte a moribunda disse á mãe que tinha estado em casa, com os filhos, explicando: «Estive com elles a noite passada, emquanto dormia».

«A ama, que estava em Rochester, uma viuva chamada Alexander, affirma que um pouco antes das duas horas da madrugada viu a imagem da dita Mary Goffe sahir do quarto ao lado (onde a mais velha das duas creanças estava a dormir), pois que a porta

entre os dois quartos ficára aberta, e demorar-se perto de um quarto de hora á beira do leito d'ella (ama), onde estava, a seu lado, dormindo, a creança mais nova. Os olhos moviam-se e a bocca tambem, mas não disse nada. A ama accrescenta que estava perfeitamente accordada; já era dia, poisque era esse um dos dias mais longos de anno. Sentou-se na cama e olhou fixamente para a apparição. Nessa altura ouviu o relogio da ponte dar duas horas, e pouco depois dirigiu-se á imagem, dizendo: «Em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo, o que és tu?» Então a apparição affastou-se e dasappareceu; a ama vestiu-se e seguiu, mas não pôde ver o que foi feito da imagem».

A ama parece ter ficado mais assustada com o desapparecimento da imagem, do que com a presença d'ella, porque depois d'isto teve medo de ficar dentro de casa, e passou o resto do tempo até ás seis horas a passear fóra da porta para um lado e para o outro. Quando os visinhos acordaram, ella contou-lhes tudo, e elles, é claro, disseram que ella o tinha sonhado; ella, como é natural, repudiou calorosamente essa idéa, mas não pôde conseguir que se desse algum valor ás suas palavras senão quando chegou a noticia do que se tinha passado do outro lado, em West Malling, e

então houve quem pensasse que talvez a historia não fôsse inteiramente um sonho.

O que ha de notavel neste caso é que á mãe foi preciso passar do somno vulgar para a condição, mais profunda, do transe antes que pudesse conscientemente visitar os filhos; ha, porém, varios casos analogos que é possivel respigar entre o vasto numero d'elles que se encontra nos livros que versam tal assumpto.

Dois outros casos de typo exactamente semelhante — em que uma mãe moribunda, desejando ardentemente ver os seus filhos, cahe num somno profundo, visita-os e regressa a si, dizendo que os visitou — são contados pelo Dr. F. G. Lee. Em um d'elles a mãe, moribunda no Egypto, apparece aos filhos em Torquay, e é vista nitidamente, e em plena luz do dia, por todos os cinco filhos e tambem por uma creada que os acompanhava. (*Vislumbres do Sobrenatural*, vol. II, p. 64). No outro uma senhora *quaker*, moribunda em Cockermouth, é vista e reconhecida em pleno dia em Settle pelos seus trez filhos, sendo o resto da historia mais ou menos semelhante ao da outra. (*Vislumbres no Crepusculo*, p. 94). Ainda que estes casos sejam menos conhecidos do que o de Mary Goffe, a evidencia em favor da sua authenticidade parece ser tão boa como naquelle, como se verá pelos testemunhos adduzidos pelo reverendo autor dos livros de onde os citamos.

O homem que possue completamente este quarto typo de clarividencia tem ao seu dispôr muitas e grandes vantagens, mesmo além das que já referimos. Não só pode visitar sem trabalho ou despeza todos os logares famosos e bellos da terra, mas, se é um erudito, considerae o que vale para elle o poder de visitar todas as bibliothecas do mundo! Que prazer não deve dar ao individuo de mentalidade scientifica o poder assistir a tantos dos processos da chimica secreta da natureza, ou ao philosopho o ver revelado a seus olhos muito e muito mais, do que antes sabia, dos mysterios da vida e da morte! Para elle aquelles que sahiram d'este plano não são já mortos, mas vivos e ao seu alcance durante muito tempo ainda; para elle muitas das concepções religiosas são já materia, não de fé, mas de conhecimento. E, além de tudo, elle pode unir-se ao exercito dos auxiliares invisiveis e ser util em grande escala. Sem duvida que a clarividencia, mesmo quando limitada ao plano astral, é um grande beneficio para o individuo.

Por certo que tem tambem os seus perigos, sobretudo para os *não-instruidos;* o perigo das entidades malignas de varias especies, que podem assustar ou atacar aquelles que se deixam perder a coragem de as encarar ousadamente; o perigo de erros de toda a natureza, de conceber mal e interpretar mal aquillo que se vê; e,

maior do que todos, o perigo de crear a vaidade d'esse poder e julgar impossivel o erro por meio d'ella. Mas uma pequena dose de bom-senso e de experiencia devem salvar o individuo d'estes escolhos.

5.—*Viajando no corpo mental.*—Trata-se, simplesmente, de uma fórma mais alta, e, por assim dizer, glorificada, do typo que acabamos de descrever. O instrumento empregado já não é o corpo astral, mas o mental—um instrumento, portanto, pertencente ao plano mental, e tendo em si todas as potencialidades do maravilhoso sentido d'esse plano, tão transcendente na sua acção e comtudo tão impossivel de descrever. Um individuo funccionando neste corpo deixa atraz o seu corpo astral, junto com o physico, e se por qualquer razão deseja mostrar-se sobre o plano astral, não manda buscar o seu corpo astral, mas, apenas por um simples acto de vontade, materialisa-se um para o seu fim temporario. A uma materialisação astral d'essas chamam ás vezes a mâyâvirûpa, e para a formar a primeira vez é em geral preciso o auxilio d'um Mestre qualificado.

As enormes vantagens dadas pela posse d'este poder são a capacidade de entrar na gloria e na belleza da terra superior da felicidade, e a posse, mesmo quando operando no plano astral, do sentido mental, muito mais comprehensivo, que revela ao estudioso tantas

extraordinarias visões de conhecimento, tornando o erro, pode-se dizer que impossivel. Este vôo altissimo, porém, é possivel apenas ao individuo *instruido,* visto que só depois de uma instrucção especial é que um individuo no actual estádio evolutivo da humanidade pode aprender a empregar o seu corpo mental como instrumento.

Antes de abandonarmos o assumpto da clarividencia plena e intencional, será bom dedicar algumas palavras a responder a algumas perguntas, que em geral lembram aos estudiosos, sobre as limitações d'essa faculdade. Ao vidente será possivel, muitas vezes se pergunta, encontrar qualquer pessoa com quem deseje communicar, esteja ella viva ou morta?

A resposta a esta pergunta terá de ser uma affirmativa condicional. Sim, será possivel encontrar qualquer pessoa se o experimentador puder, d'um modo ou d'outro, collocar-se *en rapport* com essa pessoa. Seria inutil lançar-se vagamente nos espaços é procura d'um extranho entre os milhões que nos cercam, sem ter qualquer indicação para o encontrar; mas, verdade seja, uma indicação pequenissima é em geral quanto basta.

Se o clarividente sabe qualquer cousa do individuo que procura, não terá difficuldade em o encontrar, porque cada individuo tem aquillo a que se pode chamar uma nota musi-

cal que o caracterisa — uma nota que é a expressão d'elle como conjuncto, produzida talvez por uma especie de media dos graus de vibração de todos os seus instrumentos differentes nos seus respectivos planos. Se o operador sabe descobrir essa nota e vibral-a, ella fará, por vibração sympathica, com que a attenção do individuo, esteja elle onde estiver, seja attrahida e accordará nelle uma resposta immediata.

Que o homem esteja vivo ou recem-morto não fará para o caso differença nenhuma, e a clarividencia da quinta classe encontral-o-hia immediatamente mesmo entre os innumeros milhões no mundo celestial, se bem que nesse caso o individuo procurado não teria consciencia de o estarem observando. Claro está que um vidente cuja consciencia não esteja mais alta de que o plano astral — que empregue portanto um dos primeiros methodos de videncia — não será capaz de encontrar um individuo no plano mental; mas mesmo esse saberá ao menos que o individuo está nesse plano, pelo simples facto de a vibração da nota até ao nivel astral não produzir resposta nenhuma.

Se o individuo procurado fôr inteiramente estranho ao operador, este precisará de qualquer cousa relacionada com elle para o pôr na pista — um retrato, uma carta por elle escripta, um objecto que lhe pertenceu e se ache im-

pregnado do seu magnetismo pessoal; qualquer d'estas cousas servirá nas mãos d'um vidente experiente.

Torno a lembrar que não se deve crêr que os alumnos que aprenderam a usar esta arte teem a liberdade de estabelecer uma especie de escriptorio de informações pelo qual se possa communicar com parentes perdidos ou mortos. Um recado dado d'este lado para um d'esses poderá ou não ser passado para elle, conforme as circumstancias, mas, mesmo que fôsse, o mais provavel é que se não receba resposta, visto que então a transacção entraria na categoria de um phenomeno — isto é, qualquer cousa que se podia provar no plano physico ter sido um acto de magia.

Uma outra pergunta, que muitas vezes surge, é se no acto de visão psychica, ha qualquer limitação quanto a distancia. A resposta parece que deve ser que não deve haver limite senão o dos respectivos planos. Devemos não esquecer que os planos astral e mental da nossa terra são tão nitidamente seus como a sua atmosphera, ainda que se extendam muito mais para além d'ella, mesmo no nosso espaço tri-dimensional, do que o proprio ar. Porisso a passagem para, ou a visão detalhada de, outros planetas não seria possivel a qualquer systema de clarividencia relacionado com estes planos. É na verdade perfeitamente possivel e

facil ao individuo que elevou a sua consciencia até ao plano buddhico passar para qualquer dos outros globos pertencentes á nossa cadeia de mundos, mas isso já não pertence ao assumpto de que tratamos.

Ainda assim, uma boa dose de informação addicional acerca de outros planetas pode ser obtida pelo uso das faculdades clarividentes que descrevemos até agora. É possivel tornar a vista enormemente mais clara passando para fóra das constantes perturbações da atmosphera terrestre, e tambem não é difficil aprender como investir-se de um poder de augmentar muito elevado, de modo que mesmo pela clarividencia usual se pode obter uma quantidade de conhecimentos astronomicos muito interessantes. Mas, no que respeita a esta terra e ao que immediatamente a cerca, pode dizer-se que não ha limites.

CAPITULO V

Clarividencia no espaço: Semi-intencional

Sob este titulo um pouco estranho reúno os casos de todos os individuos que claramente se propuzeram ver qualquer cousa, mas sem terem noção do que essa cousa seria, nem dominio sobre a vista desde que hajam começado as visões—Micawbers psychicos, que se collocam numa situação puramente receptiva e passam a esperar que qualquer cousa aconteça. Muitos médiums de transe entrarão nesta categoria; ou se hypnotisam a si-proprios, de qualquer maneira, ou são hypnotisados por qualquer «espirito-guia», passando depois a descrever as visões que aconteça passarem-lhes deante da vista. Ás vezes, porém, quando neste estado, vêem o que se está passando a distancia, e assim teem que tomar logar entre os nossos «clarividentes no espaço».

Mas o grupo maior e mais espalhado d'estes clarividentes semi-intencionaes é o dos varios generos de crystallovidentes—aquelles que,

como diz o sr. Andrew Lang, «olham para dentro de uma esphera de crystal, de uma taça, de um espelho, de um pingo de tinta (Egypto e India), de um pingo de sangue (entre os maories da Nova-Zelandia), uma vasilha com agua (pelles-vermelhas), uma poça de agua (Roma e Africa), agua numa taça de vidro claro (em Fez), ou quasi qualquer especie de superficie polida» *(Sonhos e Espectros*, p. 57).

Duas paginas depois o sr. Lang dá-nos um optimo exemplo da especie de visão que mais frequentemente se consegue d'esta maneira. «Tinha eu dado uma esphera de vidro», diz elle, «a uma joven, Miss Baillie, que quasi nada conseguiu ver nella. Ella emprestou-a a uma amiga, Miss Leslie, que viu um sofá antigo, grande, encarnado, coberto de musselina, que veiu a encontrar numa casa de campo, que então desconhecia, e d'alli a dias aconteceu visitar. O irmão de Miss Baillie, um joven athleta, chasqueou d'estas experiencias, levou a esphera para o escriptorio e d'ahi a pouco reappareceu, mostrando-se um tanto ou quanto perturbado. Admittiu que tinha visto uma visão — alguem que conhecia num quarto illuminado por um candieiro. Durante a semana havia de descobrir se tinha acertado ou não. Aconteceu isto num domingo, ás cinco e meia da tarde.

«Na terça-feira o sr. Baillie estava num

baile numa cidade a umas quarenta milhas de distancia de casa, e encontrou uma Miss Preston. «No domingo», disse elle, «pelas cinco horas e meia, vi-a; estava sentada ao pé d'um candieiro de petroleo, com um vestido que nunca lhe vi, uma blusa azul com rendas sobre os hombros; e estava deitando chá na chavena de um individuo vestido com um fato azul, que estava de costas para mim, de modo que da cara apenas lhe vi a guia do bigode».

«Ora essa! exclamou Miss Preston.» «Então não estavam corridos os stores!»

«Eu estava em Dulby,» respondeu o sr. Baillie, e sem duvida assim fôra.»

É este um caso absolutamente typico de crystallovidencia — a scena absolutamente exacta em todos os seus detalhes, como viram, e comtudo absolutamente sem importancia e evidentemente sem significação nenhuma para qualquer das pessoas, a não ser que serviu para provar ao sr. Baillie que a crystallovidencia não era uma pura illusão. É mais vulgar, talvez, as visões terem um caracter romantico — individuos em trajes estranhos, ou paysagens muito bellas, ainda que em geral desconhecidas.

Ora qual é a explicação d'esta especie de clarividencia? Como acima indiquei, pertence em geral ao typo de «corrente astral,» e o crystal, ou outro qualquer objecto, constitue simplesmente um fóco para a vontade do vidente, um

ponto de partida conveniente para o seu tubo astral. Ha individuos capazes de influenciar pela vontade aquillo que veem, isto é, que teem o poder de apontar o telescopio para onde desejam; mas a grande maioria apenas pode formar um tubo casual e ver simplesmente o que acontece estar ao fim d'elle.

Ás vezes trata-se, como no caso citado, de uma scena relativamente proxima; outras vezes a visão será de uma longinqua paysagem do oriente; outras, ainda, poderá ser o reflexo de qualquer fragmento de um registro akashico, e então a scena mostrará figuras com qualquer traje antigo, e o phenomeno pertencerá portanto á nossa terceira grande classe, a «clarividencia no tempo.» Diz-se que visões do futuro tambem ás vezes surgem nos crystaes; trata-se de um desenvolvimento de visão a que adeante nos referiremos.

Já vi um clarividente empregar, em vez da vulgar superficie brilhante, uma superficie baça, preta — uma mão-cheia de carvão em pó num pires. De resto, parece ter pouca importancia o objecto que serve de fóco, excepto que o crystal puro tem sobre as outras substancias a nitida vantagem de o arranjo peculiar de essencia elemental ser especialmente excitante das faculdades «psychicas.»

Parece, porém, provavel que nos casos onde um pequeno objecto brilhante se emprega —

como um ponto luminoso, ou o pingo de sangue dos maories — o caso seja, realmente, apenas de auto-hypnotisação. Entre nações não-europêas a experiencia é muitas vezes precedida ou acompanhada por ritos e invocações magicas, de modo que é muito provavel que a visão que se consiga seja realmente, não a do individuo, mas apenas a de qualquer entidade estranha, e assim o phenomeno será apenas um caso de possessão temporaria, e não verdadeiramente de clarividencia.

CAPITULO VI

Clarividencia no espaço: Não-intencional

Nesta classe podemos reunir todos aquelles casos em que as visões de qualquer acontecimento que se esteja passando a distancia surgem inesperadamente e sem qualquer especie de preparação. Ha gente sujeita a este genero de visões, ao passo que a muitos tal phenomeno acontecerá apenas uma vez em toda a vida. As visões são de todas as especies e de todos os graus de perfeição, e podem, apparentemente, ser produzidas por varias causas. Ás vezes a razão da visão é evidente, e o assumpto da maior importancia; outras vezes não se pode encontrar razão para ella, e os acontecimentos vistos são dos mais banaes e sem relevo.

Ás vezes estes vislumbres da faculdade super-physica veem como visões em vigilia; outras vezes revelam-se durante o somno como sonhos vívidos ou repetidissimos. Neste ultimo caso a vista empregada é, em geral, talvez da

especie que descrevemos na nossa quarta subdivisão da clarividencia no espaço, porque o individuo que dorme viaja frequentemente no seu corpo astral a um ponto qualquer com o qual as suas affeições ou os seus interesses estejam fortemente relacionados, examinando simplesmente o que se esteja passando nesse ponto; no outro caso parece mais provavel que se esteja dando o segundo typo de clarividencia, por meio da corrente astral. Mas neste caso a corrente ou tubo é formado de modo inteiramente inconsciente, e é muitas vezes o resultado automatico de um pensamento ou emoção forte projectado de uma extremidade ou de outra — do vidente ou do individuo visto.

O plano mais simples será o de dar alguns exemplos dos varios generos, juntando-lhes as explicações que pareçam necessarias. O sr. Stead colligiu um grande e variado numero de casos recentes e bem-authenticados no seu livro *Historias Verdadeiras de Espectros*, de onde extrahirei alguns dos meus exemplos, resumindo ligeiramente, por vezes, para poupar espaço.

Ha casos em que é immediatamente evidente a qualquer estudioso da Theosophia de que o caso excepcional de clarividencia foi especialmente produzido por um do grupo a que chamamos os «Auxiliares Invisiveis», com o fim de que auxilio fôsse prestado a alguem que

d'elle muito carecia. A esta classe, sem duvida, pertence o caso relatado pelo capitão Yonnt, de Napa Valley, California, ao dr. Bushnell, que o conta no seu livro *A Natureza e o Sobrenatural* (p. 14).

«Ha seis ou sete annos, numa noite de inverno, elle teve um sonho em que viu o que parecia ser um grupo de emigrantes preso pelas neves das montanhas, e succumbindo rapidamente ao frio e á fome. Reparou no aspecto da paysagem, caracterisada sobretudo por uma grande mole perpendicular de rochedo branco; viu os homens cortando o que parecia ser cimos de arvores, que sahiam de fundos abysmos de neve; fixou as proprias physionomias das pessoas e a expressão geral de angustia que tinham.

«Acordou profundamente impressionado com a nitidez e apparente realidade do sonho. Tornou a adormecer, e tornou, com egual vividez, a sonhar o mesmo sonho. De manhã não conseguiu arrancal-o do espirito. Encontrando-se, poucas horas depois, com um velho camarada, caçador, contou-lhe o caso, e ainda mais impressionado ficou quando o outro lhe declarou reconhecer immediatamente a paysagem descripta. Esse camarada tinha atravessado a Sierra pelo Carson Valley Pass, e disse que havia um logar nesse trajecto que era exactamente como elle descrevera.

«Com isto o capitão, aliás homem de decisões rapidas, não hesitou. Reuniu um grupo de homens com mulas, cobertores e provisões. Os visinhos riam da sua credulidade. «Não importa», dizia elle; «posso fazer isto, e não deixarei de o fazer, porque creio, verdadeiramente, que este meu sonho é certo.» Os homens fôram mandados seguir para cento e cincoenta milhas de alli, directamente para Carson Valley Pass. E lá encontraram toda a companhia exactamente nas condições que o sonho indicára, conseguindo trazer comsigo os sobreviventes.»

Visto que não consta que o capitão Yonnt tivesse o habito de ter visões, parece evidente que qualquer Auxiliar, vendo a condição desesperada do grupo de emigrantes, pegou na pessoa impressionavel que estava mais proxima e mais util seria para o caso (calhando ser o capitão) e o transportou ao local no corpo astral, acordando-o sufficientemente para que a scena lhe não sahisse da memoria. Pode ser que o Auxiliar tivesse, em logar d'isso, arranjado uma «corrente astral» para o capitão, mas o outro processo é o mais provavel. Em todo o caso, o motivo, e mesmo o processo, são, neste caso, bastaste claros.

Ás vezes a «corrente astral» pode ser posta em acção por um forte pensamento emotivo da outra extremidade do fio, e isto pode acontecer mesmo que o pensador não tenha consciente-

mente desejado que assim seja. No caso, assaz curioso, que vou relatar, é evidente que a ligação se encontra no facto de o doutor pensar constantemente em Mrs. Broughton, ainda que não tivesse um desejo especial de que ella soubesse o que elle na occasião estava fazendo. Não ha duvida que se trata d'este genero de clarividencia: demonstra-o a fixidez do ponto de vista de Mrs. Broughton — o qual, note-se bem, não é o ponto de vista do doutor, sympathicamente transportado (como podia ter acontecido), visto que ella lhe vê as costas sem o reconhecer. O relato encontra-se nos *Annaes da Sociedade de Investigação Psychica* (vol. II., p. 160).

« Mrs. Broughton acordou de repente, numa noite do anno de 1844, e, acordando o marido, disse-lhe que uma cousa horrivel tinha acontecido em França. Elle pediu-lhe que dormisse, e o não incommodasse. Ella respondeu-lhe que não estava a dormir quando viu o que por força lhe quiz contar — o que na verdade vira.

« Primeiro um desastre de carruagem — ella não viu o desastre, mas apenas os resultados —, uma carruagem partida, uma multidão, um corpo erguido com cuidado e transportado para a casa mais proxima, e depois, sobre uma cama, uma figura que reconheceu como sendo a do duque de Orleans. Pouco a pouco viu amigos juntarem-se em torno ao leito — entre elles

varios membros da familia real franceza—a rainha, depois o rei, todos silenciosos, chorando, olhando para o duque evidentemente moribundo. Um individuo (ella lhe não via senão as costas e não podia saber quem era) era medico. Estava debruçado sobre o duque, tomando-lhe o pulso, com o relogio na outra mão. Depois a visão passou, e ella não tornou a ver mais nada.

«Logo que raiou o dia, Mrs. Broughton escreveu no seu diario tudo o que tinha visto. Era antes de haver a telegraphia electrica, e porisso passaram dois ou mais dias antes que o *Times* noticiasse «A Morte do Duque de Orleans». Visitando Paris pouco depois, ella viu e reconheceu o local do desastre e teve tambem a explicação da impressão que recebera. O medico, que estivera ao pé do duque moribundo, era um velho amigo d'ella, e, ao estar ao pé do leito do duque, estava, por qualquer razão, constantemente pensando nella e na sua familia.»

Um caso mais vulgar é aquelle em que uma affeição forte estabelece a precisa corrente; provavelmente uma corrente relativamente constante de pensamento mutuo está, nesse caso, constantemente passando entre os dois individuos, e qualquer subita precisão ou difficil conjunctura da parte de qualquer d'elles dá temporariamente a essa corrente o poder de polari-

zação que é necessario para que haja o telescopio astral. Um bom exemplo vem citado nos mesmos *Annaes* (vol. I., p. 30).

«A 9 de Setembro de 1848, no cerco de Mooltan, o General R..., então ajudante do regimento, foi gravemente ferido; e, suppondo-se á beira da morte, pediu a um dos officiaes que estavam com elle que lhe tirasse a alliança do dedo e a mandasse a sua esposa, que estava então a boas cento e cincoenta milhas de distancia, em Ferozepore.

«Na noite de 9 de Setembro de 1848», escreve sua esposa, «estando eu deitada sobre a cama, quasi a pegar no somno, vi claramente o meu marido ser levado do campo de batalha, seriamente ferido, e ouvi a sua voz dizendo, «Tirem-me este annel do dedo e mandem-o a minha mulher.» Durante todo o dia seguinte não pude arrancar do meu espirito quer a visão, quer a voz que ouvira.

«Depois vim a saber que o general R... tinha sido gravemente ferido no ataque a Mooltan. Escapou porém, e ainda vive. Foi só bastante tempo depois do cerco que ouvi dizer ao general L..., o official que ajudou a conduzir meu marido para fóra do campo de batalha, que o pedido a proposito do annel fôra realmente feito por elle, exactamente pelas palavras que eu ouvi, na mesma occasião, em Ferozepore.»

Ha, depois, aquella grande classe de clarivisões casuaes que não teem causa que se possa descobrir — que não teem, apparentemente, sentido nenhum, ou relação alguma com quaesquer acontecimentos conhecidos do vidente. A este grupo pertencem muitas das paysagens vistas por algumas pessoas antes de adormecer. Transcrevo um relato, magnifico e fortemente vincado, do livro *Historias Verdadeiras de Espectros* do sr. W. T. Stead (p. 65):

«Deitei-me mas não pude dormir. Fechei os olhos e esperei que o somno chegasse; em vez de somno surgiram-me, porém, em série, varios quadros clarividentes curiosamente vividos. Não havia luz no quarto, e estava tudo absolutamente escuro; além d'isso, tinha os olhos fechados. Mas, apesar da escuridão, tive de repente consciencia de estar olhando para uma scena de singular belleza. Era como se estivesse olhando para uma miniatura viva, do tamanho de uma chapa de lanterna-magica. Tenho agora presente a scena, como se ainda a estivesse vendo. Era uma paysagem á beira-mar. A lua brilhava sobre as aguas, que subiam pela praia lentamente. Defronte de mim uma extensa mole de terra entrava pelo mar dentro.

«De cada lado d'ella havia rochedos irregulares, erguendo-se acima da superficie das aguas. Na costa estavam varias casas, quadradas e rudes, sem semelhança com qualquer

typo de casa que eu conhecesse. Não havia alli viv'alma, mas só a lua e o mar e o brilho do luar sobre as aguas inquietas, exactamente como se eu estivesse olhando directamente para a paysagem real.

«Era tão bello que me recordo de ter pensado que, se aquillo continuasse, eu tomaria tanto interesse que não me deixaria dormir. Estava bem acordado, e ao mesmo tempo que via essa scena, ouvia claramente o som da chuva lá fóra. Então, de repente, sem fim ou razão apparente, a scena mudou.

«O luar e o mar desappareceram, e, em vez de os ver, vi que estava olhando para o interior de uma sala de leitura. Parecia uma sala usada para aula de dia, e para sala de leitura de noite. Lembro-me de ver um leitor curiosamente parecido com o Tim Harrington, se bem que não fôsse elle, levantar na mão um livro ou revista e desatar a rir. Não era um quadro: estava alli.

«A scena era exactamente como se se estivesse a olhar por um binoculo; via-se o jogo muscular, o brilho dos olhos, todos os movimentos das pessoas desconhecidas no logar desconhecido para onde se estava olhando. Vi tudo isso sem abrir os olhos, nem propriamente tinham meus olhos qualquer cousa que ver com aquillo tudo. Estas cousas veem-se

como que com um outro sentido, que mais parece estar dentro da cabeça do que nos olhos.

«Foi uma experiencia muito fraca e sem importancia, mas fez-me comprehender, melhor do que milhares de explicações, como é que os clarividentes vêem.

«Os quadros eram a proposito de nada; não foram suggeridos por cousa alguma que eu tivesse lido ou de que tivesse fallado; appareceram simplesmente como se eu pudesse espreitar por uma janella para o que estava acontecendo num outro logar qualquer. Espreitei essa vez, e passou, nem tornei a ter outra experiencia d'esse genero.»

O sr. Stead acha que aquillo foi «uma experiencia muito fraca e sem importancia», e talvez assim a devamos considerar em relação ás maiores possibilidades; conheço, porém, muitos estudiosos que se considerariam felizes se tivessem tido tanto como isso a contar de sua experiencia pessoal. Por pequena que seja, dá immediatamente ao vidente uma noção verdadeira do phenomeno, e para o individuo que viu mesmo esse pouco a clarividencia é um facto real a um ponto que nunca poderá ser para o que não tiver tido esse pequeno contacto com o mundo invisivel.

Esses quadros fôram vívidos de mais para que podessem ser meros reflexos do pensamento alheio, e, além d'isso, a descripção mos-

tra, sem que possa haver duvida, que fôram vistos por um telescopio astral; de modo que, ou o sr. Stead inconscientemente estabeleceu, por si, uma corrente, ou (o que é mais provavel) qualquer amavel entidade astral lhe fez esse serviço, dando-lhe, para lhe alliviar uma hora aborrecida, quaesquer quadros agradaveis que acontecesse estarem no fim do tubo.

CAPITULO VII

Clarividencia no Tempo: O Passado

A clarividencia no tempo—isto é, o poder de ler o passado e o futuro—é, comò todas as outras variedades, possuida por differentes pessoas em graus muito differentes, desde o individuo que tem ambas as faculdades sob o pleno dominio da sua vontade, até áquelle que apenas de vez em quando tem vislumbres ou reflexos involuntarios e imperfeitissimos d'estas scenas de outros dias. Um individuo d'este ultimo typo poderá ter, por exemplo, uma visão de algum acontecimento do passado; mas essa visão está sujeita a uma deformação gravissima, e, mesmo quando acontecesse ser razoavelmente precisa, é quasi certo que seria apenas um quadro isolado, e o vidente seria provavelmente incapaz de o relacionar com acontecimentos anteriores ou posteriores, ou dar uma explicação cabal de qualquer detalhe mais extranho que nella apparecesse. O vidente *educado,* pelo contrario, poderia seguir o drama,

a que essa scena está ligada, para antes ou para depois d'ella, tanto quanto quizesse, e traçar com egual facilidade as causas que a haviam produzido ou os resultados que d'ella adviriam.

Talvez com mais facilidade comprehendamos esta nada facil secção do nosso assumpto se a examinarmos segundo as subdivisões que naturalmente nos occorrem, tratando primeiro da visão que olha, retrospectivamente, para o passado, e deixando para depois aquella que trespassa o véu do futuro. Em qualquer dos casos será bom que tentemos comprehender, tanto quanto possivel, o *modus operandi*, ainda que apenas imperfeitamente o consigamos fazer, devido, em primeiro logar, ao caracter incompleto da informação sobre alguns pontos do assumpto que os nossos investigadores por emquanto possuem, e, depois, á constante incompetencia das palavras do mundo physico para exprimir um centessimo que seja do pouco que realmente sabemos a respeito dos planos e das faculdades superiores.

Tratando, pois, do caso de uma visão detalhada do passado longinquo, como é que ella se obtém, e a que plano da natureza é que verdadeiramente pertence? A resposta a ambas as perguntas cifra-se em se dizer que se trata apenas de lêr os *registros âkâshicos;* mas esta affirmação, por sua vez, carecerá, para muitos

leitores, de ser nitidamente explicada. O termo é, na verdade, até certo ponto improprio, porque, ainda que os registros sejam sem duvida lidos no *âkâsha*, ou materia do plano mental, não é a ella, em todo o caso, que verdadeiramente pertencem. Peior ainda é o outro titulo «registros da luz astral», que por vezes tem sido empregado, poisque esses registros estão muito além do plano astral, e tudo o que neste se pode obter não passa de fragmentarios vislumbres de uma especie de duplo reflexo d'elles, conforme adeante se explicará.

Como tantas outros dos nossos termos theosophicos, a palavra *âkâsha* tem sido empregada sem grande justeza. Em alguns dos nossos primeiros livros era tida por synonimo de luz astral, em outros era usada para significar qualquer especie de materia invisivel, desde a mûlaprakriti até ao ether physico. Nos livros mais recentes a sua applicação tem sido restringida á materia do plano mental, e é nesse sentido que se pode dizer dos registros que são *âkâshicos*, porque, comquanto não sejam originalmente feitos nesse plano, como o não são no astral, em todo o caso é alli que primeiro nitidamente os encontramos e podemos com elles trabalhar cabalmente.

O assumpto dos registros não é de modo algum facil de tratar, porque pertence áquella numerosa classe que exige para a sua perfeita

comprehensão faculdades muito mais elevadas do que quaesquer que a humanidade por emquanto tenha adquirido. A verdadeira solução do problema está em planos muito além de quaesquer dos que nos é possivel conhecer actualmente, e qualquer opinião que formemos do assumpto terá de ser forçosamente imperfeitissima, visto qne é de baixo, e não de cima, que olhamos para o caso. A noção que d'elle formamos terá pois que ser apenas parcial, e comtudo excusa de nos induzir em erro, a não ser que nos deixemos considerar esse pequeno fragmento, que é tudo quanto podemos vêr, como se fôsse o todo completo e perfeito. Se tivermos o cuidado de assegurar que os conceitos que formarmos sejam justos até onde cheguem, nada teremos que desaprender, ainda que muito tenhamos a accrescentar, quando, no decurso do nosso ulterior progresso, attingirmos uma mais perfeita sabedoria. Fique, pois, assente logo desde o principio que uma idéa completa d'este assumpto é de todo impossivel no nosso actual estádio evolutivo, e que muitos pontos surgirão, dos quaes somos por emquanto incapazes de dar uma explicação exacta, ainda que muitas vezes seja possivel suggerir analogias e indicar a direcção em que deve estar a explicação verdadeira.

Tentemos pois recuar o nosso pensamento até ao principio d'este systema solar a que per-

tencemos. Conhecemos toda a vulgar theoria astronomica da sua origem — a hypothese nebular, como é costume chamar-lhe — segundo a qual elle primeiro existiu como uma enorme nebulosa ardente, de um diametro excedendo muito a orbita mesmo do mais afastado dos planetas, e como, depois, á medida que, no decurso de seculos sem numero, essa enorme esphera pouco a pouco, resfriando, se contrahia, o systema, tal qual o conhecemos, se formou.

A sciencia occulta acceita essa theoria, nas suas linhas geraes, como representando acertadamente o lado puramente physico da evolução do nosso systema, mas accrescenta que, se limitarmos a nossa attenção apenas a este lado physico, teremos uma idéa muito incompleta e incoherente do que realmente aconteceu. Ella postula, em primeiro logar, que o Ser elevadissimo que toma a seu cargo a formação de um systema (ao qual por vezes chamamos o Logos do systema) principia por formar no Seu espirito uma idéa completa de todo o systema com as suas successivas cadeias de mundos. Pelo proprio acto de formar essa idéa Elle dá ao conjuncto uma existencia objectiva simultanea no plano do Seu pensamento — um plano, é claro, inteiramente superior a todos aquelles de que tenhamos qualquer conhecimento — do qual os varios globos descem, quando é pre-

ciso, a qualquer estado de maior objectividade que respectivamente se lhes destine. A não ser que tenhamos sempre presente este facto da existencia real de todo o systema, desde o principio, num plano superior, erraremos repetidas vezes o sentido da evolução physica que cá em baixo vemos desenrolar-se.

Mas o occultismo tem mais do que isto a dizer-nos sobre o assumpto. Diz-nos não só que a este maravilhoso systema, a que pertencemos, foi dada a existencia pelo Logos, tanto nos planos inferiores como nos superiores, mas tambem que a sua relação para com Elle é mais intima mesmo do que isso, porque o systema é absolutamente uma parte d'Elle — uma expressão parcial d'Elle no plano physico — e que o movimento e a energia de todo o systema são *a Sua* energia, e que tudo acontece dentro dos limites da Sua aura. Esta concepção, por estupenda que seja, não é porém inteiramente improvavel áquelles de nós que alguma cousa da aura tiverem estudado.

Conhecemos bem a idéa de que, á medida que um individuo progride no caminho ascensional, o seu corpo causal, que é o limite determinante da sua aura, augmenta nitidamente em tamanho, assim como em luminosidade e pureza de côr. Muitos de nós sabem, pela experiencia, que a aura de um alumno que já progrediu bastante no Caminho é muito maior do

que a de um individuo que apenas tenha pousado o pé sobre o primeiro degrau, e no caso de um Adepto o augmento proporcional é ainda maior. Lemos na escriptura oriental, em livros perfeitamente exotericos, como era immensamente extensa a aura do Buddha; parece-me que ha um trecho onde se dá tres milhas como sendo o seu limite, mas, seja qual fôr a medida exacta, é evidente que aqui temos outro relato do crescimento extremamente rapido do corpo causal á medida que o homem progride no seu caminho ascensional. Pouca duvida pode haver de que este crescimento se faz por progressão geometrica, de modo que não nos deve surprehender se nos fallarem de um Adepto num nivel ainda superior, cuja aura seja capaz de incluir ao mesmo tempo todo o mundo; e de aqui podemos pouco a pouco levar o nosso pensamento até conceber que haja um ser tão elevado que dentro de si abranja todo o nosso systema solar. E não devemos esquecer que este, por enorme que nos pareça, não passa d'uma gota pequenissima no vasto oceano do espaço.

Assim, do Logos (que em Si contém todas as capacidades e qualidades que podemos concebivelmente attribuir ao mais alto Deus que possamos imaginar) é literalmente verdade, como antigamente se disse, que «d'Elle e por

Elle e para Elle são todas as cousas» e «em Elle vivemos e nos movemos e temos o ser».

Ora, se isto é assim, é claro que o que acontece, seja o que fôr, no nosso systema, acontece absolutamente dentro da consciencia do seu Logos, de modo que immediatamente comprehendemos que o verdadeiro registro deve ser a Sua memoria; e, além d'isso, é evidente que, seja em que plano fôr que essa memoria exista, o certo é que está muito acima de tudo quanto conhecemos e que, portanto, quaesquer registros que possamos ler não podem passar de um reflexo d'esse grande facto dominante, espalhado nos meios mais densos dos planos inferiores.

No plano astral é logo evidente que assim é — que lidamos apenas com o reflexo d'um reflexo, aliás extremamente imperfeito, porque os registros alli attingiveis estão excessivamente fragmentados e por vezes, mesmo, seriamente deformados. Sabemos quão universalmente a agua é empregada como symbolo da luz astral, e neste caso o symbolo é notavelmente justo. Na superficie de agua immovel podemos vêr, exactamente como num espelho, uma imagem nitida dos objectos em Sua volta; mas não passa de uma imagem — uma representação em duas dimensões de objectos tri-dimensionaes, divergindo portanto em todas as suas qualidades, excepto na côr, d'aquillo que re-

presenta; e, além d'isto, a imagem é sempre invertida.

Perturbe porém o vento a superficie da agua, e o que é que teremos? Uma imagem ainda, um reflexo, mas tão quebrado e deformado que de nada serve, ou, mesmo, só serve para nos enganar com respeito ao feitio e verdadeiro aspecto dos objectos reflectidos. Aqui e alli, um momento, pode acontecer que obtenhamos uma imagem verdadeira de qualquer pequeno detalhe da scena — de uma folha de arvore, por exemplo; mas seria preciso um longo trabalho e um conhecimento consideravel das leis naturaes para obter qualquer cousa como a verdadeira noção do objecto reflectido, juntando mesmo um grande numero de taes fragmentos isolados d'uma imagem sua.

Ora no plano astral nunca poderemos ter cousa que se assemelhe ao que representámos por uma superficie tranquilla, mas pelo contrario, trata-se sempre de uma superficie em movimento rapido e perturbador; calcule-se, pois, o pouco que podemos confiar em obter um reflexo claro e definido. Assim um clarividente que possue apenas a faculdade de vista astral nunca poderá confiar em que qualquer quadro do passado, que ante elle se erga, seja justo e certo; bocados d'elle, aqui e alli, podel-o-hão ser, mas elle não tem meio de saber quaes são esses bocados. Se está ao cuidado

de um professor competente, pode, mediante uma instrucção longa e cuidadosa, aprender a distinguir entre as impressões que são certas e as outras, e a construir com os reflexos incompletos uma especie qualquer de imagem do objecto reflectido; mas, em geral, antes que tenha superado estas difficuldades, terá já desenvolvido a visão mental, que torna desnecessarios taes esforços.

No plano seguinte, que é o mental, as condições são muito differentes. Alli o registro é completo e certo, e o impossivel seria errar a sua leitura. Isto é, se trez clarividentes possuindo os poderes relativos ao plano mental decidissem todos examinar certo registro alli feito, o que se lhes mostraria seria exactamente a mesma cousa no caso de qualquer dos trez, e cada um d'elles tiraria d'essa leitura uma mesma, e exacta, impressão. Mas não segue que, quando depois no plano physico comparassem as suas notas, os seus relatorios coincidissem perfeitamente. É bem sabido que, se trez individuos, que testemunharam um acontecimento cá no plano physico, passarem depois a descrevel-o, os seus relatos divergirão sensivelmente uns dos outros, porque cada individuo terá notado especialmente aquelles detalhes que mais o interessam e insensivelmente os terá tornado os traços capitaes do acontecimento, deixando por vezes outros pon-

tos que foram na verdade de muito maior importancia.

Ora no caso de uma observação sobre o plano mental esta equação pessoal pouco ou nada affectaria as impressões recebidas, porque, visto que cada individuo abrange por completo todo o assumpto, ser-lhe-hia impossivel ver fóra de proporção as partes de que esse assumpto é composto; mas, a não ser no caso de individuos cuidadosamente educados e experientes, este factor já entraria em jogo quando se tratasse da transferencia das impressões para os planos inferiores. Pela natureza das cousas, é impossivel que qualquer relato dado neste mundo a respeito de uma experiencia ou visão do mundo mental possa ser completo, porque nove-decimos de quanto se vê e sente alli não poderia de modo algum ser expresso em palavras physicas; e, visto que a expressão tem forçosamente de ser parcial, é claro que ha uma possibilidade de escolha no que respeita á parte expressa. É por esta razão que em todas as nossas mais recentes investigações theosophicas tanto se tem insistido sobre a necessidade de constantemente *contrôler* e verificar os testemunhos de clarividentes; tanto assim, que nada, que se baseie no testemunho de apenas uma pessoa, tem sido incluido nos nossos ultimos livros.

Mas, mesmo quando as possibilidades de

erro, provenientes d'este factor da equação pessoal, tenham sido reduzidas ao minimo por um systema de cuidadoso *contrôle* e verificação, permanece ainda a gravissima difficuldade inherente á operação de trazer impressões de um plano superior para um plano inferior. É ella um pouco do mesmo genero que a difficuldade do pintor para reproduzir uma paysagem tridimensional numa superficie plana — isto é, na verdade, em duas dimensões. Assim como ao artista é precisa uma longa e cuidadosa educação visual e manual antes que lhe seja possivel dar uma interpretação satisfactoria da natureza, assim ao clarividente é precisa uma longa e cuidadosa educação antes que possa descrever num plano inferior o que num plano superior se passa; e as probabilidades que ha a favor de obtermos uma descripção exacta feita por um individuo sem *instrucção* clarividente equivalem pouco mais ou menos áquellas que ha de obtermos uma perfeita representação pictural d'uma paysagem feita por um individuo que nunca aprendeu desenho.

Devemos tambem não esquecer que o quadro mais perfeito está na realidade infinitamente longe de ser uma reproducção da scena que representa, porque não ha nelle linha ou angulo que possa na verdade ser como o é no objecto copiado. É simplesmente uma tentativa engenhosissima de produzir sobre apenas um

dos nossos cinco sentidos, por meio de linhas e côres numa superficie plana, uma impressão semelhante áquella que teriamos tido se houvessemos tido deante de nós a scena representada. Excepto por meio d'uma suggestão inteiramente dependente da nossa experiencia anterior, nada nos pode o quadro dar do rugido do oceano, do perfume das flores, do sabor dos fructos, ou da dureza ou molleza da superficie desenhada.

De natureza precisamente identica, se bem que em grau ainda maior, são as difficuldades que um clarividente sente ao tentar descrever no plano physico o que viu no plano astral; e ellas são ainda accrescidas pelo facto que, em vez de ter de evocar no espirito dos seus ouvintes concepções que elles já muito bem conhecem, como faz o pintor quando desenha homens ou animaes, campos ou arvores, o clarividente tem de tentar, com os meios imperfeitissimos de que para isso dispõe, suggerir-lhes concepções que, na sua grande maioria, elles por completo desconhecem.

Pouco admira pois que, por brilhantes e vívidas que as suas descripções pareçam ao seu auditorio, elle-proprio constantemente sinta que ellas são inteiramente insufficientes, e que os seus maiores esforços não conseguiram dar idéa nenhuma do que realmente vê. Nem nos devemos esquecer que, no caso do relato feito

neste mundo de um registro lido no plano mental, essa difficil operação da transferencia do superior para o inferior tem logar, não uma vez, mas duas, visto que a memoria teve de atravessar o plano astral intermedio. Mesmo num caso em que o investigador tenha a vantagem de ter a tal ponto desenvolvido as suas faculdades *mentaes* que as possa usar quando desperto no seu corpo physico, mesmo assim ainda o estorva a absoluta incapacidade da linguagem physica para exprimir aquillo que elle vê.

Tentae um momento comprehender bem aquillo a que se chama a quarta dimensão, da qual já alguma cousa dissemos num capitulo anterior. Não custa nada a visionar as nossas trez dimensões — representar no nosso espirito o comprimento, a largura e a altura de qualquer corpo; e vemos que cada uma d'estas dimensões é representada por uma linha perpendicular ás duas outras. A noção da quarta dimensão é a de ser possivel arranjar uma quarta linha que seja perpendicular ás outras trez já existentes.

Ora o espirito vulgar de modo algum pode abranger este conceito, ainda que os poucos individuos que tenham feito um estudo especial do assumpto pouco a pouco tenham vindo a poder comprehender uma ou duas das mais simples figuras quadri-dimensionaes.

Ainda assim, não ha palavras que elles possam usar no plano physico que consigam pôr qualquer representação d'estas figuras deante dos olhos dos outros, e se qualquer leitor, que se não tenha especialmente educado nessa direcção, tentar visualisar uma figura d'essas, verá que lhe é inteiramente impossivel fazel-o. Ora exprimir uma forma d'essas claramente em palavras physicas importaria, com effeito, descrever com justeza um objecto existente no plano astral; mas, se examinarmos os registros no plano mental; ver-nos-hemos a braços com a difficuldade maior de uma quinta dimensão! De sorte que a impossibilidade de explicar completamente esses registros ficará patente mesmo á observação mais superficial.

Referimo-nos já aos registros como sendo a memoria do Logos, mas elles são muito mais do que uma memoria, no sentido vulgar da palavra. Por impossivel que seja imaginar como essas imagens são do ponto de vista d'Elle, sabemos, porém, que, á medida que formos subindo, mais e mais nos estaremos approximando da verdadeira memoria — mais e mais perto estaremos do modo como Elle vê; de modo que teem um grande interesse as experiencias do clarividente, com respeito a estes registros, quando elle attingiu já o plano buddhico — o mais alto que a sua consciencia pode alcançar, mesmo quando longe do seu

corpo physico, até que elle attinja o nivel dos Arhats.

Aqui já o tempo e o espaço o não limitam; já não precisa, como no plano mental, de passar revista a uma série de acontecimentos, porque o passado, o presente e o futuro lhe estão todos simultaneamente presentes, por absurda que pareça a phrase neste mundo. Na verdade, por infinitamente abaixo do Logos que esteja mesmo esse plano elevadissimo, é comtudo absolutamente evidente pelo que alli vemos que para Elle o registro deve ser muito mais do que aquillo a que chamamos uma memoria, porque tudo quanto aconteceu no passado, e tudo quanto acontecerá no futuro *se está passando agora* ante os Seus olhos exactamente como os acontecimentos d'aquillo a que chamamos o presente. Inteiramente incrivel, loucamente incomprehensivel, é claro, para o nosso entendimento limitado; mas nem porisso menos verdadeiro.

É claro que, no nosso actual estado de conhecimento, não podemos esperar comprehender como é que se produz um tão maravilhoso resultado, e tentar explical-o implicaria apenas involver-nos numa nevoa de palavras que nenhuma informação nos dariam. Occorre-me, porém, uma ordem de pensamentos que talvez torne possivel esboçar o sentido d'essa explicação: e tudo quanto nos ajude a comprehender

que tão estranha affimação pode, apesar de tudo, não ser de todo absurda, deve ao menos servir para alargar os nossos espiritos.

Lembro-me ter lido, ha uns trinta annos, um livrinho curiosissimo entitulado, creio, *As Estrellas e a Terra,* cujo fim era demonstrar como era scientificamente possivel que aos olhos de Deus o passado e o presente pudessem ser absolutamente simultaneos. Os argumentos empregados pareceram-me ao tempo muito engenhosos, e vou portanto resumil-os, visto que me parecem bastante suggestivos em relação ao assumpto que tratamos.

Quando vemos qualquer cousa, quer seja o livro que temos na mão ou uma estrella a milhões de milhas de distancia, fazemol-o por uma vibração no ether, a que vulgarmente se chama um raio de luz, que passa do objecto visto para os nossos olhos. Ora a velocidade d'esta vibração é tão grande — umas 186.000 milhas por segundo — que, ao tratar de qualquer objecto no nosso mundo, a podemos ter por instantanea. Quando, porém, passamos a tratar de distancias interplanetares, temos de levar em conta a velocidade da luz, porque já ao atravessar esses grandes espaços ella leva um tempo apreciavel. Por exemplo: a luz leva oito minutos e um quarto a chegar-nos do sol, de modo que, quando olhamos para o orbe solar, vemol-o por meio de um raio de

luz que o abandonou ha mais de oito minutos.

De aqui segue um resultado muito curioso. O raio de luz pelo qual vemos o sol só nos pode, evidentemente, contar o que se passava no sol quando elle, raio de luz, começou a sua viagem, e em nada seria affectado por qualquer cousa que alli acontecesse depois de elle ter de lá partido; de modo que realmente vemos o sol, não como elle é agora, mas como era ha oito minutos. Quer dizer, se qualquer cousa de importante acontecesse no sol — a formação de uma nova mancha, por exemplo — um astronomo que na occasião estivesse observando esse orbe pelo telescopio nada saberia do incidente quando elle se estivesse dando, visto que o raio de luz que lhe traria as noticias d'elle só oito minutos mais tarde lhe chegaria.

A differença é muito mais impressionante quando consideramos as estrellas fixas, porque nesse caso as distancias são enormemente maiores. A estrella polar, por exemplo, está tão longe que a luz, viajando com a inconcebivel velocidade já indicada, leva um pouco mais de cincoenta annos a chegar aos nossos olhos; e de ahi segue a conclusão estranha mas inevitavel que estamos agora vendo a estrella polar, não como ella é agora, mas como ella era ha cincoenta annos. Mesmo que ámanhã uma catastrophe qualquer fizesse em pedaços a estrella

polar, nós ainda a veriamos brilhando tranquillamente nos ceus; os nossos filhos chegariam ao principio da velhice, e teriam já filhos crescidos, antes que houvesse chegado a qualquer vista terrestre a noticia d'essa catastrophe tremenda. Da mesma maneira, ha estrellas tão affastadas que a luz leva milhares de annos a chegar de ellas até nós, e com respeito á condição d'ellas a nossa informação soffre portanto um atrazo de uns milhares de annos.

Levemos mais longe o argumento. Supponha-se que podiamos collocar um individuo, á distancia de 186.000 milhas da terra, dando-lhe ao mesmo tempo a maravilhosa faculdade de ver de essa distancia tão nitidamente o que aqui estava acontecendo como se estivesse ao pé de nós. É claro que o individuo alli collocado veria todas as cousas terrestres um segundo depois de ellas se passarem, e no momento actual estaria vendo o que se passou ha um segundo. Dobre-se a distancia, e o individuo estaria dois segundos em atrazo, e assim proporcionalmente; leve-se esse individuo até á distancia do sol (conservando-lhe sempre o mesmo mysterioso poder de visão) e elle, olhando de lá, estaria *agora* vendo, não o que estaes fazendo *agora,* mas o que estaveis fazendo *ha oito minutos e um quarto.* Transportae-o á estrella polar, e elle terá ante os seus olhos, agora, os acontecimentos de ha cincoenta annos;

estará observando as brincadeiras infantis de individuos que nessa mesma occasião já são velhos. Por maravilhoso que isto pareça, é literalmente e scientificamente verdadeiro, e ninguem o pode negar.

O livrinho, a que me refiro, seguia argumentando, com uma excellente logica, que Deus, sendo todo-poderoso, deve possuir o assombroso poder de visão que temos estado postulando para o nosso observador; e, mais, que, sendo omnipresente, deve estar em todos os pontos onde collocámos o individuo, e tambem em todos os pontos intermedios, não successiva, mas simultaneamente. Concedidas estas premissas, segue a inevitavel deducção que tudo quanto tenha acontecido desde o principio do mundo *deve* estar neste momento acontecendo ante os olhos de Deus—não uma mera memoria de tudo isso, mas os verdadeiros acontecimentos todos elles objecto da Sua observação *actual*.

Tudo isto é bastante materialista, e no plano da sciencia puramente physica, e podemos ter portanto a certeza de que não é assim que o Logos age; e comtudo é brilhantemente deduzido e absolutamente irrefutavel, e, como já disse, não deixa de ser util, visto dar-nos um vislumbre de possibilidades que podiam não nos occorrer, se não fôsse este argumento.

Mas, pode perguntar-se, como será possivel, entre a confusão enorme dos registros do passado, encontrar qualquer scena, quando a desejarmos vêr? O facto é que o clarividente sem *instrucção* não o pode fazer, em geral, sem qualquer ligação especial que o ponha *en rapport* com o objecto de que se trate. A psychometria é um caso que pode servir de exemplo, e é bem provavel que a nossa memoria vulgar não seja senão uma outra forma da mesma idéa. Parece haver uma como que ligação ou affinidade magnetica entre qualquer particula de materia e o registro que contém a sua historia — uma affinidade que a torna apta a servir de uma especie de fio conductor entre esse registro e as faculdades de qualquer individuo que o possa ler.

Por exemplo: uma vez eu trouxe de Stonehenge um pedacito de pedra, do tamanho de uma cabeça de alfinete, e, tendo-o mettido num envelope e entregado a uma psychometra que nenhuma noção tinha do que aquillo era, ella immediatamente passou a descrever aquella maravilhosa ruina e a paysagem desolada que a cerca, descrevendo depois vividamente cousas que eram evidentemente scenas da sua antiga historia; mostrando assim que aquelle pequenissimo fragmento tinha sido o sufficiente para a pôr em communicação com os registros relacionados com o ponto de onde eu o havia

tirado. As scenas atravez de que passamos no decurso da nossa vida parecem agir sobre as cellulas do nosso cerebro do mesmo modo que a historia de Stonehenge sobre aquelle pedacito de pedra: estabelecem uma ligação com aquellas cellulas, por meio das quaes o nosso espirito é posto *en rapport* com aquella porção especial dos registros, e, assim, «lembramo-nos» do que vimos.

Mesmo um clarividente educado precisa de uma ligação que o habilite a encontrar o registro de um acontecimento de que não tenha conhecimento. Se, por exemplo, quizer observar o desembarque de Julio Cesar nas costas da Inglaterra, ha varias maneiras por que pode entrar no assumpto. Se por acaso visitou a scena da occorrencia, o mais simples será evocar a imagem do logar e depois percorrer os seus registros até encontrar o periodo que deseja. Se não tiver visto o logar, poderá volver atraz, no tempo, até á data em que se deu o acontecimento e então procurar pela Mancha uma flotilha de galés romanas; ou poderá examinar os registros da vida romana do tempo, onde não terá difficuldade em identificar uma figura tão saliente como a de Cesar, seguindo-o atravez de todas as campanhas na Gallia até o encontrar desembarcando nas costas britannicas.

Muita gente pergunta qual o aspecto d'estes

registros — se parecem estar longe ou perto, se as figuras nelles são pequenas ou grandes, se os quadros se seguem como num panorama ou se fundem como nas vistas dissolventes. Só se pode responder que o seu aspecto varia bastante consoante as condições em que os vemos. Se é no plano astral, o reflexo é em geral um simples quadro, ainda que por vezes as figuras tenham movimento; neste ultimo caso, em vez de um mero instantaneo, deu-se um reflexo mais perfeito e prolongado.

No plano mental elles teem dois aspectos inteiramente diversos. Quando o visitante d'esse plano não está especialmente pensando n'elles, os registros formam simplesmente o fundo para o que esteja acontecendo. Não devemos esquecer que, nestas condições, elles não passam de imagens da actividade incessante de uma grande Consciencia num plano muito superior, sendo muito parecidas com a successão sem fim de quadros cinematographicos. Não se fundem uns nos outros como quadros dissolventes, nem se seguem uns aos outros, como uma série de quadros; mas a acção das figuras reflectidas constantemente decorre, como se estivessemos olhando para actores num palco distante.

Mas se o investigador *educado* dirige a sua attenção sobre qualquer scena especial, ou se deseja evocal-a para que deante d'elle appa-

reça, dá-se immediatamente uma mudança extraordinaria, porque este é o plano do pensamento, e, ahi, pensar em qualquer cousa é tel-a immediatamente deante de nós. Por exemplo, se um individuo deseja ver o registro do acontecimento que nos serviu de exemplo — o desembarque de Cesar — encontra-se immediatamente, não vendo qualquer quadro, mas presente na costa entre os legionarios, com a scena toda desenrolando-se em seu redor, exactamente como se alli tivesse estado, em carne e osso, naquella manhã de outomno do anno 55 antes de Christo. Visto que o que elle vê não passa de um reflexo, os actores não teem, é claro, nenhuma consciencia d'elle, nem pode esforço algum seu mudar, por pouco que seja, o curso da acção d'elles, salvo apenas que pode dominar a rapidez com que o drama ante seus olhos se desenrola — podendo fazer com que os acontecimentos de um anno lhe passem deante da vista numa hora, ou podendo, a qualquer altura, fazer parar o movimento, para contemplar, durante o tempo que quizer, qualquer scena especial como se fôsse um quadro.

De resto, elle não só observa o que teria visto se alli tivesse estado em carne e osso, mas muito mais. Ouve e comprehende tudo quanto essa gente diz, e tem consciencia dos seus pensamentos e motivos; e uma das mais interessantes das varias possibilidades que se

abrem perante quem aprendeu a ler o registro é o estudo do pensamento de epocas remotas — do pensamento dos homens das cavernas e das habitações lacustres, assim como aquelle que dominou nas grandes civilisações da Atlantida, do Egypto ou da Chaldêa. É facil de imaginar que esplendidas possibilidades são as do individuo que está de plena posse d'este poder. Tem diante de si um campo de investigação historica do mais alto interesse. Não só pode passar revista, a seu vagar, a toda a historia que conhecemos, corrigindo, á medida que a vae vendo, os muitos erros e erradas interpretações que ha nos relatos que temos; pode tambem vaguear á sua vontade por toda a historia do mundo desde o seu inicio, observando o lento desenvolvimento da intelligencia humana, a descida dos Senhores da Chamma, e o progresso das grandes civilisações que elles fundaram.

Nem excusa o seu estudo de ficar limitado apenas ao progresso da humanidade; tem deante de si, como num museu, todas as estranhas formas animaes e vegetaes que havia no mundo quando ainda na infancia; pode acompanhar todas as maravilhosas mudanças geologicas que se teem dado e seguir o curso dos grandes cataclysmos que varias vezes teem mudado por completo a face da terra.

Num caso especial é possivel ao leitor dos

registros uma sympathia ainda maior com o passado. Se, no decurso das suas investigações, tem que observar qualquer scena em que elle proprio tomou parte em qualquer incarnação anterior, pode tratal-a de duas maneiras; pode tratal-a da maneira habitual, como um espectador (ainda que — não o esqueçamos — um espectador cuja comprehensão e sympathia são perfeitas), ou pode tornar a identificar-se com aquella, ha muito morta, personalidade sua — reentrando temporariamente para essa vida passada, tornando absolutamente a sentir os pensamentos e as emoções, os prazeres e as maguas de um passado prehistorico. Não é possivel conceber aventuras mais estranhas e mais vividas do que aquellas por que elle assim poderá passar; mas, atravez de tudo isso, elle nunca deve perder pé na consciencia de sua individualidade — deve conservar o poder de regressar, quando quizer, á sua personalidade presente.

Muitas vezes se pergunta como é possivel a um investigador determinar com justeza a data de qualquer scena do passado que elle desenterre dos registros. A verdade é que é por vezes tediento o trabalho de encontrar uma data exacta, mas em geral é sempre possivel, se valer a pena gastar nisso tempo e trabalho. Se se trata dos tempos gregos ou romanos, o methodo mais simples é, em geral, olhar para

dentro do espirito da pessoa mais intelligente no quadro e vêr que data é que elle suppõe ser a d'essa scena; ou o investigador poderá vel-o escrever uma carta ou outro documento, reparando, se fôr datado, qual é a data que elle lhe põe. Uma vez obtida a data romana ou grega, reduzi-la ao nosso systema de chronologia é apenas questão d'um calculo.

Outro methodo, frequentemente adoptado, consiste em tirar os olhos da scena examinada e pol-os em qualquer scena contemporanea em qualquer cidade grande conhecida como Roma, reparando que rei está reinando, ou quem são os consules esse anno; obtidos esses dados, o resto constará d'um golpe de vista dado a um bom compendio de historia. Ás vezes é possivel obter uma data pela consulta de qualquer proclamação publica ou documento legal; de resto, nos periodos de que fallamos, é difficuldade facil de resolver.

O assumpto, porém, já não é tão facil quando se trate de periodos muito anteriores a estes — de uma scena do antigo Egypto, da Chaldêa, ou da velha China, ou, para ir mais longe ainda, da propria Atlantida e das suas numerosas colonias. Ainda não será difficil obter uma data pelo processo, já indicado, de olhar para o espirito de qualquer individuo educado do tempo, mas não ha já maneira de a relacionar com o nosso systema de datas,

visto que o individuo estará contando por eras que de todo desconhecemos, ou em relação a reinados de reis cuja historia se perde na noite dos tempos.

Os nossos methodos não estão, porém, esgottados. Devemos não esquecer que é possivel ao investigador fazer os registros passar deante de si com a velocidade que deseje — a um anno por minuto, se quizer, ou mesmo muito mais depressa. Ora ha um ou dois acontecimentos na historia antiga cujas datas já estão nitidamente fixadas — como, por exemplo, o afundamento de Poseidonis no anno 9564 antes da nossa era. É portanto evidente que, se, pelo aspecto geral da paysagem, parecer provavel que determinada scena vista está a razoavel distancia de qualquer d'esses acontecimentos, pode ser relacionada com esse acontecimento pelo processo muito simples de fazer passar rapidamente o registro, contando, á medida que vão passando, os annos que medeiam.

Ainda assim, se esses annos entrassem pelos milhares, como por vezes poderia acontecer, este plano resultaria terrivelmente tediento. Nestes casos, temos que recorrer ao methodo astronomico. Em consequencia do movimento a que vulgarmente se chama a precessão dos equinocios, ainda que mais propriamente se lhe devesse chamar uma especie de segunda rotação da terra, o angulo entre o equador e

o ecliptico vae gradualmente mas lentamente variando. Assim, depois de grandes intervallos de tempo, vemos que o polo da terra não está já apontado para o mesmo ponto na esphera apparente dos ceus, ou que, em outras palavras, a nossa estrella polar não é, como agora, *alpha* Ursae Minoris, mas qualquer outro corpo celeste; e por esta posição do polo da terra, que facilmente se pode averiguar pelo exame do céu nocturno no quadro que se esteja vendo, pode sem grande difficuldade encontrar-se uma data approximada.

Ao calcular a data de occorrencias que se deram ha milhões de annos em raças primitivas, o periodo da rotação secundaria (ou precessão dos equinocios) é frequentemente usado como unidade, mas é claro que uma exactidão absoluta não é em geral exigida nesses casos, bastando numeros redondos ao tratar de epocas tão remotas.

A leitura exacta dos registros, quer das nossas vidas passadas, quer das dos outros, não deve, porém, ser considerada como possivel a qualquer pessoa que não tenha uma cuidadosa *instrucção* preliminar. Como já se observou, ainda que se possam obter reflexos occasionaes no plano astral, o poder de usar o sentido mental é preciso para que se consiga uma leitura exacta. De resto, para reduzir ao minimo as possibilidades de erro, esse sentido

deve estar inteiramente sob o dominio do investigador quando desperto no corpo physico; e a acquisição d'essa faculdade leva annos de trabalho incessante e de rigida auto-disciplina.

Muita gente parece julgar que mal assigna o seu requerimento de admissão e passa a pertencer á Sociedade Theosophica, immediatamente passará a poder-se lembrar de trez ou quatro das suas incarnações anteriores; ha mesmo individuos que começam logo a imaginar «recordações» e declaram que na sua ultima incarnação foram Maria Stuart, Cleopatra ou Julio Cesar! É claro que pretensões tão extravagantes não conseguem senão trazer descredito áquelles que disparatadamente as teem; mas infelizmente parte do descredito tende a cahir tambem, por injusto que isso seja, sobre a Sociedade a que elles pertencem, de modo que um individuo que sente fervilhar dentro de si a convicção de que foi Homero ou Shakespeare fará bem em não ir muito depressa, pondo isso bem á prova no plano physico antes de o communicar ao mundo.

É absolutamente certo que muita gente tem tido em sonhos vislumbres de scenas de vidas passadas, mas, como é de esperar, esses vislumbres são quasi sempre fragmentadissimos e incertos. Eu-proprio tive na juventude uma experiencia d'este genero. Havia entre os meus sonhos um que constantemente reapparecia —

o sonho de uma casa com um portico virado para uma formosa bahia, não muito longe de uma colina em cujo cimo se erguia um edificio muito bello. Eu conhecia essa casa perfeitamente, e sabia tão bem a distribuição dos seus quartos e a vista da sua porta como as da minha casa, nesta vida presente. Nesses dias eu nada sabia da reincarnação, de modo que não me pareceu senão uma curiosa coincidencia que esse sonho tantas vezes se repetisse; não foi senão algum tempo depois de eu ter entrado para a Sociedade que, quando alguem que *sabia* me estava mostrando quadros da minha ultima incarnação, descobri que esse sonho constante era na verdade uma recordação parcial, e que a casa que eu tão bem conhecia era aquella em que eu nascera havia mais de dois mil annos.

Mas, ainda que haja varios casos conhecidos em que qualquer scena bem-lembrada assim atravessou de uma vida para outra, é preciso um grande desenvolvimento de faculdades occultas antes que um investigador consiga descobrir definidamente uma linha de incarnações, quer suas, quer de um outro individuo. Isto será bem claro se nos lembrarmos das condições do problema a resolver. Para seguir uma pessoa de esta vida para a vida anterior, é preciso, antes de mais nada, seguir a sua vida presente, retrogradando, até á sua nascen-

ça e depois seguir, em ordem inversa, os varios estádios pelos quaes o Eu desceu á incarnação.

Isto inevitavelmente nos levará até á condição do Eu nos niveis superiores do plano mental; de modo que é evidente que para realisar efficazmente esta tarefa, o investigador deve poder empregar o sentido correspondente a esse nivel elevadissimo sem deixar de estar desperto no seu corpo physico — em outras palavras, a sua consciencia terá de se centralisar no proprio Eu reincarnante, e já não na personalidade inferior. Nesse caso, a memoria do Eu uma vez despertada, as suas proprias incarnações passadas estarão ante elle abertas como um livro, e ser-lhe-ha possivel, se quizer, examinar as condições de um outro Eu nesse nivel e seguil-o para traz, atravez das vidas mental inferior e astral, que até alli o conduziram, até chegar á ultima morte physica do Eu e, assim, á sua vida anterior.

É esta a unica maneira pela qual a cadeia de vidas pode ser seguida com uma certeza absoluta: e podemos por conseguinte immediatamente pôr de lado, como impostores conscientes ou inconscientes, aquelles individuos que annunciam que podem encontrar as incarnações passadas de qualquer pessoa, a uns tantos shillings por cabeça. Excusado é dizer que o verdadeiro occultista não põe annuncios, e nunca, em circumstancia alguma, acceita di-

nheiro em troco de qualquer demonstração dos seus poderes.

Não ha duvida que o estudioso que quizer adquirir o poder de seguir uma linha de reincarnações o pode fazer apenas aprendendo, com um professor competente, como é que esse trabalho se faz. Ha quem tenha asseverado que basta que um individuo se sinta bom, «fraternal» e cheio de devoção para que toda a sabedoria das eras immediatamente vá ter com elle; mas um pouco de bom-senso não tardará em revelar como essa theoria é absurda. Por boa que uma creança seja, se quizer aprender a taboada, tem de a estudar; e o caso é precisamente identico quando se trata da capacidade de usar as faculdades espirituaes. Essas faculdades sem duvida que se manifestarão á medida que o individuo evolucione, mas só por um trabalho constante e um esforço paciente é que elle pode conseguir usal-as com segurança e vantagem.

Consideremos o caso d'aquelles que querem auxiliar outros quando no plano astral, durante o somno; é claro que quanto mais conhecimentos aqui possuam, mais valiosos serão os seus serviços nesse plano superior. Por exemplo: o conhecimento de varias linguas ser-lhes-ha muito util, porque, comquanto no plano mental os individuos possam communicar directamente por transferencia de pensamento,

sejam quaes forem as linguas que fallam, no plano astral não é assim, e um pensamento tem de ser formulado em palavras para que se possa comprehender. Se, portanto, quizerdes auxiliar um individuo nesse plano, tendes que ter qualquer lingua, que ambos saibam, pela qual com elle possaes communicar; e porisso quanto mais linguas souberdes, mais util sereis. A verdade é que não ha especie nenhuma de conhecimento que não tenha utilidade no trabalho do occultista.

Seria bom que todos os estudiosos nunca esquecessem que o occultismo é a apotheose do senso-commum, e que qualquer visão que lhes aconteça não é necessariamente uma scena dos registros âkâshicos, nem qualquer experiencia uma revelação vinda de cima. É muito melhor errar no sentido de um scepticismo equilibrado do que no de uma credulidade excessiva; e é uma regra admiravel a de não procurar uma explicação occulta para qualquer cousa, quando para a explicar baste uma causa physica simples e evidente. O nosso dever é tentar sempre conservar o nosso equilibrio de espirito, nunca perder o nosso dominio de nós-proprios, tomando sempre uma opinião razoavel e cheia de bom-senso a proposito de qualquer cousa que nos aconteça; assim seremos melhores theosophistas, occultistas mais prudentes, e auxiliares mais uteis do que antes haviamos sido.

Como de costume, encontramos casos de todos os graus d'este poder de ler na memoria da natureza, desde o do homem *instruido* que pode, sempre que quizer, consultar sósinho o registro ao do individuo que não obtem senão vagos vislumbres casuaes, ou que não teve, talvez, senão um só d'esses vislumbres em toda a vida. Mas mesmo o individuo, que possua esta faculdade apenas parcial e occasionalmente, a acha profundamente interessante. O psychometrista, que precisa de um objecto physicamente relacionado com o passado para o poder tornar a erguer todo em seu torno, e o crystallovidente que pode por vezes apontar o seu, menos certo, telescopio astral para qualquer scena do passado, podem ambos encontrar um grande prazer no exercicio dos seus dotes respectivos, ainda que nem sempre comprehendam bem como esses resultados se produzem, nem tenham sempre dominio sobre elles.

Em muitos casos das manifestações inferiores d'estes poderes, vemos que ellas são exercidas inconscientemente; ha muito crystallovidente que observa scenas do passado sem que as possa distinguir de scenas do presente, e ha muita pessoa vagamente «psychica» que vê quadros varios erguerem-se constantemente ante os seus olhos, sem nunca lhe passar pela cabeça que está, de facto, psychometrisando

os varios objectos proximos á medida que acontece tocar-lhes ou passar por elles.

Uma curiosa variante d'esta classe de «psychicos» é o homem que é capaz de psychometrisar só pessoas e não, como é mais vulgar, só objectos. Na maioria dos casos esta faculdade revela-se irregularmente, de modo que um «psychico» d'esses, quando apresentado a um estranho, muitas vezes verá, num relampago, qualquer scena importante na vida passada d'esse individuo, podendo, porém, outras vezes não receber impressão nenhuma. Mais raramente encontramos individuos que teem visões detalhadas da vida passada de toda a gente que encontram. Talvez um dos melhores exemplos d'esta classe seja o escriptor allemão Zschokke, que descreve na sua autobiographia esta estranha faculdade de que se encontrou possuidor. Diz elle:

«Por vezes me tem acontecido, ao fallar a primeira vez com um estranho, e ao escutar silenciosamente a sua conversa, que a sua vida passada, até ao momento presente, com muitas pequenas circumstancias relacionadas com uma ou outra scena d'ella, me tem atravessado o espirito como um sonho, mas nitidamente, de modo inteiramente involuntario e sem que eu o desejasse, levando nisso apenas uns minutos.

«Durante muito tempo tive estas visões passageiras por uma illusão da minha fantasia —

tanto mais que a minha visão de sonho me revelava o vestuario e os movimentos dos actores, o aspecto do quarto, a mobilia, e outros detalhes da scena; até que, numa occasião, estando disposto a brincar, narrei á minha familia a historia secreta de uma costureira que acabava de sahir do quarto onde estavamos. Nunca tinha visto, antes d'isso, essa creatura. Os ouvintes, porém, admiraram-se, riram e não foi possivel persuadil-os de que eu não tinha previo conhecimento da sua vida anterior, visto que o que eu lhes contara era perfeitamente exacto.

«Eu, por minha parte, não fiquei menos admirado de verificar que a minha visão de sonho correspondia á realidade. Passei então a dar mais attenção ao assumpto, e, tantas vezes quanto a correcção o permittia, narrava ás pessoas, cujas vidas assim o haviam passado deante de mim, a essencia da minha visão de sonho, para que ellas m'a negassem ou confirmassem. Em todos os casos m'a confirmaram immediatamente, não sem pasmo, como é de calcular.

«Certo dia de feira fui á cidade de Waldshut acompanhado por dois jovens, que ainda vivem. Era noite, e nós, cançados do passeio, entrámos para uma estalagem, denominada «da Vinha». Ceiamos a uma meza onde estava muita gente, e aconteceu que entraram de se divertir com as peculiaridades dos suissos, e

com a sua credulidade em relação á sua crença no memerismo, no systema physiognomico de Lavater, e cousas analogas. Um dos meus companheiros, cujo orgulho nacional se sentiu ferido por esta troça, pediu-me que respondesse qualquer cousa, sobretudo a um rapaz novo, com ares de importancia, que estava sentado em nossa frente, e era dos que mais despejadamente troçavam.

«Calhou que os acontecimentos da vida d'esse individuo acabavam de me passar pelo espirito. Dirigindo-me a elle, perguntei-lhe se me responderia francamente se eu lhe narrasse os mais secretos incidentes da sua vida, sendo elle, aliás, tão pouco meu conhecido como eu d'elle. Isso seria, disse-lhe mais, qualquer cousa de mais curioso mesmo que a habilidade physiognomistica de Lavater. Prometteu-me que, se eu dissesse a verdade, elle o declararia francamente. Narrei-lhe então os acontecimentos que a minha visão de sonho me revelára, e toda a assemblêa ficou sabendo a historia da vida do jovén commerciante, dos seus annos de collegio, das suas pandegas, e, por fim, de um pequeno acto menos honesto practicado por elle sobre o cofre-forte do patrão. Descrevi-lhe o quarto deserto, com as suas paredes brancas, onde, á direita da porta escura tinha estado, em cima da mesa, o pequeno cofre-forte preto, etc. O homem, impressionadissimo, admittiu a

exactidão de cada circumstancia — mesmo (o que eu mal esperava) da ultima.»

E comtudo, depois de narrar este incidente, o nosso Zschokke passa a perguntar-se se afinal todo esse maravilhoso poder, que tantas vezes elle tinha mostrado, não poderia ter sido sempre um caso de simples coincidencia!

Poucos casos de individuos com esta faculdade de ver o passado se encontram nos livros sobre estes assumptos, e pode por isso suppôr-se que tal poder é mais raro que o de previsão. Parece-me, porém, que a verdade é que esse poder é, afinal, muito menos reconhecido. Como já disse, pode muito bem acontecer que um individuo veja um quadro do passado sem o reconhecer como tal, a não ser que qualquer detalhe o leve a formular essa suspeita — como, por exemplo, uma figura de armadura, ou num qualquer traje antigo. Tambem uma previsão não seria, ao dar-se, reconhecida como tal; mas a realisação do acontecimento previsto tral-a immediatamente á memoria, ao mesmo tempo que revela que foi uma previsão. De modo que um caso d'esses poucas vezes deixará de ser notado. É provavel, portanto, que vislumbres occasionaes d'esses reflexos astraes dos registros âkâshicos sejam mais vulgares do que seriamos levados a crêr pelas publicações sobre o assumpto.

CAPITULO VIII

Clarividencia no Tempo: o Futuro

Mesmo que, de um modo vago, nos sintamos capazes de comprehender a idéa de que todo o passado pode estar simultanea e activamente presente numa consciencia sufficientemente elevada, defrontamo-nos com uma difficuldade muito maior quando tentamos conceber como é que tambem todo o futuro pode ser comprehendido nessa consciencia. Se pudessemos crer na doutrina mahometana do Kismet, ou na theoria calvinistica da predestinação, a concepção nada teria de difficil, mas, sabendo, como sabemos, que ambas são grotescas deformações da verdade, temos que procurar uma hypothese mais acceitavel.

Talvez ainda haja individuos que neguem a possibilidade da previsão, mas isso prova apenas que ignoram a evidencia que ha sobre o assumpto. O grande numero de casos authenticados não deixa logar para duvidas quanto

ao facto da previsão, mas muitos d'elles são de tal natureza que tornam difficil de encontrar uma explicação razoavel. É evidente que o Eu possue uma certa dose de poder previsor, e, se os acontecimentos previstos fossem sempre de grande importancia, poder-se-hia suppor que uma excitação extraordinaria o tinha tornado capaz, por essa vez só, de dar uma impressão nitida do que vira á sua personalidade inferior. Sem duvida que é essa a explicação para muitos dos casos em que se prevê a morte ou qualquer catastrophe gravissima, mas ha um grande numero de casos conhecidos para os quaes essa explicação não serve, visto que os acontecimentos previstos são muitas vezes extremamente triviaes e sem importancia.

Para exemplificar, citarei um caso bem conhecido de dupla-vista, que se deu na Escossia. Um individuo, que não acreditava no occulto, foi avisado por um vidente escossez do proximo fallecimento de um visinho. A prophecia foi dada com uma grande abundancia de detalhes, incluindo uma descripção completa do enterro, com os nomes dos quatro individuos que pegariam nas borlas e de outras pessoas que estariam presentes. O ouvinte parece ter rido da historia e tel-a esquecido promptamente; a morte do tal visinho no dia indicado relembrou-lhe, porém, a prophecia, e elle decidiu fazer errar pelo menos parte d'ella,

tornando-se elle um dos que pegavam ás borlas. Conseguiu arranjar as cousas como queria, mas, exactamente quando o prestito ia sahir, chamaram-o á parte para qualquer assumpto de somenos importancia e que o demorou apenas um ou dois minutos. Ao voltar á pressa, viu com surpreza que o prestito ia sahindo sem elle, e que a prophecia se verificava plenamente, visto que iam pegando ás borlas os quatro individuos que o vidente lhe indicára.

Ora ahi está um assumpto trivial, que não podia ser de importancia para alguem, previsto nitidamente com alguns mezes de antecedencia, e, comquanto um individuo se esforce conscientemente por alterar os factos indicados, essa tentativa resulta impotente para os alterar. Por certo que isto se assemelha muito á predestinação, mesmo nos seus minimos detalhes, e é só quando examinamos este assumpto desde os planos superiores que podemos achar meio de escapar a essa theoria. Está claro que — como já antes disse a proposito de outro ramo do assumpto — uma explicação completa ainda nos escapa, e evidentemente nos escapará emquanto o nosso conhecimento não fôr infinitamente maior do que hoje é; o mais que podemos esperar fazer por emquanto é indicar a direcção na qual uma explicação deve ser encontrada.

Não ha duvida nenhuma que, exactamente

como o que está agora acontecendo é o resultado de causas postas em acção no passado, assim o que acontecerá no futuro será o effeito de causas já operantes. Mesmo aqui, neste mundo, podemos calcular que, se certas acções são praticadas, certos resultados se seguirão, mas o nosso calculo tende a ser constantemente perturbado pela intervenção de factores com que não podemos contar. Mas, se elevarmos a nossa consciencia até ao plano mental, poderemos vêr muito mais longe os resultados das nossas acções.

Podemos seguir, por exemplo, o effeito de uma palavra casual, não só sobre a pessoa a quem foi dirigida, mas, atravez d'ella, sobre muitas outras, á medida que se propaga em circulos cada vez maiores, até affectar todo o paiz; e um só vislumbre de uma visão d'estas vale mais do que muitos preceitos moraes para nos gravar no espirito a necessidade de um cuidado extremo em tudo quanto pensamos, dizemos ou fazemos. Não só podemos nós, de aquelle plano, vêr assim completamente o resultado de cada acção, mas podemos ver tambem onde e de que maneira os resultados de outras acções, apparentemente sem relação com ella, a virão pertubar e modificar. Pode, de facto, dizer-se que os resultados de todas as causas actualmente operantes, são claramente visiveis — que o futuro, como seria se nenhu-

mas novas causas surgissem, está patente á nossa vista.

É claro que surgem novas causas, porque a vontade humana é livre; mas, no caso de toda a gente vulgar, o uso que farão da sua liberdade pode ser calculado d'antemão com uma justeza consideravel. O homem medio tem tão pouca vontade real, que é em grande parte um producto das circumstancias; a sua acção em vidas anteriores colloca-o em determinadas circumstancias, e a sua influencia nelle é a tal ponto o factor mais importante na historia da sua vida que o seu curso futuro pode ser predicto com uma certeza quasi mathematica. Com o homem evoluido o caso é já differente; para elle tambem os principaes acontecimentos da vida são ordenados pelas suas acções no passado, mas o modo como elle deixará que ellas o affectem, os methodos pelos quaes tratará d'ellas e talvez d'ellas triumpharà — esses são inteiramente seus e não podem ser previstos mesmo no plano mental excepto como probabilidades.

Olhando, assim, de alto, para a vida do homem, parece-nos que o seu livre-arbitrio só poderá ser exercido em certas crises na sua carreira. Elle chega a um ponto da vida onde ha evidentemente deante d'elle dois ou trez caminhos por onde seguir; tem plena liberdade de escolher o que quizér, e, comquanto alguem

que lhe conhecesse bem a indole pudesse ter quasi a certeza de qual seria a sua escolha, tal conhecimento da parte do seu amigo não é de modo algum uma fôrça compulsora.

Mas quando elle escolheu, de vez, terá de ir para a frente e acceitar as consequencias; tendo entrado para determinado caminho, pode, em muitos casos, ser forçado a continuar durante muito tempo antes que tenha uma opportunidade de se desviar d'elle. A sua situação é analoga á do machinista de um comboio; quando chega a um entroncamento, pode entrar para esta ou aquella linha, mas, uma vez entrado para ella, tem que seguir por ella fóra até chegar a outro entroncamento, onde possa novamente escolher um de dois caminhos.

Ora, olhando para baixo desde o plano mental, estes pontos de novo caminho seriam claramente visiveis, e todos os resultados da escolha que fizessemos estariam patentes a nossos olhos, certos de se realisar nos seus minimos detalhes. O unico ponto que ficaria incerto seria aquelle, importantissimo, sobre qual seria o caminho que o individuo escolheria. Teriamos, na verdade, não um, mas varios futuros patentes aos nossos olhos, sem podermos necessariamente determinar qual d'elles é que se materialisaria num facto consumado. Na maioria dos casos, veriamos uma das probabilidades tão superior ás outras que não

hesitariamos em decidir qual o caminho que o individuo seguiria, mas, ainda assim, o caso que indiquei não deixa de ser theoricamente possivel. Seja como fôr, mesmo esse conhecimento, tal qual é, tornar-nos-hia capazes de prever com segurança muita cousa; nem nos é difficil imaginar que um poder muito mais elevado que o nosso possa sempre prever para que lado a escolha se inclinará, e por isso vaticinar sempre com uma segurança absoluta.

No plano buddhico, porém, não é já preciso um tal longo processo de calculo consciente, porque (como já disse) de uma maneira que nós aqui não percebemos, o passado, o presente e o futuro existem alli simultaneamente. Apenas podemos acceitar este facto, porque a sua causa está na faculdade correspondente a tal plano, e o *modus operandi* d'ella é, como é de suppôr, inteiramente incomprehensivel ao cerebro physico. Mas de vez em quando encontramos uma suggestão que nos pode approximar um pouco mais de uma vaga possibilidade de comprehensão. Uma suggestão d'esse genero foi dada pelo Dr. Oliver Lodge no seu discurso presidencial á Associação Britannica em Cardiff. Disse elle:

«É uma ideia luminosa e auxiliadora essa de que o tempo não seja senão um meio relativo de vêr as cousas; atravessamos os pheno-

menos com uma certa velocidade definida, e interpretamos este avanço subjectivo de uma maneira objectiva, como se os acontecimentos se passassem tambem nessa ordem e exactamente com essa velocidade. Mas pode ser que isso não seja senão uma maneira de ver as cousas. Pode bem ser que os acontecimentos estejam sempre existentes, tanto os do passado como os do futuro, e que sejamos nós que constantemente passemos por elles, e não elles que aconteçam. A analogia de um individuo num comboio é, para este caso, muito util; se elle nunca pudesse sahir do comboio ou alterar a sua velocidade, naturalmente julgaria as paysagens necessariamente successivas, sendo incapaz de conceber a sua coexistencia... Occorre-nos, pois, a possibilidade de haver no tempo um aspecto quadri-dimensional, sendo portanto o decorrer inexoravel do tempo apenas uma parte natural das nossas actuaes limitações. E, se comprehendermos bem a idéa de que o passado e o futuro possam realmente estar existindo agora, podemos conceder que elles possam ter uma influencia dominadora sobre todas as acções presentes, podendo os dois, juntos, constituir aquelle «plano superior» ou totalidade das cousas que somos levados a buscar, em relação á direcção da fórma ou determinismo, e a acção dos seres humanos con-

scientemente dirigida para um fim nitido e preconcebido.»

O tempo não é, realmente, de modo algum a quarta dimensão; mas consideral-o, de momento, d'esse ponto de vista não deixa de ser util para de algum modo podermos attingir o inattingivel. Supponha-se que temos um cone de madeira apontado perpendicularmente para uma folha de papel, e que pouco a pouco o fazemos atravessar essa folha, começando pelo vertice. Um microbio que vivesse na superficie d'essa folha de papel, sem poder conceber qualquer cousa fóra d'essa superficie, não só nunca poderia vêr o cone como um todo, mas nem sequer poderia formar conceito nenhum de um tal corpo. Apenas veria o subito apparecimento de um pequeno circulo, que pouco a pouco e mysteriosamente iria crescendo até desapparecer do seu mundo tão subita e mysteriosamente como tinha chegado.

Assim, o que era realmente varias secções do cone pareceria a esse microbio apenas phases successivas na vida de um circulo, e serlhe-hia impossivel formar a idéa de que essas phases se podiam vêr simultaneamente. E comtudo é-nos facil, a nós, vendo o facto de uma outra dimensão, vêr que o microbio é victima de uma illusão originada nas suas limitações, e que o cone existe sempre como conjuncto. A nossa illusão com respeito ao pas-

sado, ao presente e ao futuro talvez não seja differente, e a visão que se tem de qualquer sequencia de acontecimentos desde o plano buddhico corresponde a essa noção do cone como conjuncto. É claro que qualquer tentativa de tornar clara no nosso espirito esta idéa dá comnosco numa série de paradoxos confusos; mas o facto continúa sendo verdadeiro, e o tempo virá quando será claro como o dia para nós.

Quando a consciencia do alumno está completamente desenvolvida no plano buddhico, a previsão perfeita é-lhe portanto possivel, ainda que elle não possa — com certeza que não pode — trazer todo o resultado da sua visão completa e claramente para esta luz. Ainda assim, uma grande quantidade de lucida previsão lhe é possivel sempre que elle a queira exercer; e mesmo quando elle a não esteja exercendo, vislumbres frequentes de previsão lhe apparecem na vida quotidiana, de modo que muitas vezes tem uma intuição instantanea de como as cousas vão acontecer antes que ellas sequer esbocem esse caminho.

Áquem d'esta previsão perfeita, vemos, como nos casos anteriores, que existem todos os graus d'este typo de clarividencia, desde os casuaes vagos presentimentos a que se não pode chamar videncia, até á dupla-vista frequente e mais ou menos perfeita. A faculdade,

a que se tem dado este nome, aliás pouco claro, de «dupla-vista», é muito interessante e bem compensaria um estudo mais cuidadoso e systematico do que até aqui d'ella se tem feito.

Essa faculdade é especialmente conhecida de nós como muitas vezes possuida pelos *highlanders* escossezes, ainda que se não limite a elles. Exemplos casuaes da sua posse teem apparecido em quasi todas as nações, mas sempre tem sido mais frequente entre montanhezes e gente de vida solitaria. Nós, em Inglaterra, geralmente fallamos d'ella como sendo apanagio exclusivo da raça celta, mas a verdade é que se tem revelado em toda a parte do mundo entre povos semelhantemente situados. Diz-se, por exemplo, que é vulgarissima entre os camponezes da Westphalia.

Por vezes a dupla-vista consiste num quadro mostrando claramente qualquer acontecimento futuro; mais frequentemente, porém, o vislumbre do futuro é dado por qualquer visão symbolica. É de notar que os acontecimentos previstos são invariavelmente os desagradaveis — sendo a morte o mais vulgarmente previsto; não me occorre caso algum em que a dupla-vista haja revelado qualquer cousa que não fosse triste. Ella tem um horrivel symbolismo que lhe é proprio — um symbolismo de mortalhas e tochas e outros horrores funebres. Em

alguns casos parece depender, até certo ponto, da localidade, porque se diz que os habitantes da ilha de Skye que possuem esta faculdade muitas vezes a perdem quando sahem da ilha, ainda que seja apenas numa pequena viagem á outra costa. O dom de uma tal visão é por vezes hereditario numa familia durante gerações, mas esta regra não é invariavel, porque a dupla-vista ás vezes apparece esporadicamente num individuo pertencente a uma familia livre da sua triste posse.

Já citámos um exemplo em que a nitida visão de um acontecimento futuro se deu, por meio da dupla-vista, com alguns mezes de antecedencia. Vamos citar outro, mais notavel ainda, que relato exactamente como me foi contado por um dos que nelle tomaram parte.

«Mettemo-nos pelo *jungle* dentro e havia uma hora que caminhavamos sem resultado, quando o Cameron, que por acaso estava a meu lado, de repente parou, empallideceu, e, apontando em frente, disse numa voz cheia de terror:

«Olhem! olhem! por amor de Deus, olhem para alli!»

«Onde? o quê? o que é?!» perguntámos todos confusamente, correndo para elle e olhando em róda e esperando encontrar um tigre, uma cobra — nem sabiamos o quê, mas por certo qualquer cousa horrorosa, visto que fôra

o bastante para causar ao nosso camarada, em geral tão seguro dos seus nervos, uma emoção tão visivel. Mas não se via tigre nem cobra — nada senão o Cameron, livido, de olhos esbugalhados, a apontar para qualquer cousa que nós não viamos.

«Cameron! Cameron!» disse eu, sacudindo-o pelo braço, «falla por amor de Deus! O que é que aconteceu?

«Mal tinha dito isto quando ouvi um som leve, mas muito estranho, e o Cameron, deixando cahir a mão com que apontava, disse numa voz tensa e tremula, «Ouviste? ouviste? Graças a Deus que acabou!» e cahiu no chão sem sentidos.

«Houve uns momentos de confusão emquanto lhe desapertavamos o collarinho e eu lhe borrifava a cara com alguma agua, que felizmente trouxera commigo, e outro lhe tentava fazer beber uns goles de aguardente; e, emquanto isto se fazia, perguntei em segredo ao individuo a meu lado (um dos mais scepticos entre nós, por signal). «Você ouviu qualquer cousa, Beauchamp?»

«Sim, lá isso ouvi,» respondeu; «um som curioso, muito curioso; uma especie de estrondo ou estralejar muito longe, mas perfeitamente nitido; se não fôsse inteiramente impossivel, era capaz de jurar que era o som de uma descarga.»

«É exactamente a impressão que eu tive,» murmurei; «mas basta! elle já está melhor.»

«Num minuto ou dois o Cameron já podia fallar e começou por nos agradecer e por pedir desculpa de nos dar todo este trabalho; de ahi a pouco sentou-se contra uma arvore e, numa voz firme, se bem que ainda baixa, disse:

«Meus caros amigos, sinto que lhes devo uma explicação por causa do meu procedimento extraordinario. É uma explicação que eu muito preferia não dar; mas, como ella tem de vir, tanto faz dal-a agora como depois. Sem duvida que já repararam que quando durante a nossa viagem vocês todos, fallando de sonhos, visões, etc., riam de tudo isso, eu fugi sempre a dar qualquer opinião sobre o assumpto. Fil-o, não só porque não queria acarretar sobre mim o ridiculo, ou, mesmo, estabelecer discussão, mas tambem porque sabia perfeitamente, pela minha propria triste experiencia, que o mundo a que os homens costuma chamar do sobrenatural é tão real como — talvez mais real do que — este mundo que vemos á nossa roda. Em outras palavras, eu, como tantos outros escossezes meus compatriotas, tenho o maldito dom da dupla-vista — essa terrivel faculdade que prevê em sonhos calamidades que breve acontecerão.

«Foi uma visão d'essas que acabo de ter, e o seu grande horror commoveu-me ao ponto

que viram. Vi deante de mim um cadaver — não de um individuo que tenha morrido uma morte natural e socegada, mas da victima de qualquer terrivel desastre; uma massa horrivel, sem forma, com uma cara inchada, esmagada, impossivel de conhecer. Vi este horrivel objecto ser mettido num caixão, e resado sobre elle o serviço funebre. Vi o cemiterio, vi o padre; e, se bem que nunca os tivesse visto antes, tenho ambos presentes agora mesmo na minha visão interior; vi-me a você, a mim, ao Beauchamp, a todos nós e a muitos mais, em volta do caixão; vi os soldados erguer as espingardas depois do fim dos responsos; ouvi a descarga — e foi então que desmaiei.»

«Quando elle fallou d'essa descarga, senti um arrepio e olhei para o Beauchamp; nunca me esquecerá a expressão de profundo horror que havia no rosto d'aquelle sceptico.»

Isto não passa de um incidente (e de modo algum o principal) numa notabilissima historia de experiencias psychicas, mas, como de momento estamos apenas tratando do exemplo de dupla-vista que figura nessa historia, basta que se diga que, mais tarde no mesmo dia, o grupo de militares, de que fallamos, encontrava o seu commandante na horrorosa condição tão nitidamente descripta pelo sr. Cameron. A narrativa continúa:

«Quando, na noite seguinte, chegámos ao

nosso destino, e que a nossa triste narrativa tinha sido devidamente registrada pelas autoridades competentes, o Cameron e eu fomos dar um pequeno passeio, para ver se a influencia tranquillisadora da natureza nos tirava pelo menos parte da tristeza que nos acabrunhava. De repente elle agarrou-me no braço, e, apontando atravez d'uma pequena divisoria, disse numa voz tremula, «Olha! lá está! lá está o cemiterio que vi hontem.» E quando, mais tarde, fomos apresentados ao capellão do posto, reparei, ainda que os meus companheiros o não fizessem, no arrepio irrepremivel que percorreu o corpo do Cameron ao apertar a mão do sacerdote, e vi que tinha reconhecido o officiante no enterro da sua visão.»

Quanto á explicação occulto de tudo isto, parece-me que a visão do sr. Cameron foi um puro caso de dupla-vista, e, se assim é, o facto de que os dois individuos que estavam mais perto d'elle (um com certeza — e talvez os dois — tocando-lhe mesmo) tomaram parte nessa visão, pelo menos quanto a ouvir a descarga final, ao passo que tal não aconteceu aos que estavam mais affastados, indica que a intensidade com que a visão se imprimiu no vidente occasionou vibrações no seu corpo mental que se communicaram áquellas pessoas em contacto com quem estava, como na vulgar transmissão de pensamento. Quem quizer ler o resto da

historia encontral-a-ha nas paginas de *Lucifer*, vol. xx., p. 457.

Podiamos com facilidade reunir dezenas de exemplos de natureza identica a este. Com respeito á variedade symbolica d'esta vista, diz-se vulgarmente entre os que a possuem que se, ao encontrarem um vivo, veem uma mortalha envolvendo-o, isso é signal seguro da sua proxima morte. A data da doença que o victimará é indicada, quer pelo ponto a que a mortalha lhe envolve o corpo, ou pela hora do dia a que se vê a visão; porque se é de manhã, cedo, dizem que o individuo morrerá nesse mesmo dia, mas se fôr de tarde, que será apenas durante o anno.

Outra variante (e notavel) de forma symbolica da dupla-vista é aquella em que a pessoa, cuja morte por ahi se prevê, surge ao vidente numa apparição sem cabeça. Um caso d'este genero é citado em *Signaes antes da Morte* como tendo acontecido na familia do dr. Ferrier, ainda que ahi, se bem me lembro, o caso se não tivesse dado senão á hora da morte, ou muito perto d'ella.

Passando do caso de videntes que estão regularmente de posse de uma certa faculdade, ainda que as manifestações d'ella apenas algumas vezes estejam subordinadas á sua vontade, encontramos um grande numero de casos isolados de previsão em individuos em quem essa

faculdade não é de modo algum regular e certa. Talvez que a maioria d'estes aconteçam em sonhos, se bem que haja exemplos de visões d'essas em vigilia. Ás vezes a previsão diz respeito a um acontecimento de real importancia para o vidente, e assim justifica a acção do Eu em ter o trabalho de a fixar. Em outros casos, o acontecimento é sem importancia apparente, ou não tem relação alguma com o individuo que o vê. Ás vezes é claro que a intenção do Eu (ou da entidade communicadora, seja ella qual fôr) é avisar a personalidade inferior da approximação de qualquer calamidade, quer para que essa calamidade se evite, quer (se isso não fôr possivel) para que a dôr, que causa, seja diminuida pela preparação.

O acontecimento mais vulgarmente assim previsto é (talvez porque assim é natural) a morte — ás vezes a morte do proprio vidente, ás vezes a de alguem que lhe é caro. Este genero de previsão é tão vulgar na literatura do assumpto, e o seu fim tão evidente, que excusamos de citar exemplos d'ella; mas um ou dois casos em que a visão prophetica, ainda que claramente *util*, ainda assim foi de um typo menos sombrio, talvez tenham algum interesse para o leitor. O que segue é tirado d'aquelle repositorio do estudioso das cousas estranhas, *O Lado Nocturno da Natureza*, de Mrs. Crowe, a p. 72.

«Ha alguns annos o dr. Watson, actualmente residente em Glasgow, sonhou que era chamado para ver um doente que morava a uma distancia de algumas milhas do logar onde vivia; que partiu para lá a cavallo, e que, ao atravessar uma charneca, viu, correndo para o atacar, um touro, a cujo assalto só escapou fugindo para um logar inacessivel ao animal, onde se demorou muito tempo até que appareceu varia gente que, observando a sua situação, veiu em seu auxilio e o soltou.

«Estava a almoçar na manhã seguinte, quando veiu a chamada; achando graça á curiosa coincidencia (pois assim lhe pareceu), montou a cavallo e partiu. Não conhecia a estrada por onde tinha que seguir, mas de ahi a pouco chegava á charneca, que reconheceu, e instantes depois surgia o touro, correndo para elle furiosamente. Mas o sonho tinha-lhe revelado o logar de refugio, para onde se dirigiu immediatamente; alli passou trez a quatro horas, sitiado pelo touro, até que vieram uns camponezes que o livraram. O dr. Watson declara que, se não fôsse o seu sonho, não teria sabido em que direcção correr para se salvar.»

Um outro caso, em que um intervallo muito maior occorreu entre o aviso e o facto, é dado pelo dr. F. G. Lee, em *Vislumbres do Sobrenatural*, vol I., p. 240.

«Mrs. Hannah Green, governante d'uma fa-

milia da provincia em Oxford, sonhou uma vez que tinha ficado sósinha em casa num domingo á noite, e que, ouvindo bater á porta principal, a tinha ido abrir, encontrando um vadio mal-encarado, armado de um cacete, que quiz immediatamente metter-se pela casa dentro. Parece-lhe que, no sonho, ella tentou resistir e evitar a entrada do homem, mas sem o conseguir, pois que, aggredida por elle e cahindo no chão sem sentidos, elle pôde então entrar á vontade. Nisto accordou.

«Como durante bastante tempo nada acontecesse, o sonho foi-lhe esquecendo, e, como ella-propria diz, acabou por já não pensar nelle. Sete annos depois, porém, esta mesma governante ficou com duas outras creadas a tomar conta de uma casa um pouco isolada em Kensington (que veiu depois a ser a casa de cidade da mesma familia), quando, numa noite de domingo, tendo ambas as creadas sahido e estando só ella em casa, uma pancada á porta de repente a sobresaltou.

«De repente a memoria do seu antigo sonho voltou-lhe com uma extranha e forte vividez; ella sentiu agudamente a sua situação isolada. Porisso, tendo immediatamente accendido um candieiro no atrio — e durante este tempo todo continuavam a bater á porta — tomou a precaução de ir espreitar pela janella que do patamar de cima dava sobre a porta da rua; foi

grande o seu terror quando viu, em carne e osso, o individuo que havia annos havia visto no seu sonho, armado com o mesmo cacete e exigindo que lhe abrissem a porta.

«Com grande presença de espirito, ella desceu á entrada principal, correu quantos mais fechos ella tinha, tornou mais seguras as janellas, tocou quantas campainhas havia na casa e illuminou os quartos do primeiro andar. Parece que isto tudo teve o desejado effeito, pois que o vadio desappareceu.»

Evidentemente que tambem neste caso o sonho foi realmente util, visto que, se o não tivesse tido, a governante teria sem duvida aberto a porta, como de costume, quando ouviu bater.

Não é, porém, só em sonhos que o Eu fixa na sua personalidade inferior aquillo que julga bom que ella saiba. Muitos casos d'esta ordem podiam ser extrahidos dos livros, mas, em logar de citar de alli, referirei um caso que ha algumas semanas me contou uma senhora minha conhecida — um caso que, ainda que o não realce nenhum incidente romantico, tem pelo menos a vantagem de ser novo.

Essa senhora tem duas filhas pequenas, e ha pouco uma d'ellas apanhou (julgava a mãe) uma grande constipação, soffrendo durante alguns dias de uma obstrucção completa na parte superior do nariz. A mãe ligou pouca

importancia a isto, julgando que breve passaria; até que um dia, de repente, viu deante de si no ar o que ella descreve como sendo um quadro de um quarto, ao centro do qual estava uma mesa em que a filhita jazia immovel ou morta, estando varios individuos debruçados sobre ella. Ella viu a scena nos seus minimos detalhes, e especialmente reparou que a pequena tinha uma camisa-de-noite branca, o que estranhou, porque todas que tinha eram côr-de-rosa.

A visão impressionou-a bastante, e pela primeira vez fez com que lhe occorresse que talvez a creança tivesse qualquer cousa mais seria do que uma constipação, em vista do que levou-a ao hospital para a examinarem. O medico que a attendeu descobriu que ella tinha um polypo no nariz, que devia ser quanto antes extrahido. Pouco dias depois, a creança foi levada para o hospital, para a operarem, e deitada numa cama. Quando a mãe chegou ao hospital, viu que se tinha esquecido de trazer uma camisa-de-noite da pequenita, de modo que as enfermeiras tiveram de arranjar uma, que era *branca*. Com esta camisa branca vestida é que a creança foi, no dia seguinte, operada, no quarto que a mãe tinha visto na visão, cujos detalhes, todos, exactamente se deram.

Em todos estes casos a previsão conseguiu

o resultado para que viera, mas os livros estão cheios de avisos a que não se prestou attenção ou se não deu importancia, e das desastrosas cousas que vieram a acontecer. Nalguns casos a informação é dada a alguem que mal se pode dizer que possa intervir no assumpto, como no historico exemplo em que John Williams, gerente de uma empreza mineira em Cornwall, previu, nos seus minimos detalhes, oito ou nove dias antes de se dar, o assassinio do sr. Spencer Perceval, então Chanceller das Finanças, no atrio da Casa dos Communs. Mesmo neste caso, porém, é vagamente possivel que alguma cousa se pudesse ter feito, por que lemos que o sr. Williams ficou tão impressionado que consultou amigos sobre se deveria ou não ir a Londres avisar o sr. Perceval. Infelizmente elles dissuadiram-o d'isso, e o assassinio deuse. Não parece, de resto, muito provavel que, mesmo se elle tivesse ido a Londres e contado a sua historia, lhe ligassem grande importancia, mas, em todo o caso, sempre é possivel que se houvessem tomado algumas medidas preventivas, pelas quaes o assassinio se evitasse.

Poucos elementos temos que nos mostrem que acção especial nos planos superiores levou a esta curiosa visão prophetica. Os dois individuos não eram conhecidos, de modo que a visão não foi causada por nenhuma sympathia pessoal. Se se trata de uma tentativa de qual-

quer Auxiliar para evitar o acontecimento, parece estranho que não se encontrasse uma creatura impressionavel mais perto do que em Cornwall. Talvez que o sr. Williams, quando no plano astral durante o somno, de qualquer modo encontrasse essa imagem do futuro, e, assustando-o ella (o que é naturalissimo), assim a passasse ao seu ser inferior, na vaga esperança de que qualquer cousa se pudesse fazer para a evitar; mas é impossivel fazer do caso um diagnostico acurado sem examinar os registros âkâshicos para vêr o que é que na verdade aconteceu.

Um caso typico da previsão absolutamente inutil é aquelle que conta o sr. Stead, no seu livro *Historias Verdadeiras de Espectros* (p. 83) a proposito da sua conhecida Miss Freer, mais citada como Miss X. Quando estava passando uns dias numa casa de campo, esta senhora, estando perfeitamente desperta e consciente, viu uma vez uma charrette, puxada por um cavallo branco, parada á porta da casa; nella estavam dois estranhos, um dos quaes desceu da charrette e ficou a brincar com um cão que por alli andava. Ella reparou que esse individuo estava de sobretudo e viu tambem, nitidos, os signaes recentes das rodas da charrette na terra. Mas, ao tempo, não estava alli carro nenhum; meia hora depois, porém, surgiram dois estranhos dentro d'uma charrette, e a visão,

que essa senhora havia tido, realisou-se em todos os seus detalhes. O sr. Stead cita, a seguir, um outro caso de previsão egualmente inutil, onde sete annos medeiaram entre o sonho (d'essa vez tratava-se de um sonho) e a sua realisação.

Todos estes casos (e são apenas exemplos citados ao acaso de entre muitas centenas d'elles) mostram que uma certa dose de previsão é sem duvida possivel ao Eu, e estes casos seriam sem duvida muito mais frequentes se não fôsse a excessiva densidade e falta de vibração correspondente nos instrumentos inferiores da maioria do que nós chamamos a humanidade civilisada— qualidades principalmente attribuiveis ao crasso materialismo practico da nossa epocha. Não me refiro a qualquer profissão de fé materialista como sendo cousa vulgar, mas sim ao facto de que nas cousas práticas da vida quotidiana quasi toda a gente é guiada apenas por considerações de interesse material de uma fórma ou outra.

Em muitos casos o proprio Eu pode ser um Eu pouco desenvolvido, e a sua previsão, por conseguinte, muito vaga; em outros poderá, elle, vêr claro, mas possuir instrumentos inferiores tão pouco impressionaveis que apenas consiga imprimir ao cerebro um vago presagio de desgraça imminente. Ha, ainda, casos em que uma previsão é obra, não do Eu, mas de

qualquer entidade exterior, que, por qualquer razão, sente interesse pela pessoa a quem dá esse sentimento. Na obra que citei, o sr. Stead refere-se á certeza, que teve muitos mezes antes, de que assumiria a direcção da *Pall Mall Gazette*, ainda que, de um ponto de vista normal, nada parecesse menos provavel. Se esse pre-conhecimento foi resultado de uma impressão dada pelo seu proprio Eu ou de qualquer aviso amigavel de qualquer entidade estranha, é impossivel dizer sem que se investigue, mas o facto é que a confiança nesse presentimento foi amplamente justificada.

Ha ainda uma variedade de clarividencia no tempo que não deve passar sem referencia. É relativamente rara, mas ha d'ella bastantes exemplos para que a devamos referir, ainda que, infelizmente, os detalhes dados em geral não incluam aquelles que nos seriam essenciaes para que pudessemos fazer um diagnostico seguro. Refiro-me aos casos em que exercitos espectraes ou rebanhos espectraes fôram vistos. Em *O Lado Nocturno da Natureza* (p. 462 *et seq.*) temos varios exemplos d'essas visões. Alli se conta como em Havarah Park, ao pé de Ripley, varios batalhões de soldados — umas centenas, ao todo — fôram vistos, por pessoas merecedoras de credito, fazer varias manobras e, em seguida, desapparecer; e como, alguns annos antes, um exercito visionario se-

melhante foi visto na visinhança de Inverness por um lavrador e seu filho, ambos creaturas respeitaveis.

Neste caso, tambem, o numero dos soldados era muito grande, e os dois espectadores não tiveram, a principio, a mais pequena duvida de que se tratava de gente de carne e osso. Contaram, pelo menos, dezaseis secções duplas, e tiveram bastante tempo para observar todos os detalhes. Os que iam na frente marchavam sete a sete e eram acompanhados por muitas mulheres e creanças, que levavam latas e outros apetrechos de cosinha. Os soldados iam fardados de vermelho, e as armas luziam ao sol. No meio d'elles ia um animal — uma corça ou um cavallo (não puderam ver bem o que era) — que elles aguilhoavam furiosamente á bayoneta.

O mais novo dos espectadores observou para o outro que de vez em quando, as ultimas filas tinham que correr para apanhar as deanteiras; e o mais velho, que tinha feito serviço militar, observou ter sido esse sempre o caso, recommendando-lhe que, se alguma vez viesse a assentar praça, visse sempre se conseguia marchar nas primeiras filas. Havia só um official a cavallo; o cavallo era cinzento, e o official tinha um capacete ornamentado a dourados e uma capa azul de hussar, com largas mangas forradas de encarnado. Os dois espectadores observaram-o tanto que disseram que

o reconheceriam em qualquer parte. Tiveram, porém, receio de ser maltratados ou de ser forçados a acompanhar as tropas, que lhes pareceu que deviam ter vindo da Irlanda, tendo desembarcado em Kyntyre; e, emquanto trepavam por cima de uma barreira para sahir do caminho, tudo aquillo de repente desappareceu.

Um phenomeno da mesma ordem se observou no principio do seculo dezenove em Paderborn, na Westphalia, sendo observado por umas trinta pessoas; mas como, uns annos depois, uma revista a uns vinte mil soldados se realisou naquelle mesmo logar, concluiu-se que a visão fôra uma especie de dupla-vista — faculdade não rara naquelle districto.

Estes exercitos espectraes apparecem, porém, ás vezes, onde um exercito de homens normaes de modo algum poderia marchar, nem antes nem depois da visão. Um dos mais curiosos relatos d'esse phenomeno é feito por Miss Harriet Martineau, na sua descripção de *Os lagos Inglezes*. Escreve ella:

«Este Souter ou Soutra Fell é aquella montanha sobre a qual espectros appareciam aos milhares, a intervallos durante dez annos no seculo passado, apresentando o mesmo aspecto a vinte e seis testemunhas escolhidas, e a todos os habitantes de todas as casitas d'onde se podia ver a montanha, e isto por um espaço de duas horas e meia de cada vez — a passagem

espectral acabando pela escuridão! A montanha, note-se bem, está cheia de precipicios, que tornam impossivel toda a marcha de um numero qualquer de homens; e do lado norte e oeste mostra uma face perpendicular de novecentos pés de altura.

«Nas vesperas de S. João, em 1735, um creado do lavrador sr. Lancaster, estando a uma distancia de meia milha da montanha, viu o lado oriental do seu cimo coberto de tropas, que, durante uma hora, prosseguiram na sua marcha. Vinham, em massas separadas, de uma saliencia no lado norte e desappareciam numa cavidade no pincaro. Quando o pobre homem contou a sua historia foi insultado por muita gente, como em geral acontece aos observadores originaes quando vêem qualquer cousa de anormal. Dois annos depois, tambem na vespera de S. João, o sr. Lancaster viu alli alguns individuos, apparentemente seguindo, a pé, os seus cavallos, como se houvessem regressado da caça. Não deu importancia a isto; mas, por acaso, tornou a olhar para lá passados uns dez minutos, e viu as figuras, agora montadas, e seguidas por uma massa interminavel de tropa, cinco a cinco, marchar da tal saliencia para a cavidade no pincaro, como d'antes. Toda a familia viu isto, assim como as manobras da força, á medida que cada batalhão era mantido em ordem por um official a cavallo, que gallo-

pava de um lado para o outro. Á medida que cahia o crepusculo, a disciplina parecia enfraquecer, e as tropas, misturando-se, prosseguiram a passo irregular até que tudo se perdeu na escuridão. Foi agora, é claro, a vez dos Lancasters serem insultados por toda a gente, como tinha acontecido ao seu creado; mas não tardou que viesse a sua justificação.

«Na vespera de S. João do terrivel anno de 1745, vinte e seis pessoas, especialmente para isso chamadas pela mesma familia, viram tudo quanto elles tinham já visto, e mais. Carruagens estavam, agora, misturadas com as tropas, e toda a gente sabia muito bem que nunca tinham estado, nem podiam estar, carruagens no cimo do Souter Fell. A multidão era enorme; porque as tropas enchiam um espaço de meia milha e marchavam rapidamente até que a noite as escondeu, marchando ainda. Nada havia de vaporoso ou indistincto no aspecto d'estes espectros. Tão reaes pareciam, que no dia seguinte alguns dos espectadores da vespera subiram á montanha para vêr se lá estavam os signaes das ferraduras dos cavallos; grande foi o seu terror quando não viram signal, de pé humano ou ferradura, na herva ou na terra. As testemunhas fizeram d'isto depoimento jurado perante um juiz; e foi por conseguinte terrivel a espectativa de toda aquella

região a respeito dos acontecimentos proximos da rebellião escosseza.

«Soube-se então que tinha havido mais duas pessoas que tinham visto qualquer cousa de analogo no intervallo — isto é, em 1743 — mas tinham-o occultado, para escapar aos insultos de que haviam sido victimas os seus visinhos. O sr. Wren, de Wilton Hall, e um creado seu, viram, uma tarde de verão, um homem e um cão sobre a montanha, perseguindo alguns cavallos num logar tão ingreme que era absolutamente impossivel que qualquer cavallo alli se aguentasse. A velocidade, com que corriam, era prodigiosa, e tão rapido foi o seu desapparecimento na extremidade sul do Fell, que o sr. Wren e o creado subiram até lá a manhã seguinte á busca do cadaver do homem, que com certeza devia ter morrido. De homem, cavallo, ou cão, não encontraram nem um signal; porisso desceram e calaram-se. Quando chegaram a fallar, não foram tratados com mais consideração por terem vinte e seis companheiros na desgraça.

«Quanto á explicação, o director do *Lonsdale Magazine* declarou (vol. II., p. 313) «que se descobriu que na vespera de S. João de 1745 os revoltosos estiveram fazendo manobras na costa occidental da Escocia, e os seus movimentos foram reflectidos por qualquer vapor transparente analogo á Fata Morgana.» Não se

pode dizer que seja uma explicação muito satisfactoria, mas, que saibamos, é a unica que até agora appareceu. Estes factos, porém, fizeram com que se citasse muitos outros; como a marcha espectral, do mesmo genero, observada em Leicestershire em 1707, e a tradição da marcha de tropas sobre o Helvellyn, na vespera da batalha de Marston Moor.»

Outros casos se citam em que rebanhos de carneiros espectraes teem sido vistos em certas estradas, e existem, é claro, varias historias allemãs de cavalgadas espectraes de caçadores e de salteadores.

Ora nestes casos, como tanta vez acontece na investigação de fenomenos occultos, ha varias causas possiveis, cada uma das quaes bastaria para produzir as occorrencias observadas, mas, na ausencia de detalhes mais completos, pouco mais se pode fazer do que lançar uma hypothese sobre as causas provaveis, que estavam em operação nesse momento.

A explicação mais vulgarmente dada (quando toda a historia não é posta de parte, por se considerar falsa) é que o que se vê é um reflexo, por miragem, do movimento de um exercito real, que esteja manobrando ou marchando a uma distancia consideravel. Eu proprio já, por varias vezes, vi a miragem vulgar, e sei portanto qualquer cousa dos seus espantosos poderes de decepção; mas parece-me que

seria preciso que arranjassemos qualquer variedade nova de miragem, inteiramente differente de aquella que a sciencia actual conhece, para explicar estes casos de exercitos espectraes, alguns dos quaes passam á distancia de alguns metros do espectador.

Em primeiro logar, podem ser, como no caso citado, e que se passou na Westphalia, apenas casos de previsão em grande escala — por quem arranjados, e para que fim, não é facil de adivinhar. Podem, tambem, muitas vezes pertencer ao passado, e não ao futuro, e ser, de facto, reflexos de scenas dos registros âkâshicos — ainda que aqui, tambem, se não comprehenda bem a razão e o processo da imagem.

Ha muitas tribus de espiritos-de-natureza perfeitamente capazes, se por qualquer razão o quizessem fazer, de produzir essas apparições pelo seu grande poder de manifestação (v. *Manual Theosophico* v, p. 60), e isso estaria perfeitamente de accordo com o prazer que teem em mystificar e impressionar os seres humanos. Ou talvez tudo isso seja bondosamente destinado por elles a avisar os seus amigos de acontecimentos que sabem que vão acontecer. Parece que deve ser qualquer explicação d'esta ordem que mais satisfaça a extraordinaria série de phenomenos descripta por Miss Martineau—isto

é, se os relatos, que lhe fizeram, são dignos de credito.

Outra possibilidade é que, em alguns casos, o que se tomou por soldados foi simplesmente um grande numero de espiritos-da-natureza executando algumas d'aquellas manobras ordenadas que elles teem tanto prazer em fazer, ainda que se deva confessar que essas manobras raras vezes são de genero que possa ser tomado por militar, a não ser por creaturas excessivamente ignorantes.

Os rebanhos de animaes são provavelmente, na maioria dos casos, meros registros, mas ha casos em que elles, como os «caçadores selvagens» do conto allemão, pertencem a uma classe de phenomenos inteiramente differente, e que está de todo fóra do assumpto que ora tratamos. Os estudiosos do occulto devem saber que as circumstancias que cercam qualquer scena de terror intenso ou intensa paixão são susceptiveis de ser por vezes reproduzidas numa fórma que precisa apenas um pequeno desenvolvimento de faculdades «psychicas» para se poder vêr; e por vezes tem acontecido que varios animaes formavam parte d'essas circumstancias, e esses são, porisso, periodicamente reproduzidos pela acção da má consciencia do assassino (v. *Manual* v., p. 83.)

Provavelmente o que haja de realmente verdade nas varias historias de cavalleiros espe-

ctraes ou grupos espectraes de caçadores deve pertencer a esta categoria. É esta tambem a explicação, evidentemente, de algumas das visões de exercitos espectraes, como aquella da notavel reproducção da scena da batalha de Edgehill que parece ter-se dado varias vezes durante alguns mezes depois da data do combate, conforme o testemunharam um juiz de paz, um sacerdote, e outras testemunhas oculares, num curioso pamphleto contemporaneo entitulado *Prodigiosos Ruidos de Guerra e de Combate, em Edgehill, perto de Keinton, em Northamptonshire.* Segundo se diz neste pamphleto, este caso foi investigado ao tempo por alguns officiaes do exercito, que reconheceram nitidamente algumas das figuras espectraes que viram. Isto parece, sem duvida, ser um exemplo do terrivel poder, que teem as paixões violentas do homem, de se reproduzirem e effectuarem, de qualquer extranha maneira, uma especie de materialisação do seu registro.

Em alguns casos é evidente que os rebanhos vistos não deviam passar de simples hordas de elementaes artificiaes de vil especie que tomavam essa fórma para irem alimentar-se das emanações horrendas de logares especialmente horrorosos, como poderia ser o sitio de uma fôrca. Um exemplo d'isto é dado pelos chamados «Gyb Ghosts», ou espectros da fôrca, descriptos em *Mais Vislumbres do Mundo*

Invisivel, p. 109, como sendo repetidamente vistos sob a forma de manadas de estranhos e disformes animaes de aspecto suino, correndo, escavando e debatendo-se noite após noite no sitio d'esse horrivel monumento do crime. Mas estes pertencem mais ao assumpto apparições do que ao assumpto clarividencia.

CAPITULO IX

Methodos de Desenvolvimento

Quando um individuo se convence da realidade do valioso poder da clarividencia, a sua primeira pergunta é geralmente: «Como posso eu, no meu caso, desenvolver essa faculdade, que se diz estar latente em toda a gente?»

Ora o facto é que ha muitos methodos pelos quaes ella pode ser desenvolvida, mas um só que se possa seguramente recommendar a qualquer pessoa — aquelle que referiremos em ultimo logar. Entre as nações menos avançadas do mundo o estado clarividente tem sido produzido de varias maneiras menos recommendaveis; entre algumas das tribus não-aryas da India pelo uso de drogas perturbadoras ou de inhalações de fumo estonteante; entre os dervishes pelo processo de girar até cahir em vertigem e insensibilidade; entre os sequazes das abominaveis praticas do culto do Vudu por horrendos sacrificios e ritos magicos. Methodos d'estes não estão felizmente em uso na

nossa raça, e comtudo mesmo entre nós alguns praticantes nesta arte antiga adoptam qualquer plano de auto-hypnotisação, como olhar fixamente para um ponto luminoso ou repetir qualquer formula até que se produza um estado de semi-estupefacção; ao passo que outra escola pretende chegar a esses resultados pelo emprego de alguns dos systemas indios de dominio da respiração.

Todos estes methodos devem ser inteiramente condemnados como pouco seguros para que os pratique o individuo vulgar que não tem bem idéa do que está fazendo — que está simplesmente a fazer experiencias num mundo desconhecido. Mesmo o methodo de obter clarividencia deixando-se hypnotisar por um outro individuo é de aquelles perante os quaes eu recuaria com a maior das repugnancias; e sem duvida que nunca deve ser tentado, excepto em condições de absoluta confiança e affeição entre o magnetisador e o magnetisado, e d'uma perfeição de pureza em coração e alma, em espirito e intenção, difficil de encontrar excepto entre os maiores dos santos.

As experiencias em relação ao transe mesmerico são do maior interesse, visto que offerecem (entre outras vantagens) uma possibilidade de provar ao sceptico a existencia da clarivisão, mas, excepto nas condições que referi — condições, admitto, de quasi impossivel

realisação — eu não aconselharia a ninguem que se offerecesse para magnetisado.

O mesmerismo curativo (no qual, sem levar o paciente até ao estado de transe, se faz um esforço para alliviar os seus padecimentos, para o curar de qualquer doença, ou para lhe augmentar a vitalidade por meio de passes magneticos) é uma cousa inteiramente differente; e se o mesmerisador, ainda que sem instrucção nisso, tem saude e está animado de boas intenções, não é natural que aconteça algum mal ao mesmerisado. Num caso tão extremo como o de uma intervenção cirurgica, um individuo pode razoavelmente submetter-se mesmo ao transe mesmerico, mas é preciso accentuar que não é estado com que se deva fazer experiencias. De resto, a alguem que me honrasse pedindo-me a opinião sobre o assumpto, eu aconselharia que não tentasse qualquer investigação sobre o que para elle ainda seriam as forças occultas da natureza sem que primeiro tivesse lido cuidadosamente quanto se tem escripto sobre o assumpto ou — o que é ainda melhor — sem que tivesse a guial-o um professor qualificado.

Mas onde, dir-se-ha, é que existe esse professor qualificado? Não, por certo, entre aquelles que se annunciam como professores, que offerecem por tantas libras ensinar os mysterios sagrados das eras, ou que teem «circulos

de desenvolvimento» onde se dá entrada a quaesquer pessoas mediante o pagamento de um tanto por cabeça.

Muito se tem dito neste livro sobre a necessidade de uma *instrucção* cuidadosa — das immensas vantagens do clarividente *instruido* sobre o que o não é; mas isso apenas nos traz outra vez para o mesmo ponto — onde é que se pode ir buscar essa *instrucção* segura?

A resposta é que essa instrucção se pode receber onde sempre se pôde receber desde o inicio da historia do mundo — ás mãos da Grande Irmandade Branca dos Adeptos, que está agora, como sempre esteve, por detraz da evolução humana, guiando-a e auxiliando-a sob o dominio das grandes leis cosmicas que para nós representam a Vontade do Eterno.

Mas como, perguntar-se-ha, é que se póde entrar em communicação com elles? Como é que o aspirante ancioso por conhecer pode fazer-lhes constar o seu desejo de ser instruido?

Mais uma vez se diga: é ainda pelos methodos de sempre. Não ha methodo novo pelo qual um individuo se qualifique sem trabalho para se tornar alumno nessa Escola — não ha estrada real para a sabedoria que nella se pode adquirir. Hoje, como nas brumas da antiguidade, o homem que deseja chamar a attenção d'elles deve entrar no caminho lento e

laborioso do desenvolvimento de si-proprio — deve aprender antes de mais nada a dominar-se e tornar-se tudo quanto deve ser. Os degraus d'esse caminho não são segredo nenhum; citei-os em detalhe em *Auxiliares Invisiveis*, e porisso não preciso aqui repetil-os. Mas o caminho não é facil de seguir, e comtudo todos terão de o seguir, mais tarde ou mais cedo, porque a grande lei da evolução pouco a pouco mas irresistivelmente leva a humanidade para o seu destino.

D'aquelles que se estão agglomerando á entrada para este caminho os Mestres escolhem os seus alumnos, e é só tornando-se digno de ser ensinado que um individuo pode conseguir que o ensinem. Sem essa qualificação, de nada servirá ser membro de qualquer Loja ou Sociedade, secreta ou não. É certo, como todos sabemos, que foi a instancias de alguns d'estes Mestres que se fundou a nossa Sociedade Theosophica, e que das suas fileiras alguns foram escolhidos para entrar em mais intimas relações com elles. Mas essa escolha depende da sinceridade e perseverança do candidato, não do facto de elle pertencer á Sociedade ou a qualquer corpo a dentro d'ella.

É essa, pois, a unica maneira absolutamente segura de desenvolver a clarividencia — entrar com toda a nossa energia para o caminho da evolução moral e mental, a um estádio da qual

esta e outras das faculdades superiores espontaneamente começarão a mostrar-se. Ha, porém, uma practica que todas as religiões aconselham — que, se fôr cuidadosa e reverentemente adoptada, não poderá fazer mal a ninguem, e da qual muitas vezes tem sahido um typo muito puro de clarividencia; é a practica da meditação.

Escolha um individuo uma certa hora em cada dia — hora em que tenha a certeza de que o não perturbarão, ainda que deva ser preferivelmente de dia e não de noite — e dedique-se durante esse tempo a manter o seu espirito inteiramente livre de todos os pensamentos materiaes, seja de que especie fôrem, e, attingido isso, trate de dirigir toda a força do seu pensamento sobre o ideal mais elevado que conheça. Verificará que a obtenção d'esse dominio do seu pensamento é immensamente mais difficil do que julga, mas, logo que elle o attinja, não pode deixar de lhe ser de todas as maneiras muito benefico, e, á medida que elle se torna mais e mais capaz de elevar e concentrar os seus pensamentos, poderá descobrir que, pouco a pouco, ante elle se vão abrindo novos mundos.

Como exercicio preliminar para o pleno conseguimento de tal meditação, verá que é util exercitar-se na práctica da concentração nas cousas da vida quotidiana — mesmo nas mais

banaes e simples. Se escreve uma carta, não pense senão na carta emquanto a não acabar; se lê um livro, trate de vêr que o seu pensamento nunca se desvie do sentido do que o auctor escreveu. Deve aprender a dominar o seu espirito, a ser dono d'elle, assim como das suas paixões inferiores; deve pacientemente trabalhar para obter um dominio absoluto dos seus pensamentos, de modo que saiba sempre em que é que está pensando, e porquê — de modo que possa usar o seu espirito como um esgrimista habil usa o sabre.

E, comtudo, se aquelles que tanto desejam ter a clarividencia a pudessem ter temporariamente por um dia, ou mesmo por uma hora, é duvidoso que quizessem conservar o dom. É verdade que abre deante d'elles novos mundos para estudo, novos poderes para ser util, e por esta ultima razão muitos de nós achamos que vale a pena; mas não devemos esquecer que, para alguem cujo dever o chama a viver ainda no mundo, a clarividencia não é inteiramente agradavel. Sobre alguem, em quem se abriu essa visão, a tristeza e a desgraça, o mal e o vicio do mundo cahem como um fardo constante, até que, nos primeiros dias do seu conhecimento, elle muitas vezes evoca o sentido doloroso d'aquelles versos vibrantes de Schiller:

Dien Orakel zu verkünden, warum warfest du mich hin
In die Stadt der ewig Blinden, mit dem aufgeschloss'nen Sinn?
Frommt's, den Schleier aufzuheben, wo das nahe Schreckniss droht?
Nur der Irrthum ist das Leben; dieses Wissen ist der Tod.
Nimm, O nimm die traur'ge Klarheit mir vom Aug'den blut'gen Schein!
Schrecklich ist es deiner Wahrheit sterbliches Gefäss zu seyn!

que talvez assim possam ser traduzidos: «Porque me lançaste assim para a cidade dos eternamente cegos, para proclamar o teu oraculo atravez do sentido aberto? De que serve levantar o veu quando as trevas proximas ameaçam? Só a ignorancia é a vida; esta sabedoria é a morte. Leva outra vez esta triste clareza de vista; tira aos meus olhos esta luz cruel! É horrivel ser o canal mortal da tua Verdade!» E mais adeante elle exclama: «Torna a dar-me a minha cegueira, a feliz escuridão dos meus sentidos; torna a levar o teu dom terrivel!»

Mas este não passa, é claro, d'um sentimento que desapparece, porque a visão superior breve mostra ao alumno qualquer cousa para além da tristeza — cedo traz á sua alma a certeza esmagadora de que, seja o que fôr o que as apparencias pareçam indicar, todas as cousas estão sem duvida trabalhando juntas

para a victoria final do bem de todos. Elle pondera que o peccado e o soffrimento alli estão, quer elle os veja ou não, e que, afinal, quando os pode vêr, sempre está em melhor situação para poder auxiliar os outros do que se estivesse trabalhando ás escuras; e assim, pouco a pouco, aprende a tomar a sua parte do pesado karma do mundo.

Ha alguns tristes mortaes que, tendo a boa sorte de possuir alguma cousa d'este poder superior, são porém tão destituidos do verdadeiro sentimento que se deve ter em relação a elle, que o empregam para os fins mais sordidos — chegando mesmo a annunciar-se como «clarividentes demonstrativos e commerciaes»! Escusado é dizer que este uso da faculdade é uma mera prostituição e degradação d'ella, mostrando que o seu infeliz possuidor de qualquer modo d'ella se apoderou antes que o lado moral da sua natureza esteja sufficientemente desenvolvido para poder supportar o esforço que ella impõe. Uma noção da quantidade de mau karma que pode ser originado por uma acção d'estas dentro em pouco transforma em compaixão o nojo que ha pelo infeliz que perpetra essa loucura sacrilega.

Por vezes se objecta que a posse da clarividencia destróe toda a intimidade e dá um poder illimitado de explorar os segredos dos outros. Não ha duvida que dá esse *poder*, mas,

em todo o caso, a idéa é ingenua e ridicula para quem saiba qualquer cousa do assumpto. Pode ser que tal objecção colha quando se trate dos limitados poderes do «clarividente demonstrativo e commercial», mas o homem que a assaca contra aquelles que adquiriram essa visão no decurso dos seus estudos, e que, por consequencia, a possuem completamente, esquece trez factos fundamentaes: primeiro, que é inteiramente inconcebivel que qualquer pessoa, que tenha deante de si o vasto campo para a investigação, que a clarividencia lhe abre, tenha o mais pequeno desejo de espreitar para os segredos pequeninos de qualquer individuo; segundo, que, mesmo que por qualquer acaso impossivel o nosso clarividente tivesse essa curiosidade indecente a proposito de assumptos de senhora visinha, ha, comtudo, uma cousa chamada a honra de um cavalheiro, que, tanto nesse plano como neste, o inhibiria de dar largas a uma tal curiosidade; e terceiro, que, se por um acaso e uma possibilidade inimaginavel, se encontrasse qualquer variedade de baixo pitri com quem essas considerações não pesassem, plenas instrucções são sempre dadas a cada alumno, logo que elle comece a revelar signaes da faculdade, sobre as limitações impostas ao seu uso.

Em poucas palavras, essas restricções são que não haja curiosidade indiscreta, que não

haja uso egoista da faculdade, e que não haja demonstrações de phenomenos. Quer dizer, as mesmas considerações que guiam as acções de um individuo recto e nobre no plano physico devem valer tambem nos planos astral e mental; que o alumno de modo algum e em circumstancia alguma deve usar o poder, que o seu conhecimento maior lhe dá, para fins de vantagens mundanas, ou, de qualquer fórma que seja, para ganhar dinheiro; que nunca deve dar aquillo a que se chama entre espiritas uma «demonstração» — isto é, qualquer cousa que prove aos descrentes no plano physico que elle possue aquillo que lhes parecerá um poder anormal.

Com respeito a esta ultima condição, muitas vezes se tem perguntado. «Mas porque não? Seria tão facil confutar e convencer o descrente, e isso seria tão bom para elle!» Estes criticos perdem de vista o facto de que, em primeiro logar, nenhum d'aquelles que *sabem* qualquer cousa tem o minimo desejo de confutar ou convencer descrentes, ou se importa de qualquer maneira com a attitude do descrente; e, em segundo logar, não comprehendem como é muito melhor para esse descrente que elle gradualmente obtenha uma appreciação intellectual dos factos da natureza, do que os conheça de repente, como que com uma pancada que o abata. Mas este assumpto

foi tratado plenamente ha muitos annos em *O Mundo Occulto* do sr. Sinnett, e é desnecessario repetir os argumentos que alli se empregaram.

É muito difficil a alguns dos nossos amigos comprehender que a curiosidade ociosa e as conversas de senhoras-visinhas, que enchem plenamente as vidas da descerebrada maioria dos homens, já não podem ter logar na vida mais real do discipulo; e porisso ás vezes perguntam se, mesmo sem querer ver, não pode acontecer ao clarividente observar casualmente algum segredo que outro individuo quizesse guardar, exactamente como o nosso olhar pode cahir casualmente sobre uma phrase numa carta de outra pessoa que esteja sobre a meza. Está claro que isso pode acontecer; mas isso que importa? O homem de honra desviaria immediatamente os olhos, num caso como noutro, e seria como se não tivesse visto nada. Se quem faz estas objecções comprehendesse que nenhum alumno *se importa* com a vida das outras pessoas, excepto quando lhe compete auxilial-as, e que tem muitissimo trabalho seu a que dar attenção, não estaria tão espantosamente longe de comprehender os factos da vida mais ampla do clarividente instruido.

Mesmo do pouco que disse a respeito das restricções impostas ao alumno, se concluirá que muitas vezes elle saberá muito mais do

que se sinta com liberdade para dizer. Isto, é claro, é verdade, ainda que num sentido muito mais vasto, a respeito dos proprios grandes Mestres da Sabedoria, e é porisso que aquelles que teem o privilegio de occasionalmente estar na sua presença dão tanta attenção ás suas minimas palavras, mesmo em assumptos inteiramente fóra do que elles directamente ensinam. Porque a opinião d'um Mestre, ou mesmo d'um dos seus alumnos superiores, sobre qualquer assumpto é a de um homem cujas opportunidades de acertar estão inteiramente fóra de proporção com as nossas.

A sua posição e as suas faculdades alargadas são na realidade a herança de toda a humanidade, e, por longe que estejamos ainda d'esses grandes poderes, nem porisso é menos certo que um dia elles serão nossos. E que differente que será este velho mundo quando toda a humanidade possuir a clarividencia superior! Reflecti na differença que fará para a historia quando todos puderem ler os registros; para a sciencia quando todos os processos, a respeito dos quaes os homens hoje theorisam, podem ser vistos em operação; para a medicina, quando o medico e o paciente podem ambos ver, com clareza e justiça, tudo o que se está fazendo; para a philosophia, quando já não fôr possivel qualquer discussão quanto á sua base, porque todos podem ver um mais

largo aspecto da verdade; para o trabalho, quando todo o trabalho será uma alegria, porque cada individuo só terá de fazer aquillo que melhor possa fazer; para a educação, quando os espiritos e os corações das creanças estiverem patentes ao professor que está tentando da formação dos seus caracteres; para a religião, quando já não houver possibilidade de discussão sobre os seus dogmas fundamentaes, visto que a verdade a respeito dos estados depois da morte e da Grande Lei que rege o mundo estará aberta aos olhos de todos.

E, acima de tudo, quão mais facil não será aos homens evoluidos d'esse tempo auxiliarem-se uns aos outros, em condições tão mais livres! As possibilidades que se abrem ante os nossos olhos são como visões gloriosas que de todos os lados nos cerquem, de modo que a nossa septima volta deve na verdade ser uma verdadeira edade de ouro. Bem é para nós que essas grandes faculdades não serão possuidas pela humanidade inteira senão quando ella tiver evoluido até um nivel muito superior de moralidade, assim como de sabedoria; se assim não fôsse, iriamos apenas repetir, em condições muito peores, a terrivel derrocada da grande civilização da Atlantida, cujos membros não comprehenderam que o augmento do poder implica o augmento da responsabilidade.

E comtudo nós-proprios estivemos, na grande maioria, entre esses homens; oxalá que tenhamos aprendido alguma cousa com essa derrocada, e que, quando as possibilidades da vida maior se abrirem deante de nós, possamos, d'esta vez, haver-nos mais nobremente.

INDICE

INDICE

CAPITULO I

O que é a clarividencia 5

CAPITULO II

Clarividencia simples: Completa 33

CAPITULO III

Clarividencia simples: Parcial 57

CAPITULO IV

Clarividencia no espaço: Intencional 67

CAPITULO V

Clarividencia no espaço: Semi-intencional . . . 95

CAPITULO VI

Clarividencia no espaço: Não-intencional . . . 101

CAPITULO VII

Clarividencia no tempo: O Passado 113

CAPITULO VIII

Clarividencia no tempo: O Futuro. 153

CAPITULO IX

Methodos de desenvolvimento 189

Colecção "PSICOLOGIA EXPERIMENTAL,,

VOLUMES PUBLICADOS:

I A Psicologia Experimental

Estudo sintetico das virtualidades do psiquismo humano e suas fórmas operatorias. Notas de propedeutica filosofica. 300

II O Hipnotismo e a Sugestão (1.ª parte)

Historia da Hipnologia Artificial. Teorias. Factos. Processos e perigos. Opiniões e pratica dos principais operadores 200

III O Hipnotismo e a Sugestão. A Hipnologia Transcendental (2.ª parte). . . 500

A teoria do Vertiginismo e a sua amplitude filosofica. Os problemas modernos e as Sciencias Antigas. A Hipnologia e a Magnetologia. O Transcendentalismo operatorio. A transmissão do pensamento. O desdobramento de personalidade. A estigmatização e a hematidrose. O «envoutement». Os fantasmas. «Maisons hantées». O magnetismo pessoal, a irradiação do pensamento e da vontade. A hipotese espirita. A hipotese positivista.

IV O Magnetismo

A hipnologia e a magnetologia através das idades. Historia. Curso pratico e sintese das teorias e processos dos principais mestres antigos e contemporaneos. 300

V O Espiritismo

Historia e critica do facto espirita. O Alto-Espiritismo. Teorias, documentos e factos. O transcendental na Sciencia 200

VI As Sciencias Malditas

Esboço de Filosofia Hermetica. O Transcendentalismo através da Historia. A indução electro-magnetica dos astros. As Sciencias divinatorias perante a critica positiva. A Renascença esoterica de 1886. 200

VII O Ocultismo e a Sciencia Contemporanea

Historia do Hermetismo antigo e contemporaneo. A Filosofia oculta e os seus principais propugnadores. Notas de critica scientifica. 200

VIII A Teosofia

As infiltrações do Budismo filosofico. A obra de H. P. H. Blavatsky, Annie Wood, Sinet, etc. O tradicionalismo esoterico do Ocidente e do Oriente 300

NO PRÉLO:

IX A Psicoterapia

A Magnetologia aplicada. Os limites da hetero e da auto-sugestão. A terapeutica sugestiva.

X As Sciencias Transcendentais através da Historia

Estudo analitico dos periodos principais da Historia da Filosofia em suas relações com os fenomenos transcendentais. Conclusões concretas. Os principios e os destinos humanos.

Os titulos dos volumes da primeira série da presente colecção, que umas simples notas elucidam, deixam entrever o alcance e o interesse scientifico de todos os ramos da Psicologia Experimental.

As obras anunciadas serão rigorosamente estudos sinteticos, resumindo os principais trabalhos, que até o presente se teem publicado, conglobando todas as teorias e opiniões.

A primeira série, portanto, de volumes mutuamente e absolutamente independentes, será um tratado completo de todas as sciencias transcendentais apoiadas na constatação rigorosa dos factos e dispostas sob o *contrôle* dum criterio rigorosamente positivo.

91-B29839

GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00122 6022